



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Jamile Maria de Fátima da Silva

**MODELOS MENTAIS E A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SEXISMO EM
ESPAÇOS VIRTUAIS DE INTERAÇÃO: uma abordagem sociocognitiva**

Recife

2021

Jamile Maria de Fátima da Silva

**MODELOS MENTAIS E A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SEXISMO EM
ESPAÇOS VIRTUAIS DE INTERAÇÃO: uma abordagem sociocognitiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Evandra Grigoletto

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Falcone de Azevedo

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

S586m Silva, Jamile Maria de Fátima da
Modelos Mentais e a construção discursiva do sexismo em espaços
virtuais de interação: uma abordagem sociocognitiva / Jamile Maria de
Fátima da Silva. – Recife, 2021.
133f.: il., tab.

Sob orientação de Evandra Grigoletto.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro
de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Inclui referências e anexos.

1. Modelos Mentais. 2. Sociocognição. 3. Discurso. 4. Feminismo.
5. *Facebook*. I. Grigoletto, Evandra (Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2021-245)

Jamile Maria de Fátima da Silva

**MODELOS MENTAIS E A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SEXISMO EM
ESPAÇOS VIRTUAIS DE INTERAÇÃO: uma abordagem sociocognitiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Letras da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito parcial à
obtenção do Título de Mestra em Letras.

Aprovada em 25/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Evandra Grigoletto (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Karina Falcone de Azevedo (Coorientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Thaís Ludmila da Silva Ranieri (Examinadora Externa)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

À Maria Rosália da Silva (*in memoriam*), minha avó e primeiro exemplo de mulher preta feminista que me fez questionar, desde que eu era criança, com sua força e resiliência, a realidade à minha volta. À sua ancestralidade, que remete, genuinamente, à formação matriarcal de minha família. Que assim seja, até que eu me torne ancestral, e minha cria, atual.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus universal que une seus filhos no propósito do amor: meu Deus e seu filho Jesus Cristo;

À minha mãe, irmãos, tios e primas(os) que sempre me incentivaram na caminhada;

Ao meu marido que esteve ao meu lado nos piores momentos dessa jornada;

À minha estimada sogra, que me deu guarida, não só física, mas, sobretudo, emocional quando mais precisei;

À minha orientadora Profa. Dra. Evandra Grigoletto; à sua generosidade, dedicação e afetividade que me concedeu durante o processo de escrita. Atravessar esse rio não seria possível sem a ponte que erguestes para que eu pudesse ir além do que julguei poder ir;

À minha coorientadora Profa. Dra. Karina Falcone, ao seu acolhimento e palavras de conforto nos momentos de dúvida, e, sobretudo, às suas valorosas contribuições que enriqueceram este trabalho;

Aos queridos Profs. Drs. Iran Melo e Thaís Ranieri que aceitaram o convite de colaborar como membros titulares da banca de defesa; também às Profas. Dras. Suzana Cortez e Lílian Noemia, pela disponibilidade e aceite de participação como membras suplentes;

À minha doce Bruna Dugnani, Profa. Dra. da graduação que me incentivou e me fez acreditar no projeto germinal deste trabalho;

Ao corpo docente do mestrado que compartilhou e me acresceu conhecimento no decursodessa jornada;

Aos meus amigos de graduação e pós graduação, que dividiram comigo não só os processos acadêmicos, mas, acima de tudo, os momentos de dores e incertezas; em especial à minha amiga, e trevo de quatro folhas, Carol;

Aos queridos servidores da UFPE, que foram os primeiros a me presentear com um acalento de bom dia, assim que cheguei a esta casa.

A todas, todos e todes, meus mais sinceros agradecimentos.

“O poder é exercido por meio da coerção (o monopólio da violência, legítima ou não, pelo controle do Estado) e/ou pela construção de significado na mente das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica.” (CASTELLS, 2013, p. 13).

Não nos deixemos, portanto, intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher, nem nos impressionar com os elogios interesseiros que se fazem à ‘verdadeira mulher’; nem nos contaminar pelo entusiasmo que seu destino suscita entre os homens que por nada nesse mundo desejariam compartilhá-lo (BEAUVOIR, 2016, p. 23-24).

RESUMO

A teoria dos “modelos mentais”, proposta por van Dijk (2014; 2017), é uma abordagem fundamental para a análise crítica do discurso. Neste trabalho, analisamos Modelos Mentais como fruto de processos sociocognitivos, os quais servem à manutenção de hierarquias de poder. Entendemos, pois, que debruçar-se sobre eles é promover a desconstrução de estereótipos e, assim, reaver a identidade de grupos marginalizados. Como *lócus* investigativo, inserimo-nos em esferas virtuais de interação por entender que, atualmente, a internet figura como teia na qual todos os dias se tecem novas relações que conectam a sociedade em rede; as temáticas oriundas desses elos interferem na construção do pensamento humano e, conseqüentemente, nas atitudes de seus usuários. Dessa forma, nosso objetivo é aclarar significados encobertos por meio de categorizações depreciativas, imputadas às mulheres militantes da causa feminista, analisando discursos misóginos disseminados no site da rede social *Facebook*, com vistas à observação da construção de Modelos Mentais que emergem das produções linguístico-discursivas dos comentários reproduzidos nesses espaços. Para tanto, ancoramo-nos em pressupostos multidisciplinares embasados, sobretudo, na Análise Crítica do Discurso, especificamente, através das teorias desenvolvidas por van Dijk (1998; 2014; 2015a; 2015b; 2015c; 2017), as quais, por meio da interface da socio cognição, nos revelam o corpo de significações que compõe as representações mentais. Para compreender a constituição social de gênero, recorreremos à Beauvoir (2016) e Butler (2003;2019); no que concerne às influências tecnológicas/ideológicas dos meios digitais, amparamo-nos, essencialmente, em Recuero (2015) e Zuboff (2019); quanto às discussões teórico-analíticas, buscamos suporte em Ciulla (2014); Cavalcante (2011); Falcone (2008). Metodologicamente, adentramos nos domínios textuais da *fanpage* Quebrando o Tabu, do *Facebook*, por esta ser uma página que abrange temas de relevância para sociedade, especialmente sobre a violência de gênero, e cujo alto número de seguidores garantem uma rica fonte de Modelos Mentais. Ao destacar os modos de referir desses usuários, nosso intuito é mostrar como certos referentes são ressignificados na construção das redes de interação/significação, de acordo com as representações sociais, por meio das (re)categorizações. Dessa forma, convém enfatizar que nossa análise se centra no âmbito lexical e, ainda, multissemiótico dessas (re)categorizações. Os resultados revelam que os Modelos Mentais são pessoais e avaliativos, portanto, influenciáveis. Eles induzem categorizações que, por sua vez, operam no depreender sociocognitivo do evento comunicativo em que os interactantes estão inseridos. Assim, os Modelos Mentais, amparados pelo contexto, infligem à produção discursiva traços simbólicos inerentes ao conhecimento e às crenças

compartilhadas entre grupos, sendo, pois, por meio dessas elaborações que as representações nascem e se solidificam no meio social, consolidando modelos legitimadores de uma “realidade” ideologicamente orientada.

Palavras-chave: Modelos Mentais; Sociocognição; Discurso; Feminismo; *Facebook*.

ABSTRACT

The theory of “mental models”, proposed by van Dijk (2014; 2017), is a fundamental approach for critical discourse analysis. At this work, we analyze Mental Models as result of socio-cognitive processes, which serve to maintain power hierarchies. We understand, therefore, that to focus on them is to promote the deconstruction of stereotypes and, thus, recover the identity of marginalized groups. As an investigative locus, we insert ourselves in virtual spheres of interaction because we understand that currently, the internet figures as a web in which new relationships are woven everyday that connect society in a network; the themes arising from these links interfere in the construction of human thought and, consequently, in the attitudes of its users. Thus, our objective is to clarify hidden meanings through derogatory categorizations attributed to women militants of the feminist cause, analyzing misogynistic discourses disseminated on the social network website Facebook, with a view to observing the construction of Mental Models that emerge from linguistic-discursive productions of the comments reproduced spaces spaces. For this, we anchored in multidisciplinary assumptions grounded, above all, in the Critical Discourse Analysis, specifically, through the theories developed by van Dijk (1998; 2014; 2015a; 2015b; 2015c; 2017), which, through the interface of sociocognition, reveal to us the body of meanings that make up mental representations. To understand the social constitution of gender, we turn to Beauvoir (2016) and Butler (2003; 2019); with regard to the technological/ideological influences of digital media, we rely, essentially, on Recuero (2015) and Zuboff (2019); as for the theoretical-analytic discussions, we seek support in Ciulla (2014); Cavalcante (2011); Falcone (2008). Methodologically, we entered the textual domains of the Facebook fanpage *Quebrando o Tabu*, as this is a page that covers topics of relevance to society, especially about gender violence, and whose high number of followers ensure a rich source of Mental Models. By highlighting these users' ways of referring, our aim is to show how certain referents are re-signified in the construction of interaction/signification networks, according to social representations, through categorizations. Thus, it is worth emphasizing that our analysis focuses on the lexical and even multisemiotic scope of these categorizations. The results reveal that Mental Models are personal and evaluated, therefore, influenceable. They induce categorizations that, in turn, operate on the socio-cognitive understanding of the communicative event in which the interactants are inserted. Thus, Mental Models, supported by the context, inflict symbolic traits on the discursive production inherent to the knowledge and beliefs shared between groups. It is, therefore, through these elaborations that representations are born and solidified in the social

environment, consolidating models that legitimize an ideologically oriented “reality”.

Keywords: Mental Models; Sociocognition; Speech; Feminism; *Facebook*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - relação constitutiva entre contexto, modelos mentais e sujeito.....	39
Figura 2 - níveis de memória.....	50
Figura 3 - sistema de crenças sociais, e posição integrada das Representações.....	52
Figura 4 - Quebrando o Tabu, <i>post</i> 1.....	79
Figura 5 - sequência de comentários 1.....	80
Figura 6 - sequência de comentários 2.....	82
Figura 7 - sequência de comentários 3.....	83
Figura 8 - sequência de comentários 4.....	85
Figura 9 - sequência de comentários 5.....	87
Figura 10 - sequência de comentários 6.....	88
Figura 11 - sequência de comentários 7.....	89
Figura 12 - sequência de comentários 8.....	90
Figura 13 - Quebrando o Tabu, <i>post</i> 2.....	91
Figura 14 - sequência de comentários 9.....	92
Figura 15 - sequência de comentários 10.....	93
Figura 16 - Quebrando o Tabu, <i>post</i> 3.....	94
Figura 17 - sequência de comentários 11.....	95
Figura 18 - Quebrando o tabu, <i>post</i> 4.....	98
Figura 19 - sequência de comentários 12.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativo e seleção do <i>Corpus</i>	77
Tabela 2 - Nós” vs “Elas”: Representação Social das Mulheres Feministas.....	96

LISTA DE SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
FB	Facebook
LC	Linguística Crítica
LT	Linguística Textual
ME	Memória Episódica
MM	Modelos Mentais
MS	Memória Semântica
MLP	Memória de Longo Prazo
RS	Representação Social
SC	Sequência de Comentários
QT	Quebrando o Tabu

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	Definição do aporte teórico.....	20
1.2	Delimitação do <i>corpus</i> da pesquisa.....	22
1.3	Percurso Organizacional do trabalho.....	23
2	POR UMA ANÁLISE MULTIDISCIPLINAR DE DISCURSO.....	25
2.1	A nova racionalidade como direcionamento científico.....	26
2.2	A sociedade em rede: metodologias relacionais, transacionais.....	28
2.3	Análise crítica do discurso: o farol da linguística.....	32
2.4	Abordagem sociocognitiva de contexto: a base dos modelos mentais.....	36
3	MODELOS MENTAIS E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS FEMINISTAS: UM TRATO IDEOLÓGICO DA REALIDADE.....	43
3.1	Ativação do conhecimento através dos níveis de memórias.....	47
3.2	Ideologia: a categoria axiomática dos Modelos Mentais.....	52
3.3	Modelos sociais de gênero sob vieses ideológicos.....	56
3.4	Mediação Tecnológica/Ideológica em espaços do <i>Facebook</i> : fabricando Modelos Mentais.....	64
4	ASSUNÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E ANÁLISE INVESTIGATIVA DOS DADOS.....	70
4.1	Categorizar para (re)significar.....	71
4.2	Compósito estrutural do gênero comentários de <i>Facebook</i>	74
4.3	Triagem do Corpus.....	76
4.4	Redes de significação discursiva: generalização e abstração na conceitualização do feminismo.....	79
4.5	Deslegitimação discursiva como recurso de manipulação.....	85
4.6	Uso referencial na categorização da Mulher Feminista.....	89
4.7	Contexto e a representação de um Modelo Mental específico: A feminista Marielle Franco.....	97
5	ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	102
	REFERÊNCIAS.....	106
	ANEXO A – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM MAIO/2020.....	110

ANEXO B – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM MAIO/2020: CONTINUAÇÃO.....	119
ANEXO C – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM NOVEMBRO/2020.....	125
ANEXO D – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM MARÇO/2020.....	129

1 INTRODUÇÃO

A violência simbólica contra mulher, disseminada em espaços virtuais, muitas vezes ocorre de forma velada, tendo em vista a opacidade da língua e o complexo processamento de estratégias que circundam as implicitudes do discurso. Diante disso, os *sites* de mídias sociais podem ser um campo fecundo tanto para abstração, quanto para a (re)produção de modelos mentais que, por meio de representações sociais distorcidas das mulheres feministas, consolidam discursos e práticas discriminatórias contra esse grupo social. Entendemos, neste estudo, que, atualmente, dentro das redes sociais digitais, mais especificamente o *Facebook*, a língua aceita os sexismos da linguagem por meio das formulações discursivas de seus interactantes.

Decorrente disso, o *status quo* que as feministas ocupam no cenário atual é de relegação a estereótipos forjadas por um discurso machista que subjaz a imagem dessas mulheres e invalidam suas reivindicações por equidade de gênero. A depender da aceitação, naturalização e legitimação, esse tipo de discurso tem o poder de estabelecer, por séculos, padrões opressores que levam a práticas de dominação social.

Entendemos que “em si, a língua não é sexista, embora o seja o uso que fazemos dela. Por isso, a única forma de mudar uma língua sexista excludente e discriminatória, seja explicar qual a base ideológica em que ela se sustenta, assim como oferecer alternativas concretas viáveis de mudança” (CERVERA; FRANCO, 2006, p. 5). Isto posto, é imprescindível que reconheçamos a ilegitimidade de práticas sexistas manifestas através da língua em espaços de interação, pois a construção ideológica que se convencionou nessas esferas remetem a estratégias de resignificação de sentidos e de manipulação mental contra o processo evolucionário de um discurso feminista.

À vista disso, apesar de termos o conhecimento que a violência de gênero atinge as mulheres como um todo, neste estudo, voltamo-nos sobretudo para as narrativas criadas em torno dos atores sociais pertencentes ao movimento feminista, por entendermos que um discurso sexista é, em sua essência, antifeminista. Alinhamo-nos, dessa forma, com as assunções da filósofa Kate Manne – citada por Dilma Rousseff¹ em seu ensaio escrito para o livro *Sempre*

¹ Primeira presidenta eleita do Brasil, que foi destituída de seu cargo no ano de 2016 por meio de um golpe político, forjado sob as implicitudes de discursos misóginos e sexistas, construídas nos mais diversos meios midiáticos.

foi sobre Nós (2021), em que a ex-presidenta relata a violência de gênero vivenciada por mulheres políticas do Brasil –, as quais dizem que seria ingenuidade achar que o alvo da misoginia seja qualquer mulher. Na verdade, ela é destinada às mulheres que não cumprem com o acordo societal de dominância masculinista, mais conhecido como patriarcado; àquelas que não se enquadram nos padrões patriarcalistas de gênero. Rousseff (2021, p. 59-60) destaca, ainda, que “na verdade, a misoginia só ataca as mulheres que se desviam de padrões dominantes, a começar pela norma segunda a qual aos homens é que cabe o exercício de poder”.

Tal poder, segundo van Dijk (2014), pode ser exercido através do domínio da mente que, por sua vez, se molda em domínio discursivo. Controlando o discurso, suas (re)significações, as formas de dominação se enraízam no simbólico e modelam/alteram as percepções dos sujeitos. Ao assumirmos que os espaços de interação digital se tornaram esferas de compartilhamento de crenças e conhecimentos que influenciam diretamente o agir dos indivíduos na sociedade, nos indagamos o seguinte: que tipo de conhecimento é esse que está sendo compartilhado nas redes? A quem ele serve? O quê ou quem o legitima? E, principalmente, quais as implicações diretas na partilha desse conhecimento sobre a construção e naturalização do discurso sexista?

Para respondermos essas indagações, o debate de gênero na sociedade, bem como suas implicações discursivas e sociocognitivas com o sexismo, requer uma multidisciplinaridade de olhares sob diferentes vieses que nos permitam analisar a dimensão do problema, desde suas origens até as ramificações sociais pelas quais ele se engendra. Atualmente, os sites de redes sociais ocupam um espaço abrangente nas relações e interações entre os sujeitos, moldando suas formas de pensar, tomadas de atitudes, posicionamentos individuais e sociais influenciados pelo alcance de pessoas que esses espaços conectam. Apesar de admitirmos que ainda exista um fosso digital entre alguns segmentos da sociedade, principalmente àqueles pertencentes a classes menos favorecidas, é inegável que a inovação das interações, intermediadas via internet, trouxe um novo cenário às formas de poder e legitimação discursiva. Nesse espaço de sociação e compartilhamento de vivências, a naturalização de discursos discriminatórios, tal como o preconceito de gênero, afeta não só quem está *online* mas também quem está *offline*.² O que implica em dizer que nosso estudo não diz respeito tão somente às interações digitais, mas, sobretudo, às formas de exclusão desencadeadas por um efeito em rede – dentro e fora da

² Os termos *online* e *offline* são usados por Recuero (2015) para referir-se àqueles que estão dentro e fora das conexões virtuais. Todavia, tal qual assumimos nesta pesquisa, a autora assegura que, embora distintas, essas ligações são intercambiáveis, pois estão necessariamente ligadas entre si.

internet – que tais práticas discursivas ocasionam.

Para um enquadre amplo das relações ideológicas, sociais e cognitivas que abarcam esse fenômeno, o norte teórico deste estudo recai, predominantemente, sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD), por entendermos que essa vertente da linguística, justamente com seu teor articulatório de vieses, nos permitirá frutíferas acepções acerca do tema proposto.

A linguagem, para a ACD, constrói mundos. Nessa perspectiva, discurso é língua, língua é discurso, e debruçarmo-nos sobre esta relação demanda um olhar nada limitado sobre os campos de atuação onde a língua acontece. Isso, necessariamente, implica uma junção secundária de orientações; como afirma van Dijk (2015a, p.114), “a análise crítica de problemas sociais, empiricamente adequada, é normalmente multidisciplinar”; assim é a ACD. Uma teoria que, por seu caráter plural, engloba diversas vertentes de pensamentos voltados às ciências sociais, reunindo em seus pressupostos não apenas vieses linguísticos ou gramaticais, mas sim todo conglomerado de estudos que estejam voltados a entender como se formam as relações sociais envoltas na/pela linguagem.

Não confundamos, todavia, texto e discurso como instrumentos de pesquisas sociológicas, antropológicas ou psicológicas. São, antes de tudo, moldadores de um pensar, um agir transcrito e circunscrito nos atos sociais da língua(gem) e, quando aliados à pluralidade disciplinar de outros cânones, nos permitem uma ampla abordagem dos fenômenos observados.

Portanto, nosso intuito, neste trabalho, é investigar a língua como exercício político, mergulhados na historicidade e fatos que melhor a sustentam do que em teorias descritivas e superficiais da língua. Dito isso, não nos furtaremos ao engajamento social que tal estudo nos direciona. Esta pesquisa pauta-se na defesa de um grupo social marginalizado e inferiorizado – as feministas – por meio de práticas discursivas aceitas e disseminadas em contextos sociais de interação, os quais corroboram para um tipo específico de violência contra mulher. Dessa forma, nos dispomos da neutralidade científica, posto que ela não existe para os analistas críticos do discurso, e propomo-nos a identificar os principais elementos que reforçam essa rede de significação discursiva pejorativa em torno das feministas.

A relevância deste estudo se justifica pela urgência em desenvolver estratégias de (re)conhecimento das práticas languageiras que insuflam a violência simbólica contra o gênero social feminino, através de elementos linguísticos, uma vez que, intermediada por contextos de interações contemporâneos – os quais acreditamos ser palco para formação massiva de representações sociais –, esses discursos tendem a ser tomados como legítimos, e práticas de

ódio passam a ser naturalizadas. Decorrente disso, reconhecemos a necessidade de proceder uma pesquisa linguístico-discursiva que problematize essa realidade construída, em rede, por modelos orientadores de condutas discriminatórias em espaços virtuais de interação.

Dessa forma, traçamos como objetivo principal dessa dissertação a análise de discursos misóginos disseminados no site da rede social *Facebook*, por meio da página Quebrando o Tabu, com vistas à observação da construção de Modelos Mentais que emergem das produções linguístico-discursivas dos comentários reproduzidos nesses espaços. Isso nos leva, conseqüentemente, a avaliar, diante dessas construções, a representação social deturpada que surge em relação às mulheres feministas.

Sobre os objetivos específicos, definimos:

- Focalizar as construções discursivas expressas através do gênero “comentários” do *Facebook*;
- Abordar, dentro das especificidades do gênero textual em questão, a produção discursiva que compõe a rede de significações da (re)categorização da palavra feminismo, seja ela verbal ou não verbal;
- Observar o processo que engendra tais (re)categorizações no discurso sexista, como: a deslegitimação discursiva como recurso de manipulação; uso referencial na categorização da mulher feminista; a incidência do contexto na construção da Representação Mental do simbólico “feminista”;
- Analisar *posts* que abordem tema de relevância e polêmico do universo feminista que, por ventura, venham a “extrair” a representação social que os interactantes têm do feminismo, como assuntos relacionados a feminicídio, aborto, liberdade sexual da mulher; etc.

Como pressuposto, entendemos que o preconceito fomentado por estereotípias não é baseado em fatos, mas sim em modelos mentais. Dito isso, defendemos, nesta pesquisa, embasados teoricamente nas obras de van Dijk (1998; 2014; 2015a; 2015b; 2015c; 2017), que os modelos mentais, são orientados, também, por práticas e idealizações tradicionais, reguladoras da sociedade tal qual ela se apresenta. “Em outras palavras, os discursos e os modelos que expressam e transmitem são os principais meios de reprodução do conhecimento na sociedade, tanto na interação cotidiana quanto em muitos discursos públicos. (VAN DJIK,

2014, p. 53, tradução nossa)³. É, pois, com vistas à análise da construção dessas representações, como veremos adiante, que delimitamos os percursos teórico-metodológicos desta pesquisa.

1.1 Definição do aporte teórico

Para compor o quadro teórico norteador desta dissertação, reportamo-nos aos referenciais teóricos da ACD, sob os postulados assumidos por van Dijk (1998; 2014; 2015a; 2015b; 2015c; 2017), dentro dessa vertente. O teórico holandês recobre sua teoria pela interface que liga o discurso à sociedade: a cognição social. Essa especificidade nos estudos do autor adequa-se à proposta desta pesquisa por nos permitir adentrar em espaços pouco explorados ainda nos estudos da linguagem, e, assim, entender como os processos de subjetivação dos atores sociais se efetivam juntamente com as práticas sociais de interação, materializando-se nos mais diversos domínios discursivos.

Conscientizar e problematizar cientificamente as relações entre discurso e sociedade são os vetores condicionantes desta teoria, e, conseqüentemente, diminuir o abismo social promovido por instituições hierárquicas de poder. É uma forma de “investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (WODAK, 2004, p. 225). Isto é, a ACD busca questionar os pilares estruturantes de um corpo social alçado em antagonismos ideológicos os quais, uma vez inseridos na cognição dos interactantes, subvertem a noção de sociedade igualitária. É, ela, um projeto de ruptura dos sistemas de opressão, através da reflexão crítica ancorada política e ideologicamente.

Não obstante, admitimos que, devido às exigências de abordagem pluridisciplinar que teorizações críticas do discurso essencialmente requestam, as discussões do corpo teórico deste trabalho aliam-se a reflexões sociológicas e psicológicas, assim como o faz van Dijk em seus postulados, inclusive na obra *“Discourse and Knowledge: A Sociocognitive Approach”* (2014), da qual tiramos sustentação para nossa pesquisa. Dessa forma, contribuições epistêmicas de autores como os sociólogos Emirbayer (1997), Giddens (2013) e o psicólogo social Moscovici (2007), entre outros autores, através de seus cânones, enriquecem as discussões deste trabalho.

Em destaque, ressaltamos as conceptualizações psicossociais de Moscovici (2007) para

³Na versão original: *“In other words, the speeches and models that they express and transmit are the main means of reproducing knowledge in society, both in everyday interaction and in many public speeches”* (VAN DIJK, 2014, p.53)

nossa pesquisa, pois elas encontram-se intrinsecamente ligadas ao nosso objeto de investigação – os Modelos Mentais –, uma vez que van Dijk (2014) pactua das premissas do teórico romeno para compor sua análise cognitiva de discurso. Pelo viés das representações sociais proposta por Moscovici (2007), e acolhida por van Dijk, considera-se simbólico aquilo que está por trás dos significados construídos dentro de um contexto específico de interação, o qual passa a ser ativado através da linguagem e dos processos de memória, depreendendo daí as relações de significação sob crenças compartilhadas que edificam as representações e que, conseqüentemente, nos levam ao objeto que pretendemos discutir.

Para van Dijk (2017), a elaboração teórica de modelos mentais difere da concepção dos modelos mentalistas unicamente de natureza inata. O autor assevera que, embora modelos mentais sejam ativados através da subjetividade de memórias de longo e curto prazo, eles são filtrados, separados e (re)organizados de acordo com os filtros culturais e sociais que construímos ao longo da interação social e que refletem as experiências grupais.

Desse modo, ao ponderarmos sobre os modelos mentais como ponto de partida e compreensão do discurso de ódio⁴ contra as feministas nas redes sociais, procuramos fazer emergir como o conhecimento ou o que se toma como sendo conhecimento administra a produção dos sentidos em determinados contextos de interação e aduz ao consenso grupal, por vezes, configurando práticas discriminatórias.

A estimulação dos modelos frente à situação contextual em que o sujeito se apresenta, é ativada, segundo van Dijk (2014, p. 26, tradução nossa)⁵, por processos cognitivos – via organização de memórias⁶ – os quais estão relacionados às abstrações subjetivas que fazemos da situacionalidade comunicativa. Assim, “percepção, experiência, discurso, inferência” são critérios elencados pelo teórico para compor o corpo de significações que constroem as representações discursivas.

⁴ O discurso de ódio atualmente figura como práticas que deslegitimam lutas e desproveem de humanidade o seu destinatário. Consiste no ataque explícito ou velado a grupos minoritários que performem, de algum modo, a ruptura tradicionalista de uma sociedade pautada em hierarquias discriminatórias. Segundo França (2019), é um discurso que incita à violência contra “alvos” (grupos), como forma de reação a posturas que ele – o discurso de ódio – toma como nocivas à “ordem estabelecida” pelos dominantes. Logo, o autor define discurso de ódio, como “violência motivada pelo ódio” (2019, p. 223). E mais, o estudioso diz que “a relação entre discurso de ódio e palavra (e fala) revela algo sobre o lugar de enunciação do autor” (França, 2019, p. 53). Ou seja, aquele que profere o discurso de ódio está inserido em uma posição, cuja observação nos dá indícios de suas crenças ideológicas. Logo, analisar discurso de ódio, nos meios sociais, permite não só vislumbrar os grupos atacados por essa prática, como, também, nos aponta o perfil de seus executores.

⁵ Na versão original: “*perception, experience, discouse, inference*” (VAN DIJK 2014, p. 26.)

⁶ O processo cognitivo pelo qual abstraímos as crenças, conceitos e representações sociais será abordado no capítulo 3 deste estudo.

Os modelos mentais consistem, pois, em um “instrumento teórico epistêmico fundamental” para se compreender o discurso e as representações sociais decorrente dele (VAN DJIK, 2014, p. 25, tradução nossa)⁷, pois são eles estruturas cognitivas que refletem a representação da realidade. Baseados em atitudes sociais, são similares a conexões em rede, pois, à medida que falamos, compartilhamos, interagimos discursivamente a partir dos modelos mentais que construímos e, assim, passamos adiante – na situação comunicativa – os valores, opiniões pessoais mutáveis e construções generalizadas que desenvolvemos sobre eventos específicos.

Assim sendo, entendemos que o discurso é amparado pelos modelos mentais de seus interactantes, o que implica em dizer que a situação contextual, sociocultural, em que os atores sociais estão inseridos, inflige à produção discursiva traços simbólicos inerentes às representações compartilhadas entre grupos de atores ligados entre si. A produção discursiva é, pois, impulsionada por eventos específicos e, por conseguinte, legitimada e naturalizada como fonte epistêmica de saber; pois, são ações contínuas do dia a dia, da experiência vivida, das crenças produzidas e compartilhadas, que as representações se engendram na sociedade.

1.2 Delimitação do *corpus* da pesquisa

Tendo em vista que os estudos da língua devem estar onde a vida acontece e que, atualmente, as redes sociais ocupam um espaço significativo na interação entre os sujeitos, entendemos, tal qual postula Recuero (2015, p. 23), que “as redes sociais são metáforas para estrutura de agrupamentos sociais. Elas são constituídas pelas relações entre os indivíduos e vão servir como estrutura fundamental para a sociedade.” À vista disso, chegamos à delimitação do nosso *corpus*, partindo inicialmente de um estudo exploratório em *sites* de redes sociais.

A pesquisa foi norteadada em busca do *site* que nos levasse: 1) ao maior número de usuários ativos; 2) que fosse utilizado como fonte de informação e troca de conhecimento. Assim, após um período de observação entre as principais mídias digitais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, concluímos que *Facebook* seria o mais adequado ao nosso estudo, tendo em vista o número de adeptos da rede “com mais de 2,2 bilhões de contas ativas – sendo 130

⁷ Na versão original: “[...] *fundamental epistemic theoretical instrument*” (VAN DJIK, 2014, p. 25).

milhões delas brasileiras”⁸, e o perfil dos seus interactantes que se adequa ao propósito dois.

Uma vez definido o campo de atuação, restringimos as análises a uma das *fanpages*⁹ mais influentes e com maior número de interações no *Facebook*: a página “Quebrando o Tabu”¹⁰. O motivo da escolha deu-se pelo fato de, além da página tratar de temas polêmicos com destaques significativos em apoio ao movimento feminista, ela agrega seguidores de crenças e opiniões distintas, Isso nos permitiu analisar como os sujeitos fazem uso das estratégias de persuasão e manipulação do conhecimento, por meio dos comentários, utilizando-se de retóricas argumentativas, modos de referenciar e categorizar, para que seus valores de verdade e sistemas de crença se sobressaíam aos daqueles que possuam outra forma de pensar.

É importante enfatizar a relevância dessa opção, pois, se seleccionássemos uma página, cujos atores compartilhassem dos mesmos vieses ideológicos, conseqüentemente, os modelos expostos, através dos discursos, seriam de interesses comum a um único grupo, portanto, desprovidos da necessidade de persuasões mais explícitas, o que limitaria nossa capacidade de investigação. “Pressupor atitudes idênticas ou relacionadas a respeito de questão sociais ou ideologias mais gerais altera de maneira profunda as estruturas retóricas e argumentativas do discurso” (VAN DIJK, 2017, p. 141). Ao proceder, pois, análises em um *lócus* que nos desse os modelos mentais claramente apresentados, nosso trabalho de análise seria apenas o de descrevê-los e aqui reproduzi-los. E como já fora dito antes, esse não é o nosso propósito.

Assim, envoltos numa metodologia de natureza qualitativa e caráter interpretativo, passamos a analisar as representações mentais dos sujeitos inferidas de acordo com as verbalizações e discursos encontrados nesses espaços.

1.3 Percurso Organizacional do trabalho

A composição organizacional desta dissertação destaca-se da seguinte forma:

No primeiro e presente capítulo, como vimos, tratamos da apresentação, exposição e retomada dos principais aspectos abordados durante o trabalho. Procuramos, nesta parte, tecer,

⁸ Dados retirados do *site*:<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em 27/10/2020, às 21h10min.

⁹ *Fanpages* ou páginas de fãs é um espaço específico dentro do *Facebook* destinado para pessoas ou marcas. As *fanpages* abordam diversos temas relativos aos mais variados campos e, com isso, agregam seguidores na medida em que estes se interessam pelos assuntos que estão sendo expostos.

¹⁰ A *Quebrando o Tabu* surgiu em 2011, e foi criada por Guilherme Melles, este permanece no comando da página até hoje. Atualmente, ela figura no ciberespaço como maior canal de mídia do *Facebook*, na qual, até o final desta pesquisa, contabilizava 10.838,485 seguidores.

de forma incisiva, porém introdutória, sobre os construtos e relações que nos levaram à problemática aqui levantada. A partir disso, os demais capítulos foram introduzidos de modo a criar um encadeamento teórico-analítico articulado sobre a proposta apresentada.

Assim, no segundo capítulo, refletimos sobre as benesses da interdisciplinaridade nas ciências humanas que constituem a práxis históricas dos construtos epistêmicos sociais modernos, sobretudo, nos estudos da linguística. Nele, apresentamos questões, como o da legitimidade científica, buscando, assim, chamar atenção para o fato de que o controle do conhecimento em uma sociedade induz à manipulação e assimilação de modelos dominantes socialmente hierarquizados, bem como evocamos também as várias noções que conectam uma sociedade em rede, tanto na teoria social quanto no plano sociocognitivo. O intuito de enveredarmos por tais domínios é mostrar que o ponto de intersecção com outros campos de estudo, além de ser próprio dos domínios da ACD, constitui um processo significativo de evolução científica, essa retratada, aqui, sob o paradigma da “nova racionalidade” (SANTOS, 2004). Entendemos que o “fazer ciência” pela ACD é uma proposta pela não neutralidade científica e discursiva, sendo, através do posicionamento político-reflexivo de seus analistas, que grupos sociais marginalizados ganham espaço nas discussões societais.

O terceiro capítulo é destinado à explicação do processo que põe em funcionamento o objeto desta pesquisa: discutiremos como a construção sociodiscursiva de Modelos Mentais (MM) condicionam as representações sociais em torno das feministas. Dessa forma, conceitualizaremos discurso e conhecimento, ambas elaborações evocadas, à luz dos pressupostos de van Dijk, com o fito de traçarmos os aspectos epistemológicos de uma análise sociocognitiva do discurso. Decorrente disso, discutiremos sobre as projeções ideológicas que recobrem a socialização do gênero feminino na sociedade, com ênfase nas redes sociais digitais de interação. Neste trabalho, assumimos ideologia como a “substância” que corporifica o discurso, transformando-o em práticas e ações, motivo pelo qual discutiremos em profundidade sobre o conceito no capítulo em questão.

No quarto e último capítulo, trataremos da apreciação metodológica e observação dos resultados deste estudo. Abordaremos, através da exposição e categorização do *corpus*, o percurso seletivo, bem como algumas teorizações pertinentes ao *locus* de análise, os comentários de *Facebook*, (doravante, FB) e aos processos de categorizações referenciais, que enredam as abstrações dos MM expostos nas análises.

2 POR UMA ANÁLISE MULTIDISCIPLINAR DE DISCURSO

A ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo critério e imaginação pessoal do cientista. A tolerância discursiva é outro lado da pluralidade metodológica
(SANTOS, 2004, p. 78).

O intuito desse capítulo é apresentar uma ótica interdisciplinar de conglomerados epistêmicos nos estudos da língua que, ao contrário do que alguns defensores de vertentes mais formalistas asseveram, contribuem para expansão e evolução teórica da linguística nos mais diversos campos e, sobretudo, naquele que é do seu próprio domínio e o motivo dela existir, a interação entre os seres.

Não temos, com isso, o interesse de contestar ou fazer novos paradigmas sobre vertentes linguísticas, mas sim ampliar perspectivas existentes no intuito de articular discussões e, assim, dar continuidade às progressivas assunções teóricas cujas premissas já se mostraram ser frutíferas e revolucionárias nos estudos linguísticos-sociais. Não tratamos aqui de teorias obsoletas, descartáveis, mas sim de rupturas que desaguam em outras vertentes. Pois, como o próprio pai da linguística assevera “[...] bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto [...]” (SAUSSURE, 1916, p.15).

Entendemos que a linguagem pressupõe ações conjuntas em redes de interação. Nenhuma atuação do sujeito é sozinha; suas práticas comportamentais são intermediadas por fatores que condicionam seus atos na sociedade. Tais fatores podem ser de ordem cognitiva, histórica, cultural, social, ou, simultaneamente, articulados à volta das interações sociais. Logo, compreender a linguagem implica, necessariamente, discutir as principais premissas que integram os campos de estudos relativo às imbricações entre sujeito e o meio que este ocupa.

Dito isso, e em defesa do conceito de ciência social crítica, concebida através de um *continuum* articulador entre vieses, a subdivisão deste capítulo dar-se-á da seguinte maneira:

Os três primeiros tópicos expõem as confluências entre diretrizes teóricas, sociais e psicológicas que datam de aspectos interativos/relacionais. A princípio, refletiremos sobre como a ciência moderna está fincada em moldes tradicionais. Posteriormente, inserirmo-nos em conceitos da pós-modernidade científica (SANTOS, 2004) como parâmetro norteador de todo diálogo deste trabalho.

Antes de tudo, cumpre-nos deixar claro que, apesar de considerarmos fortes junções

com outras linhas de estudos – sociologia, psicologia, filosofia –, a presente pesquisa está, sobretudo, baseada na linguística. A partir da seção 2.3, passamos a tratar, em profundidade, como a ciência da língua e suas vertentes evolutivas – com ênfase em Análise Crítica do Discurso – consolidam os domínios investigativos da relação entre sujeito e sociedade.

2.1 A nova racionalidade como direcionamento científico

A ciência produz discursos. Dito isso, nesta pesquisa, tomamos como parâmetro norteador o conceito de “nova racionalidade científica”, sob os direcionamentos de Santos (2004), o qual nos conduz para acepções teóricas e analíticas de que todo conhecimento científico é socialmente construído, devendo ser este – o social – o ponto de partida para articulação entre conhecimento científico e senso comum. Em outras palavras, é debruçar-se sobre o que a academia legitima como ciência e sobre o que ela toma como a distinção entre fatos sociais e fatos naturais, uma vez que, enquanto estes são vistos e aceitos pela comunidade epistêmica do saber, aqueles são julgados irrelevantes e desconsiderados como categorias de observação. Todavia, essa noção dualista e desacoplada é considerada um modelo mecanicista de fazer ciência, obstáculo este que pesquisadores contemporâneos se propõem a ultrapassar, partindo de uma visão humanística catalisadora de paradigmas que produz novas revalorizações científicas e, por consequência, novos discursos.

Podemos falar, grosso modo, em um modelo de ciência emergente – a ciência pós-moderna – que engendra seus fundamentos em perspectivas não-dicotômicas, tais como sujeito/objeto, natural/social, científico/senso comum e que, sobretudo, questiona a relação hierárquica entre conhecimento científico e conhecimento vulgar, disseminada em áreas que carregam o tradicionalismo acadêmico como fonte inquestionável do saber.

O preconceito entre o saber natural, considerado científico, e o empírico, baseado nas vivências dos sujeitos, é herdeiro dos moldes tradicionais do positivismo – que instituiu uma hierarquia entre as ciências naturais –, defendendo a ideia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro. Desenvolvida por Comte (1798-1857), a filosofia positivista abarca acepções éticas e morais que fundamentam a ordem e os valores de condutas na sociedade. Assim, podemos dizer que postular em prol de seus preceitos de ciência inquestionável, é também voltar-se a aceitar sistemas dogmáticos e dominantes de autoridades hegemônicas consubstanciadas em torno do que se toma como conhecimento.

Ao enveredar por caminho da nova racionalidade, admitimos que não há um determinismo natural para os fatos da vida; e que estes são construídos em relação intrínseca com a atuação do sujeito no mundo. Por esse viés, ações evolutivas pressupõem abordagens em conjunto com aspectos naturais e sociais. Santos (2004) assevera que três pontos são essenciais para compreendermos a ciência pós-moderna: 1) todo conhecimento científico natural é científico social; 2) todo conhecimento é local e total; 3) todo conhecimento é autoconhecimento.

Desse modo, sendo o conhecimento uma ação conjunta, pressupõe multiplicidade de olhares para sua compreensão, uma vez que o nexos de causalidade dos fenômenos, pelo viés da nova racionalidade, deve ser descrito com o foco não somente em seu funcionamento na sociedade, mas sim em como ele se põe em funcionamento na sociedade. Do mesmo modo, deve-se atribuir a essa perspectiva a não segregação dos saberes, ou seja, não existe um saber unicamente local que não possa transcender barreiras e expandir-se em outras áreas. Com isso, Santos (2004, p. 77) endossa que a divisão do conhecimento deva ser temática e não disciplinar, pois, sendo “total não é determinístico, sendo local, não é descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidade”.

No que tange ao último aspecto da ciência pós-moderna, a dicotômica relação entre objeto e sujeito cede lugar ao protagonismo que este ocupa na produção do conhecimento. O intuito é transcender o elitismo científico que se coloca acima das vivências humanas reduzindo-as a meras cobaias de laboratório. O sujeito empírico é aquele forjado no seio de suas interações, e, portanto, carrega consigo conhecimentos próprios, não devendo ser, por princípios reducionistas, dispendido de suas próprias produções.

As ilações de uma abordagem à luz da ciência pós-moderna nos infligem a adoção de parâmetros menos substancialistas e mais relacionistas em nossas análises. Isso pressupõe estendermo-nos até à seara de construtos multidisciplinares, com vistas a desenvolver um campo mais coeso de observação.

Acompanhemos a próxima seção.

2.2 A sociedade em rede: metodologias relacionais, transacionais

A teoria das redes, que nos auxilia na construção do objeto desta pesquisa, é evocada pelo viés sociológico de Simmel (1950). Considerado como um dos primeiros teóricos a debruçar-se sobre os padrões comportamentais que surgem da relação indivíduo-sociedade, o sociólogo alemão buscou traçar, através de sua obra, a correlação estrutural entre a filiação de indivíduos a grupos de coletividade, movimentando os estudos acerca da dinamicidade das redes de interação e buscando entender como a sociação – processo de construção do fazer-se sociedade – dá-se em uma perspectiva relacional. Muito embora assumamos que, em teoria de redes, não podemos falar única e exclusivamente de uma genealogia de autores, mas sim compreender que todos, dentro do campo sociológico, abarcam perspectivas e teorias de relevância, é pelas imbricações de Simmel (1950) em articulação à Emirbayer (1997) – outro estudioso relacionista – que redigimos a relação dos parâmetros conexistas societais.

Outro ponto que se faz necessário aclarar previamente é que, nesta pesquisa, as abordagens de redes não serão expostas *ad hoc*. Elas serão tomadas – com vistas à assimilação em ações comunicativas – como ponto interseccional de elaboração teórica e compreensão dos resultados. Apenas. Desse modo, ao optarmos por uma ótica “relacional” (EMIRBAYER, 1997), admitimos que enxergar a língua por parâmetros metodológicos de redes, implica em reconhecer seu atributo plástico, moldável, que se reorganiza e se reconfigura o tempo todo através da atuação/interação dos falantes.

A análise de redes em ciências sociais é propícia, pois possibilita que vislumbremos o campo de ação preenchido pelos actantes. Ou seja, quando falamos em redes, não falamos no individual, mas sim em atores que interagem. Apesar de, obviamente, apresentarmos recortes para fins de compreensão teórica – dos aspectos macros e micros –, a ênfase de uma perspectiva conexista não se ocupa nem do ator e nem da estrutura, mas sim das relações que emergem de todo o processo constitutivo da interação desses elementos. Daí a categorização de abordagem relacional.

As redes não se mantêm sozinhas, ou seja, elas não são estáticas; precisam ser alimentadas. Isso define o caráter transacional de uma estrutura – o fluxo ininterrupto mantido pelo agir conjunto e contínuo dos interactantes. Para Simmel (1999, p.43 *apud* HIGGINS; RIBEIRO, 2018, p. 18), “estas ações recíprocas significam que os vetores individuais destas

pulsões e destas finalidades iniciais constituem então uma unidade, isto é, uma ‘sociedade’”. Na visão do autor, só há sociedade onde há interação humana. Não há, pois, como lançarmos em direção de casos sem antes compreender que todo fenômeno individual é determinado por uma infinidade de fatores do ambiente humano.

Emirbayer (1997, p. 305, grifo nosso), diz que metodologias relacionais e transacionais são forjadas para analisar a ordenação de papéis sociais mediante mudanças sócio-históricas que a sociedade incorpora durante seu processo de construção. Por essa ótica, é possível infligir “uma mudança na maneira de pensar sobre o conceito como uma expressão categórica única e *começará* a pensar nele como integrado a redes relacionais complexas que são intersubjetivas e públicas”. O teórico postula ainda que

A abordagem [relacional, transacional] insere o ator em relacionamentos e histórias que mudam ao longo do tempo e no espaço e, portanto, impedem uma estabilidade categórica na ação. [...] A classificação de um ator como uma entidade divorciada da relacionalidade analítica não é ontologicamente inteligível ou significativa (EMIRBAYER, 1997, p. 293, tradução nossa)¹¹.

Tal qual uma abordagem relacional se opõe ao separatismo histórico entre indivíduo e sociedade, a visão transacional se opõe ao determinismo das situações estáticas como definidoras de fenômenos; isto é, não podemos considerar, segundo essas abordagens, que um mesmo fenômeno ocorrerá sempre que houver os mesmos contextos situacionais. Pensar assim evocaria um princípio classicista no qual as coisas têm um princípio fundante e constância universal, e, portanto, contrárias a uma ótica conexista. É, pois, a abordagem transacional, reflexiva e opositiva sobre a ordem lógica de que o mundo esteja dado *a priori*.

Nesses termos, os dualismos existenciais – certo e errado; bem e mal; ordem e caos – são construtos forjados nos laços de convívio entre os seres, em que, decorrente disso, recebem o *status quo* que os agentes imputam-lhes no círculo social; logo, por uma ótica de redes, não devem ser definidores ou pré-definidores da realidade, pois, tomá-los assim, é optar por uma racionalidade imutável dessas dicotomias e, assim, fechar os olhos para o que de fato as condiciona que, por sua vez, é perfeitamente alterável, o mundo em rede. Isso posto, cumpre-nos saber como as idealizações da realidade são construídas mediante uma ótica socialmente condicionada que influencia nosso jeito de pensar, agir e falar.

¹¹ Na versão original: *el enfoque [relacional, transaccional] inserta al actor dentro de relaciones e historias que cambian a través del tiempo y el espacio y, por lo tanto, precluye una estabilidad categórica en la acción. [...] La clasificación de un actor como un ente divorciado de la relacionalidad analítica no es ontológicamente inteligible nisignificativa*” (EMIRBAYER, 1997, p. 293).

O conceito de uma abordagem teórica que se aprofundasse no conceito de representação da sociedade pelos indivíduos começou a ser construído no campo da sociologia com os estudos iniciais de Émile Durkheim (1858-1917). Em seus pressupostos, o termo foi inicialmente empregado como “representações coletivas” em oposição às “representações individuais”, numa perspectiva de que estas deveriam ser objetos de estudo da psicologia enquanto àquelas da sociologia (DUBBEEN, 2007). Por esse motivo – pela separação entre social e psicológico – foi que os pressupostos de Durkheim não foram completamente desenvolvidos, tal qual na área da psicologia, cujos conceitos deveriam ser complementares e intercambiáveis. Embora seja atribuída ao sociólogo as acepções germinais de um conceito de representação social, foi somente com as teorizações de Moscovici (2007) que o termo “Representações Sociais” passou a ser estudado como fruto de imbricações sociais e cognitivas. “Através de sua própria análise destes textos fundantes da sociologia moderna, que o referencial explanatório exigido para tornar os fenômenos sociais inteligíveis deve incluir conceitos psicológicos, bem como sociológicos” (DUBBEEN, 2007, p. 25).

Moscovici apresenta uma teoria revolucionária ao contestar o tradicionalismo científico e fincar-se em campos de estudo empíricos. Ele defende que a ciência começa com os saberes da prática e, portanto, não há como dissociá-los. O objetivo principal da sua teoria é explicar o funcionamento do conhecimento social e de como este poderia transformar a ciência em senso comum.

Por entender que as pessoas aprendem com o grupo social no qual elas estão inseridas, Moscovici defende que a partilha dos saberes coletivos de um determinado grupo resulta no condicionamento das práticas, atitudes e ideias de seus interactantes. Podemos dizer, grosso modo, que a teoria das representações sociais é a teoria do pensamento social compartilhado; entretanto, não deve ser confundida como opinião, pois as representações sociais são, antes de tudo, saberes inculcados no coletivo, os quais, uma vez tomados como verdade, são propulsores das normas estabelecidas no/pelo corpo social.

[...] notamos a intervenção de representações que tanto nos orientam em direção ao que é visível, como àquilo a que nós temos de responder; ou que relacionam a aparência à realidade; ou de novo aquilo que define essa realidade. Eu não quero dizer que tais representações não correspondem a algo que nós chamamos o mundo externo. Eu simplesmente percebo que, no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados (MOSCOVICI, 2007, p. 32).

O que o autor postula acima é que a representação de algo ou alguém é uma forma de conhecimento moldado por práticas e costumes construídos interativamente. Decorrente disso,

a realidade ou construção de tudo que tomamos como real são conceitos dados por processo de formação coletivo ao qual o sujeito adere. Ela é construída e mantida pela coletividade, a fim de sugerir representações que culminem na manutenção grupal.

Da mesma forma que essas representações podem resultar em equilíbrio da coletividade, com valores e costumes que visem o bem-estar entre os seres, elas também podem ser usadas como formas de segregação e marginalização de grupos. Assim, ao concebermos determinada ideia, estamos abstraindo conceitos que foram formulados para atender determinado fim. Logo, o princípio fundante das Representações Sociais não são as ideias – pois estas não existem por si mesmas –, mas sim todo o acordo simbólico, culturalmente erigido, que culmina nas representações. Embora as representações sejam de ordem simbólica, elas tornam-se tangíveis ao serem materializadas através de práticas que as põem em funcionamento. O discurso é uma delas.

Nas palavras de Denise Jodelet, cientista social e colega durante muito tempo de Moscovici, a representação é uma “forma de conhecimento prático [...] conectando um sujeito a um objeto” (Jodelet, 1989, p. 43, *apud* Dubbeen, 2007, p.21). Dessa forma, os grupos, ao dialogarem na construção da realidade, ativam um processo de construção de massa que desemboca em representações estruturantes da sociedade, sendo que esse mesmo processo é permeado por condutas em relação a grupos antecedentes, o que significa que, para se ter a densidade de uma representação social, é preciso analisar a cultura e o contexto histórico em que se situa determinada representação.

Diante disso, assumimos, neste trabalho, que os sujeitos, ao se coordenarem para construir-se sociedade, utilizam simultaneamente recursos individuais e coletivos, e que o ponto observável desse processo constitutivo é, sobretudo, de ordem da linguística, pois, é a língua, expressão máxima de significar e ser significado. Ademais, a apropriação da linguagem pelos sujeitos – para, assim, representar-se no meio – é resultado de um processo sócio-histórico de evolução natural da relação entre os falantes. Isso posto, as indagações afluídas no âmbito da ciência linguística nos trazem significativas contribuições de plurais vertentes que ajudaram a consolidar o entendimento de língua enquanto fenômeno que ultrapassa a imanência estrutural do sistema para uma noção sociocognitivo-discursiva. Por esse viés é que escolhemos adentrar na seara da Análise Crítica do Discurso para, assim, tecer nossas considerações em torno da socialização dos sujeitos, pois, entendemos que, justamente por abarcar o social como fator de contextualização em suas acepções, ela nos concede a premissa de traçar os construtos discursivos que levam à produção e reprodução da desigualdade social através da língua.

Vejamos mais sobre essa importante vertente da linguística na seção seguinte.

2.3 Análise crítica do discurso: o farol da linguística

Como dito, a vertente da análise Crítica do Discurso (ACD) ancora seus preceitos no conceito de língua como sociointeração. Assim, nossas considerações serão à luz dos pressupostos teóricos de van Dijk (1998; 2014; 2015a; 2015b; 2017), os quais norteiam esta pesquisa com vistas à compreensão dos fenômenos sociais, cognitivos e discursivos das interações socialmente culturalizadas.

Previamente, cumpre frisar que a ACD sem recorte linguístico, pelo viés funcional morfológico, não abarca a linguagem como um todo; é preciso que haja uma adjeção entre os aspectos do macro (social) juntamente com o micro (linguístico); só assim teremos uma visão ampla do campo discursivo e das diferentes nuances que esse domínio alcança. A união entre os prismas macro e micro é intermediada através da sociocognição – fator salutar no presente trabalho – cujas condensações teóricas são inerentemente peculiares aos estudos de van Dijk, e sobre a qual falaremos mais adiante.

Por ora, cabe familiarizarmo-nos melhor com a heurística da ACD, que é, por natureza, debruçar-se sobre determinado fenômeno, a fim de não só de descrevê-lo, mas sobretudo, discorrer sobre seus precedentes histórico e sociais; os fatores fundantes de sua origem – aqueles que evidenciam o porquê de o fenômeno existir –, dos caminhos percorridos que nos levam até onde ele se estabelece. E, por fim, relacioná-lo com uma abordagem linguístico-social, a qual culmina na compreensão de como esse fenômeno se efetiva na sociedade por meio dos discursos.

Nesse viés, a ACD emerge, ainda que germinalmente, em meio às transformações sociais¹², políticas e culturais que ocorriam entre as décadas de 1960 e 1970. A cobrança por um ideário plural que conectasse os variados sujeitos de diferentes grupos, à época, passou a

¹² Na linguística, teorias marxistas, foucaultianas e psicanalíticas – propulsoras de levantes sociais da década de 60 e 70 – influenciaram teoricamente no direcionamento de novos paradigmas; a exemplo da Pragmática e, posteriormente, Análise do Discurso Francesa (AD), momento em que esta passou a enfatizar a posição que o sujeito ocupa em detrimento daquela, que se voltava a entender a língua por meio da intencionalidade de um sujeito “uno e consciente” envolto às circunstâncias enunciativas. A AD passa, a partir daí, a figurar como ponto de partida para as demais divisões do discurso, tendo no “sujeito, verdadeiro fulcro das diferenças entre AD e outras disciplinas em relação às quais ela produziu sua ruptura” (POSSENTI, 2011, p. 363).

ser comum a todas às ciências sociais. Procurava-se, sobretudo, que os novos modelos de fazer ciência fossem pautados com vistas ao papel valorativo dos sujeitos na construção das relações sociais.

No campo linguístico, essa premissa se ergue ainda na Escola de Frankfurt, sob a linguística instrumental de Halliday (1916-2010), tendo continuidade com as conjecturas da “linguística crítica” (LC) (FOWLER *et al*, 1979), proposta por outros pesquisadores, dentre eles, e o qual explicita bem o cerne inicial da ACD, Fowler (2004, p. 209), que afirma que “a linguística crítica insiste que todas as representações são mediadas, moldadas por sistemas de valores que estão impregnados no meio (neste caso, a linguagem) usado para a representação”. Nisso, a LC se difere da linguística tradicional, pelo fato de ter tentado compreender as estruturas das fundações sociais, da organização e dos sentidos comportamentais nos textos.

Entretanto, apesar de identificarmos nas palavras de Fowler (2004) uma forte tendência aos atuais estudos críticos do discurso, é especificamente na década de 1980 que essa linha de pesquisa se consolida como uma vertente pós-moderna da linguística, cujo principal objetivo era lançar-se, essencialmente, sobre os discursos sociais veiculados em diferentes esferas de comunicação, umavez que adentrar nesses espaços, por meio de um viés crítico, permitiria aos analistas aclarar a opacidade da língua – despendendo-a de vieses estruturalistas –, evidenciando, assim, seus elementos persuasivos e de manipulação. Como é sabido, as imposições nem sempre são vistas, sentidas ou aplicadas diretamente; o velado é justamente o que está nas entrelinhas do discurso, e é o que a ACD procura fazer emergir.

Dito isso, é salutar que retomemos, tal qual foi enfatizado no tópico 2.2 deste estudo, que a relação do ser humano com a realidade não é pré-definida, mas sim resultado de processos. A realidade ou construção de tudo que tomamos como real são conceitos oriundos de práticas de interação – troca de conhecimento entre os sujeitos – num processo coletivo, estruturador das concepções simbólicas, cujas normas sociais são intermediadas por filtros sociais, culturais e cognitivos inerentes à capacidade que o sujeito possui em tecer significações à medida que interage com o contexto de atuação.

Apesar de van Dijk (1998; 2014; 2015a; 2015b; 2017) não se aprofundar na teorização das questões que abarcam o sujeito nos estudos discursivos, consideramos aqui ser este um importante elemento das práticas interacionistas. Dito isso, defendemos aqui que a noção de um “*sujeito reflexivo*” (GIDDENS, 2013) seja posta frente às situações de comunicação para que entendamos que as “representações sociais”, erigidas via discurso, não são ações isoladas, mas sim frutos da agentividade do sujeito. “Não se trata de um sujeito individual e sim de um

sujeito social que se apropria da linguagem ou que foi apropriado pela linguagem e a sociedade em que vive” (MARCUSCHI, 2008, p. 93). Assim, torna-se indispensável a esta pesquisa que tais dimensões sejam sinalizadas e retomadas durante toda a nossa discussão, pois a ação socioevolutiva de comunicação entre os falantes implica em compreender que a língua é um fenômeno social que se constrói a partir de práticas e interações sociais. Esse meio possui mão dupla, uma vez que, na mesma proporção que a língua cria, ela é (re)criada pela sociedade num processo de construção contínuo e não dicotômico.

Por conseguinte, não só os indivíduos, mas também as instituições e os grupos sociais possuem significados específicos que se expressam de forma sistemática por meio da linguagem, firmando, desse modo, uma rede discursiva cujo uso está condicionado às interações contextuais provenientes da fala e da escrita. Nessa teia de significações, “o discurso não é analisado apenas como um objeto “verbal” autônomo, mas também como interação situada, como uma prática social, ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (VAN DJIK, 2015, p.12), estando o discurso diretamente imbricado às formas de como os sujeitos abstraem a realidade a sua volta.

Desse modo, o que, de fato, caracteriza as recentes pesquisas em ACD é a análise do fenômeno dentro de um processo investigativo que concatene sujeito e sociedade, evidenciando, assim, o modo pelo qual as práticas linguístico-discursivas se relacionam com as estruturas sociopolíticas. O valor histórico deve estar sempre presente nas discussões, independentemente de o analista estar imbuído em um recorte específico – a historicidade dos fatos deve ser a medula que sustenta toda sua abordagem.

Em pesquisas com ACD, é comum que se ultrapasse a linha divisória (se é que ela existe) entre investigação científica e argumentação política, pois é preciso contextualizar o fenômeno dentro do espaço em que ele se apresenta. Por exemplo, não haveria como falar de machismo na sociedade brasileira sem trazer à tona o enfoque cultural e social no qual este fenômeno se finca; e isso exige uma tomada de posição, pois manter-se em uma “suposta” neutralidade é tecer considerações vagas e desprovidas de criticidade diante de um fenômeno claramente excludente. Falar em nome do oprimido é, pois, automaticamente renunciar o opressor, e este é o papel da ACD: situar o discurso historicamente dentro de um processo de luta e mudança social, em que as teorizações provenientes de uma análise crítica, discursiva e culturalizadas revelem-se propulsoras para a desconstrução de realidades fabricadas sob os moldes de instituições dominantes em que poder e dominação são tidos como parâmetros normatizadores para erigir instituições que visam, por consequência, regular a vivência humana.

As relações de poder revelam-se coeficientes que determinam a dicotômica relação entre dois grupos: aqueles que ocupam estrato mais alto da sociedade e aqueles que compõem e sustentam a base de suas estruturas. São essas relações que subjazem determinados grupos – geralmente as minorias étnicas, raciais, sexuais –, impelindo-os a serem resignados pelo o que a classe hegemônica – aquela que ocupa o topo da pirâmide, institucionaliza como Estado, cujos valores são erigidos primordialmente em pilares excludentes e discriminatórios.

É, portanto, com as lentes teóricas focadas nessa injusta relação de dominância, que a ACD ampara seus pressupostos. Não se trata, todavia, de demandar indagações, apenas, sobre qualquer tipo de poder manifesto na sociedade, mas, sobretudo, no abuso dele materializado por meio da língua. E mais, importa-nos teorizar sobre as consequências, resultantes desse processo de desigualdade social, de forma a identificar e combater as práticas discursivas discriminatórias aceitas e legitimadas no círculo dos interlocutores. Acreditamos, pois, que uma investigação sobre como opera o discurso no seio social requer uma análise politizada sobre fenômenos complexos e polêmicos que, geralmente, culminam em exclusão de grupos e indivíduos.

Assim, as discussões sociais que perpassam o indivíduo frente a uma determinada cultura, abrangendo seus valores, sistemas de crenças, orientações ideológicas, conhecimento compartilhado, entre outros aspectos que, pelo viés crítico, concebem o sujeito como “ator social”¹³ de suas práticas e ações, transforma-o em um agente engajado em causas que impliquem na construção, formação e percepção social para emancipação de mundo.

Isto posto, com o fito de explicitar melhor essa relação que ACD nos apresenta em conceber a língua através da relação discurso-cognição-sociedade, é importante ressaltar que essa vertente possui uma série de construtos históricos no decorrer de sua gnose. Todavia, não nos cabe aqui fazer uma retomada de tais vicissitudes. Importa-nos mais dissertar a despeito das formulações específicas que regem os princípios desta pesquisa e sobre os fatores significativos que fizeram desse viés uma importante ferramenta de luta social.

Nisso, um elemento salutar para a teoria dos modelos mentais é sua relação com o contexto, posto que este, para van Dijk (2017, p. 89), constitui “um tipo específico de modelo mental” que interfere diretamente na construção da “(inter)subjetividade interpretativa” dos atores sociais frente à situação comunicativa a qual estão inseridos (VAN DIJK, 2017, p. 170).

¹³ O conceito de “ator social”, segundo Van Dijk (2015), refere-se à postura que membros de grupos específicos assumem dentro de um engajamento político-ideológico. São indivíduos categorizados em um cenário de luta social com objetivo de promover mudanças dentro de uma perspectiva de não passividade do sujeito. É, pois, ele – o ator social – que reivindica, argumenta, reflete, se posiciona e critica.

Sobre esse importante elemento na teoria dos modelos mentais, nos aprofundemos mais, a seguir.

2.4 Abordagem sociocognitiva de contexto: a base dos modelos mentais

Para os nossos propósitos aqui, é imprescindível que se faça a distinção entre as imbricações semânticas que o conceito de contexto ocupa na seara dos estudos críticos discursivos. Dentre os principais nomes que nos remetem a diálogos estruturantes acerca do termo, porém com enfoques distintos, além de van Dijk, está o teórico Norman Fairclough (2016).

Para ambos, o discurso, numa descrição ampla, consiste em prática política e ideológica. Tanto um quanto outro dispõem a tal objeto a preocupação em descrever como ele influencia na construção de mundos, significados, edificação de identidades sociais e de representações – este último elemento com a ressalva de que Fairclough (2016) não o concebe como sendo fruto da cognição como o faz van Dijk, uma vez que, para este “o discurso é assim definido como uma forma de interação social na sociedade ao passo que ele é a expressão e reprodução da cognição social” (2014, p.13, tradução nossa)¹⁴, enquanto que para aquele – fortemente influenciado pela Linguística-Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday – a dimensão cognitiva não é abordada dentro de um entendimento sociodiscursivo.

O olhar que esses dois autores tecem em relação ao contexto – da forma com este é apreendido pelo usuário – pontua a divergência no panorama teórico tanto de um quanto de outro, resultando em análises e conclusões substancialmente diversas entre si. Se, para Fairclough, o contexto é algo situacional e culturalmente construído; para van Dijk (2017), a ideia de contexto está atrelada às “experiências humanas”, sendo, pois, o experienciado pelo sujeito que demanda a forma como os participantes do discurso definem o tipo de situação a qual estão inseridos. Logo, o teórico holandês não enxerga a situação social como determinística para produção discursiva, mas sim o modo como os sujeitos a interpretam, inferem, significam e, por fim, contextualizam-na cognitivamente.

¹⁴ Na versão original: “*Discourse is thus defined as a form of social interaction in society and the same time as the expression and reproduction of social cognition*” (van DIJK, 2014, p. 13).

Para van Dijk (2017), a noção de contexto está alçada em pilares cognitivos. Descarta-se a base simplista de que contexto seria, apenas, algo trazido de fora para dentro do discurso, e assume-se o paradigma dos efeitos da sociocognição como atividade coletiva e articulada entre os falantes sobre a produção discursiva, adentrando, assim, no eixo interativo que circunda o discurso, seja ele psicológico, cultural, filosófico, psicossocial, antropológico ou qualquer outro viés emoldurador do cenário comunicativo.

Pela concepção de van Dijk (2017), é possível vislumbrar como e porque essas produções influenciam nas variações e escolhas do uso linguístico, pois é na interação das “partes” que concebemos o processo de formação e negociação dos sentidos que está sendo apresentado no todo; tal qual explica o teórico, ao usar a metáfora do *iceberg* para exemplificar essa questão, “os discursos são como icebergs, dos quais geralmente apenas as novas informações são 'visíveis' e expressas explicitamente, mas a vasta quantidade de informações conhecidas ou inferíveis permanece em grande parte 'invisível' ou implícita”. (VAN DIJK, 2014, p. 4, tradução nossa)¹⁵. Segundo o autor, o que vemos e ouvimos é apenas um pedaço do todo – aquilo que está exposto, “a ponta do *iceberg*”. E, para que, de fato, entendamos o oceano que circunda o discurso, a conjuntura na qual este é formado, é preciso olhar para além do explícito; debruçar-se nas estruturas submersas que o sustentam – o não dito, tudo aquilo que está por trás do simbólico, do contexto de produção das representações e que incide diretamente sobre a capacidade cognitiva dos atores sociais, ao formularem suas crenças e valores.

van Dijk assevera, assim, que a relação discurso-sociedade não é direta, não devendo o contexto ser reduzido apenas a fruto de uma exterioridade, restrições objetivas da sociedade ou cultura, pois é, na tríade discurso-cognição-sociedade – preceito basilar de seus pressupostos –, que os textos são erigidos, moldados e influenciados. Dessa forma, para ele, a relação discurso-sociedade não pode ser apreendida sem a interface da cognição. A produção textual-discursiva alude à projeção semântico-cognitiva em que os fatos da língua incidem sobre o social. Assim, por meio de uma ótica cognitiva, os aspectos da língua recaem sobre a interação e não somete sobre o funcionamento daquela. Não data, desse modo, na investigação de um produto acabado, mas sim no seu processo constitutivo, de uma abordagem cognitiva para explicar os mecanismos de construção do discurso e de como ele entra em ação – através da interação entre os sujeitos – diante das mais diversas semioses.

¹⁵ Na versão original: “discourses are like icebergs of which usually only the new information is ‘visible’ and explicitly expressed, but the vast amounts of known or inferable information remains largely “invisible’ or implicit.” (VAN DIJK, 2014, p. 4.).

É nesse ponto que recai a grande crítica do teórico holandês em relação aos estudos faircloughianos. Segundo ele, “apesar da abordagem social (ou sociosemiótica) da língua, não há pesquisas sociais que explorem a natureza dos contextos, e os modos como a propriedade do contexto influenciam sistematicamente a língua ou o discurso” (van DIJK 2017, p. 85). A visão simplista de contexto proposta por Fairclough não se sustenta pelo viés crítico, cuja perspectiva seja a sociocognição como palco ancorador do discurso, pois, “o contexto do discurso não é a situação comunicativa ou sociopolítica, mas sim os modos como o usuário da língua subjetivamente interpreta tais situações como modelos mentais” (VAN DIJK 2015b, p. 40).

Interpor, assim, na visão de van Dijk, uma análise funcionalista de aspectos sociais sem a devida aplicação da interface cognitiva no processo de interação, é envidar-se em um projeto com sujeitos sem mentes, e, portanto, tecer análises vagas e defectivas em relação à estruturação do discurso, cujo sujeito como ator social é parte indispensável à compreensão do objeto. E mais, negar o aspecto sociocognitivo dos sujeitos no discurso é como robotizá-los e, assim, retroceder a premissas estruturalistas – já transcendidas – em que o sujeito é “desconsiderado” como autor de suas próprias produções.

O âmago da abordagem cognitiva de van Dijk sobre contexto recai na capacidade individual, porém socialmente compartilhada, que os sujeitos, imbuídos de ação crítica-reflexiva, apresentam na interação com o social, em que, a partir dessa relação causal-interativa, os modelos de contexto se formam e, por conseguinte, derivam construções, coletivamente elaboradas e compartilhadas, levando-nos a depreender as coisas do ambiente à nossa volta através de preceitos sociais simbólicos. Decorrente disso, os símbolos que emergem desse construto social não são reflexos da realidade, mas sim a representação dela; a forma pela qual os sujeitos constroem e interpretam o seu entendimento de mundo.

Segundo Giddens (2003, p. 26), “os atores empregam esquemas simbolizados (fórmulas) no decorrer de suas atividades diárias para resolver rotineiramente as situações da vida social”. As abstrações desses modelos levam os sujeitos a agir no mundo e produzir comportamentos e ações embasados nesse entendimento de representar a “realidade” a sua volta, possibilitando que novos indivíduos venham a agir do mesmo modo, num processo contínuo e nunca estanque. O autor propõe, através da sua “teoria da estruturação” (GIDDENS, 2003, p. 30) que abarca os aspectos estruturantes da língua – a forma dela de se relacionar como social de forma virtual e transformadora –, que é possível, por meio da agência reflexiva do sujeito, a reelaboração do que está posto, erigido socialmente. “De acordo com a teoria da estruturação, o momento da produção da ação é também um momento de reprodução nos

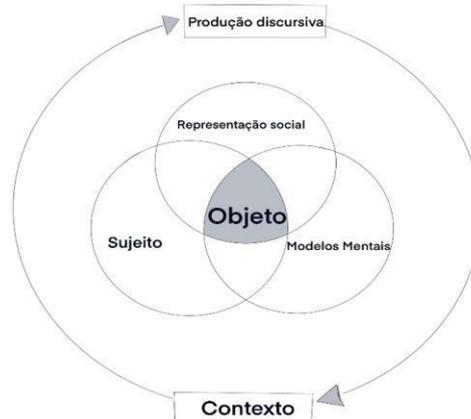
contextos do desempenho cotidiano da vida social, mesmo durante as mais violentas convulsões ou as mais radicais formas de mudança social” (GIDDENS, 2003, p. 30)

Para tanto, a reflexividade deve ser entendida não meramente como autoconsciência, mas como característica de monitoramento do fluxo contínuo da vida social. Para o autor, ser um ser humano é ser um agente interacional capaz de reestruturar as estruturas estruturantes. “A noção de consciência prática e fundamental para a teoria de estruturação é aquela característica do agente ou sujeito humano para a qual o estruturalismo tem sido particularmente cego” (GIDDENS, 2013 p. 7).

As reflexões da teoria de Giddens acerca do papel estruturante da língua, juntamente com as acepções de van Dijk diante das relações sociodiscursivas, evocam uma abordagem da atuação cognitiva em interface com o discurso e a sociedade, voltadas às relações de poder que dessa tríade emergem. Os sujeitos, ao conceberem o objeto – fruto de construtos sociais – projetam nele conceitos que se internalizam por meio de elementos cognitivos – os modelos mentais – e que, por sua vez, em uma relação síncrona com o contexto, firmam as elaborações simbólicas do que os sujeitos estabelecem com “real”, decorrendo daí suas realizações discursivas.

Vejamos, abaixo, a ilustração¹⁶ que segue:

Figura 1 - relação constitutiva entre contexto, modelos mentais e sujeito



Se tomarmos, a exemplo de objeto, a construção de gênero social¹⁷ na sociedade, estaremos diante de uma relação subjetiva que se estabelece com base na interpretação que os

¹⁶ Figura elaborada pela pesquisadora.

¹⁷ Neste trabalho concebemos gênero como construção social, cultural e ideológica. Debateremos o conceito, mais profundamente, sob a perspectiva de Judith Butler no capítulo 3 desta pesquisa.

participantes do discurso – os sujeitos – fazem do evento comunicativo do qual fazem parte. Ou seja, no que os sujeitos experenciam da representação social do gênero feminino. Se os sujeitos estão inseridos num ambiente onde há predominância da cultura machista, seus sistemas de crença, valores e conhecimentos serão permeados por uma relação cíclica de construção mental que os leva a conceber o gênero feminino por meio da ativação de filtros cognitivos individuais, porém socialmente partilhados, formados dentro de um processo interacional de uma sociedade discriminatória.

Consideramos ser cíclica essa relação, pois “embora seja capaz de codificar e realizar relações de dominação e outras estruturas sociais de modo variado, através das mentes sociais dos membros do grupo, o discurso também pode, da mesma maneira, reproduzir essa dominação.” (VAN DIJK, 2015b, p. 47). Entretanto, essa relação não está dada, pelo contrário, ela é construída por modelos históricos e culturais que podem servir a ideologias de controle e manutenção da estrutura patriarcal, as quais, uma vez naturalizadas nos domínios sociais, vivificam estereótipos e legitimam a produção do discurso sexista, fortificando, assim, as estruturas de dominação. Esta, para van Dijk (2015b, p.21), tida como “um desvio de modelos ou normas de interação aceitos, para favorecer o grupo mais poderoso, resultando em várias formas da desigualdade social”.

Em termos de produção discursiva decorrente dessa relação, as abstrações que os sujeitos fazem de um determinado objeto é inferível na língua quando, por meio de escolhas lexicais, referenciação, categorizações, entre outros mecanismos linguísticos, a construção de sentido é operada, discursivamente, de forma a consolidar um sistema de opressão que denote os traços de dominação através do discurso. À medida que selecionamos, organizamos e explanamos palavras, estamos também absorvendo e externalizando conceitos baseados no conhecimento e abstrações que possuímos sobre determinado fenômeno; da mesma maneira, ao nos debruçarmos sobre novas visões de mundo, novas formulações conceituais irão surgir e se materializar por meio de nossas escolhas lexicais. Os processos cognitivos nos ajudam, por exemplo, a entender o quanto que está envolvido por trás de uma ressignificação/categorização de referentes que se escondem, por exemplo, atrás de um discurso sexista.

Para van Dijk, discurso é poder, e, assim sendo, estudar as formas que as relações de poder produzem e reproduzem nas sociedades, “tais como manipulação, doutrinação ou a desinformação” (2015a, p. 28) é elementar para que entendamos como estruturas de poder se manifestam na fala e na escrita, revelando, assim, os modelos mentais dos participantes do discurso. Mostrar como o poder social – poder de um grupo sobre o outro – é reproduzido por

meio da legitimação discursiva, consoante às representações mentais socialmente partilhadas, constitui o cerne dos estudos sociocognitivos de van Dijk (2017, p. 170), em que os modelos de contexto agem, numa interface cognitiva, como a base que ancora a produção, compreensão e recepção do discurso.

É, portanto, através do mundo externo, da apropriação dos sentidos fabricados, criados no mundo social, que desenvolvemos nosso mundo interno da individualidade. Sendo esse processo dialético, pois à medida que somos construídos pelas significações sociais – ao estarmos em processo ativo e constante nos meios de interação –, nós também construímos o mundo, conforme vamos relacionando novos tipos de conhecimentos e ampliando a capacidade de abstrair novas perspectivas por meio de vivências socialmente experienciadas.

Esses elementos, nos quais o autor debruça sua investigação analítica do discurso, só podem ser compreendidos por uma ótica sociocognitivista, pois o sentido não está dado – não nos é transparente –, ele é negociado entre os interactantes; construto de sentidos provenientes de conhecimentos partilhados.

Sobre a cadeia de elos que formam os processos sociocognitivos, vejamos o que diz o teórico:

A cognição social deve ser analisada como a interface entre discurso e sociedade, e entre os participantes de uma fala individual e os grupos dos quais eles são membros: (1) o discurso é realmente produzido/interpretado por indivíduos, mas eles são capazes de fazê-lo apenas com base em conhecimentos e crenças socialmente partilhados; (2) o discurso só pode ‘afetar’ as estruturas sociais através das mentes sociais dos participantes do discurso; e reciprocamente (3) as estruturas sociais só podem afetar as estruturas de discurso através da cognição social (van DIJK, 2015b, p.23).

As variáveis que moldam as atitudes, valores, crenças e comportamentos dos indivíduos no meio social regem os pilares determinísticos da sociocognição de van Dijk. São elas alguns dos principais aspectos sobre os quais incide a interface da cognição. Todavia, salientamos que os processos que envolvem uma abordagem cognitiva/sociocognitivista de língua, são permeados por vários outros estratos analíticos, aos quais devem ser despendidos igual rigor à investigação. Porém, para atender aos propósitos da presente pesquisa, é na produção de modelos mentais e nos demais construtos envolvidos à sua representação, que ampliamos nossas lentes de análises.

Para tanto, no próximo capítulo, abordaremos como um dos principais aspectos da abordagem sociocognitiva – os modelos mentais – operam na construção do discurso,

delimitando, por conseguinte, as principais categorias analíticas que nos permitem “tateá-lo” na materialização discursiva.

3 MODELOS MENTAIS E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS FEMINISTAS: UM TRATO IDEOLÓGICO DA REALIDADE

Explicar a relação entre discurso e sociedade através da interface da cognição, como vimos nas discussões anteriores, é a tarefa que os analistas críticos, adeptos à análise cognitiva de van Dijk, se dispõem a cumprir. Imbuídos nesse dever, neste capítulo, discorreremos mais especificamente sobre a elaboração cognitiva dos modelos mentais, através da averiguação dos discursos e dos tipos de conhecimentos compartilhados entre os sujeitos. Nossas lentes estarão voltadas, principalmente, para os modelos que orientam, desencadeiam representações pejorativas e exclusão do gênero feminino na sociedade, sobretudo para aquelas mulheres que são/estão politicamente engajadas em causas de equidade de gênero, as feministas.

O conceito de representação social (RS), abordado no capítulo anterior, será retomado em associação aos princípios discursivos que permitem aos usuários da língua interpretar ou construir seus modelos de eventos. Seguindo uma linearidade teórica, buscamos sublinhar as condições intrínsecas à ativação da subjetividade representativa dos sujeitos frente ao grupo social de mulheres feministas.

Não se trata de nivelar, tampouco hierarquizar, mas sim apontar os diferentes aspectos que compõem uma análise sociocognitiva do discurso. Neste ponto, trazemos para discussão os tipos de representações sociais mais permanentes, segundo van Dijk (2015b, p. 45). São elas: “o conhecimento, as atitudes e as ideologias”. Nosso objetivo é, então, enfatizar, nesta parte do trabalho, as implicações sociocognitivas que tais fatores infligem sobre a construção do papel social do gênero feminino na sociedade.

van Dijk (2017) postula sobre a adequação de modelos mentais no interior da língua e do discurso, por volta da década de 1980. Estudos do autor, aliados ao de Kintsch (1983) e Johsson-Laird (1983), objetivaram “explicar como as pessoas compreendem o discurso no âmbito de uma teoria mais geral do processamento do discurso mediante estratégias” (VAN DJIK, 2017, p. 90). Tais estratégias podem ser descritas como o mecanismo de aquisição, assimilação e interpretação do discurso via interface cognitiva.

Modelos são representações mentais subjetivas de eventos e situações específicos e têm em comum um esquema cognitivo fundamental, definidor de todas as experiências humanas, organizado por categorias básicas tais como cenário (tempo, lugar), participantes (e suas identidades, papéis e relações), eventos, ações ou situações em curso, e objetivos. Tais modelos mentais não servem apenas para representar ações passadas, mas também para controlar a

conduta em curso e planejar ações futuras de membros do grupo (VAN DIJK, 2015c, p. 56).

Para van Dijk, os modelos mentais são elementos de organização de experiência. Todavia, não estão diretamente relacionados com o vivido, mas sim com a construção representativa que fazemos das experiências de vida. Os modelos mentais não são fixos, nem rígidos; são completamente maleáveis e reorganizáveis no nosso aparato cognitivo à medida que vivemos as experiências de mundo. O autor postula que “a compreensão do discurso envolve a construção, controlada pelo contexto, de modelos mentais baseadas em inferências fundamentadas no conhecimento” (VAN DIJK, 2017, p.92); e, assim sendo, discorrer sobre o conhecimento torna-se elementar para o processo de teorização sobre a construção dos Modelos Mentais.

van Dijk (2014) toma o conhecimento legitimado como vetor dos modelos mentais. A base da cognição social, pois para que um indivíduo venha a arguir ou formular conceitos de significações acerca de um determinado objeto, é necessário que ele “conheça”, esteja familiarizado com a representação social do objeto. Dito isto, o autor levanta proposições que inserem as atitudes individuais e grupais como “resposta” à absorção do tipo de conhecimento fabricado na sociedade. O autor impele-nos, assim, a refletir sobre as implicações culturais do discurso, da forma que ele é disseminado, o meio pelo que atinge às massas, e de como isso influencia direta e indiretamente nos comportamentos sociais. Para o teórico, há uma relação intrínseca entre conhecimento, discurso e poder. Segundo ele, esta relação constitui o cerne da dominação social.

O conhecimento compartilhado entre determinados grupos é responsável pela influência sobre a grande massa. Basta que esses grupos estejam posicionados em lugares que exerçam poder de indução e persuasão, para que o domínio discursivo que se pretenda alcançar seja disseminado como forma de conhecimento e verdade inegável. O conhecimento é a forma pela qual reconhecemos o discurso e maneira pela qual somos responsivos a ele. É preciso, pois, atentarmos para a linha tênue que liga o conhecimento ao discurso e vice-versa.

Para van Dijk (2014), o papel do conhecimento no discurso está diretamente relacionado com as abstrações empíricas que absorvemos durante nossas vivências – guardadas nos modelos mentais –, onde as generalizações nos permitem assimilar os acontecimentos que ocorrem à nossa volta e, desse modo, produzir o discurso. “Assim que observamos, compreendemos, representamos ou falamos ‘sobre’ esses fatos naturais, projetamos mental ou linguisticamente e identificamos, delimitamos, categorizamos, definimos e, portanto, interpretamos esses ‘fatos

naturais” (VAN DJIK, 2014, p. 39, tradução nossa),¹⁸ fazendo com estes passem a ser fonte de produção de novas informações. À vista disso, da mesma maneira que o discurso transforma o conhecimento, o conhecimento molda as escolhas discursivas dos sujeitos. Seria, então, o discurso, uma manifestação do conhecimento, ou daquilo que os sujeitos concebem como sendo conhecimento e por meio do qual formulam suas “verdades”, e nisso está enraizado seus sistemas de crenças.

E o que necessariamente viria a ser esse sistema de crenças? Podemos dizer que seria a forma subjetiva como vários segmentos da sociedade organizam suas questões sobre fatos sociais ou naturais. É como uma rede de compartilhamento ativada durante as interações interpessoais, principalmente as comunicativas, que, ao serem reproduzidas, originam percepções que podem ser distorcidas ou adequadas à subjetividade de determinados grupos sociais. Essas crenças, uma vez legitimadas e naturalizadas, passam a ser consideradas como conhecimento. Contudo, o que tem valor de verdade para um grupo, pode não, necessariamente, ser para membros de grupos distintos. Isso acontece porque os grupos sociais organizam seus sistemas de crenças de acordo com as predileções de seus membros.

Isto posto, é elementar que frisemos bem o papel dos grupos sociais no processo de produção dos modelos mentais, pois os grupos sociais, numa visão sociocognitiva de discurso, consistem na interação de atores sociais, cujos valores, ideologias e conhecimentos são comuns entre si, formando uma rede de interação em defesa de interesses mútuos. Por exemplo, a união de mulheres feministas, engajadas por propósitos de mudança, valorização e equidade de gênero na sociedade, constitui um grupo social. Assim, o ator social “feminista” só existe por pertença e identificação aos conhecimentos e conceitos articulados no grupo.

Na mesma linha, pessoas avessas aos princípios partilhados entre essas mulheres, tendem a demonstrar inclinações a preceitos que renegam a transformações requestadas pelas feministas. Fazem, pois, parte de um sistema dominante (machismo) instituído com base em crenças políticas, culturais e religiosas que invalidam as lutas e reforçam a marginalização da mulher na sociedade. A esses indivíduos que coadunam com propósitos de inviabilização da igualdade de gênero, o grupo de pertença reflete crenças machistas e de opressão de uma cultura patriarcal. Decorrente disso, o sujeito mulher, enquanto ser cognoscente e pleiteante de seus

¹⁸ Na versão original: “As soon as we observe, understand, represent or talk ‘about’ such natural facts, we mentally or linguistically project and identify, delimit, categorize, define and hence construe such ‘natural facts’” (VAN DJIK, 2014, p. 39).

direitos sociais – as feministas – é reduzido pelo patriarcado a estereótipos de objetificação, com vistas a manter a dominância machista na sociedade.

Esses dois exemplos de grupos sociais mostram que as construções de crenças e conhecimentos partilhados são dispostas através das conexões ideológicas dos grupos sociais. É diferente, pois, de um aglomerado de pessoas que, ao acaso, se juntam para realizar atividades do cotidiano, tais como clientes que fazem compra no supermercado, indivíduos em filas de banco, passageiros de ônibus etc. É preciso haver engajamento político, social e cultural para termos grupos sociais e, conseqüentemente, seus respectivos atores sociais. Assim, uma vez que os modelos mentais dos grupos são naturalizados, eles passam a ser inseridos em outras esferas discursivas que alcançam cada vez mais agentes. É o caso das mídias, tanto as tradicionais, quanto as sociais – domínio discursivo de investigação desta pesquisa –, que são responsáveis por grande parte da disseminação e naturalização dos modelos mentais na sociedade’.

Dessa forma, é o conhecimento pessoal unido ao social – sendo este último o limiar de um sistema de crenças coparticipado entre membros de uma comunidade – que as projeções do que vem a ser conhecimento se formam, pois, como postula van Dijk (2014, p. 95, tradução nossa)¹⁹ “o conhecimento não é meramente uma crença individual justificada, mas deve ser analisado como um tipo de crença social compartilhada”; ou seja, a análise de circulação de crenças como conhecimento deve estar pautada em processos contextuais e inerentes aos círculos socioculturais dos indivíduos.

O autor elenca ainda os critérios que fazem do conhecimento um conjunto de crenças pessoais. São eles: a) aquisição: dá-se por meio do discurso e da situacionalidade ao qual os membros da sociedade estão dispostos; b) distribuição: a legitimação das crenças passam a ser socializadas e aceitas culturalmente; c) justificativa: as crenças aderem *status quo* diante de instituições sociais; d) referência/intencionalidade: remete ao tópico discursivo (objeto social) ao qual se atribui determinada crença, e que geralmente seja de valor social relevante.

É, pois, através do conhecimento compartilhado, das representações subjetivas de eventos envolvidos na produção e compreensão do discurso – “definido como uma forma de interação social na sociedade e ao passo que ele é que a expressão e reprodução da cognição

¹⁹ Na versão original: “*knowledge is not merely justified individual belief, but should rather be analyzed as a type of shared social belief. Knowledge is social belief in various senses*” (VAN DIJK, 2014, p. 95).

social” – que podemos explicar como se constroem os modelos mentais (VAN DJIK, 2014, p. 13, tradução nossa).²⁰ Tudo o que está posto na sociedade é uma realidade fabricada por um contrato social firmado por meio de representações mentais que ajustam os desejos, valores e condutas de alguns grupos aos da sociedade na qual estão inseridos. São as crenças grupais socialmente erigidas que nos permitem enxergar o mundo pelo olhar do que tomamos como sendo “realidade”, pois são, nas ações contínuas do dia a dia, do experienciado, das práticas produzidas e compartilhadas nesse processo de interação que as representações nascem e se solidificam no meio comunicativo.

3.1 Ativação do conhecimento através dos níveis de memórias

A maneira pela qual armazenamos, codificamos e, em seguida, evocamos o conhecimento nas interações sociais, ocorre através da memória. Grosso modo, poderíamos dizer que a memória é responsável pela retenção de um aprendizado, o que implica em dizer que, para que os modelos mentais, constituídos nas práticas sociais, se materializem nos discursos, eles passam por um processo de organização que se realiza dentro da nossa memória.

Assim, esse processo mental, porém de ordem social, é responsável pela aquisição, alteração e confirmação dos conhecimentos adquiridos, transformando as informações absorvidas em novas de acordo com o que o já temos internalizados sobre elas, o que nos permite classificá-las como sendo de maior ou menor relevância. van Dijk (2014) atesta que o transcurso dessas informações na nossa cognição funciona seguindo parâmetros de filtragem, os quais condicionam a produção e compreensão discursiva. Acerca desse processo, vejamos o que postula o autor:

Devido às nossas limitações de processamento e memória, o vasto multimodal (por exemplo, complexidade visual, auditiva, sensório-motora) das cenas, situações, eventos, ações, pessoas e objetos do meio ambiente que não podem e não precisam ser totalmente processados, armazenados ou reproduzidos. Portanto, ele precisa ser reduzido e organizado em termos de representações estruturalmente menos complexas que deram a informação situacionalmente relevante de nossas experiências diárias: modelos de experiência. Estes os

²⁰ Na versão original: “[...] *defined as a form of social interaction in society and the same time as the expression ad reproduction of social cognition*” (VAN DJIK, 2014, p. 13).

modelos são, ao mesmo tempo, a base cognitiva de nosso discurso e comunicação sobre tais experiências, como é o caso na narrativa cotidiana. (VAN DIJK, 2014, p. 49, tradução nossa)²¹

É, dessa maneira, como se os modelos mentais ficassem alojados na memória mais “acessível” que temos para mais rapidamente ativá-los, e, assim, compreendermos a rede de significações que está posta diante da situação discursiva em que estamos. A essa memória de “fácil” acesso, van Dijk (2014) nomeia de memória episódica (ME). A ME é encarregada pela “organização” e filtragem dos “aprendizados” absorvidos cognitivamente, dentro de um espaço onde possamos constantemente atualizá-los e reformulá-los mediante as interações vivenciadas. Decorrente disso, dá-se a produção e compreensão dos eventos comunicativos (textos), por meio da junção de velhas memórias (conhecimentos concebidos e guardados ao longo do tempo), em contato com novos modelos, que nos permitem formular nossas representações acerca dos objetos de mundo.

van Dijk (2014) explica que a memória episódica funciona como um “grande depósito” de armazenamento das experiências cotidianas às quais somos mais constantemente expostos. Vejamos, é mais fácil lembrarmos do que fizemos na última noite, do que há duas semanas; isso porque, devido à quantidade de eventos que somos inseridos no dia a dia, nosso cérebro tende a organizar as informações mais recentes e relevantes, descartando aquelas que não necessariamente sejam, de algum modo, essenciais. É, pois, como se fosse uma memória autobiográfica de modelos mentais que retém informações das vivências diárias. Todavia, o autor ressalta que este esquema de armazenamento também pode guardar memórias de alto valor à medida que somos submetidos a contextos que nos remetam a situações fortemente experienciadas, mesmo tendo ocorrido há muito tempo, tais como situações traumáticas ou qualquer outro evento de carga emocional significativa.

É na interação, na partilha de saberes, na experiência conjunta, na soma desses elementos com aspectos linguístico-comunicativos e de múltiplas apreensões semióticas das situações discursivas, que os modelos se formam e reformulam a todo tempo. Proveniente disso – da singularidade comunicativa e, conseqüentemente, da ativação situacional/interacional dos

²¹ Na versão original: “Due to our processing and memory limitations the vast multimodal (e.g., visual, auditory, sensorimotor) complexity of the scenes, situations, events, actions, persons and objects of the environment cannot and need not be fully processed, stored or reproduced. Hence it needs to be reduced and organized in terms of structurally less complex representations that define the situationally relevant information of our daily experiences: experience models. These models at the same time are the cognitive foundation of our discourse and communication about such experiences, as is the case in everyday storytelling” (VAN DIJK, 2014, p. 49).

modelos mentais – é que o aspecto cultural é de extrema relevância para compreensão dos MM. Assim sendo, analisar as formações, construções e materializações do discurso envolve ativar os modelos autobiográficos em conjunto com aqueles formados socialmente.

Os modelos sociais são aqueles que absorvemos durante o processo interacional. Não há como avaliar os modelos pessoais sem a devida aplicação de critérios socialmente relevantes. Analisá-los “envolve generalização, abstração e descontextualização dos modelos mentais de experiência, por um lado, e comunicação do conhecimento geral, por outro” (VAN DJIK, 2014, p. 44, tradução nossa).²² O papel do gênero feminino na sociedade, por exemplo, é composto por modelos diacrônicos que imputam características e padronizações de comportamentos em conformidade com o que a sociedade preceitua como ideário do “ser mulher”. Esses padrões, socialmente impostos, exercem uma certa influência sobre como formamos nossos sistemas de crenças – guardados na memória episódica –, vindo a ser posteriormente distribuído, compartilhado e representado no geral ‘semântico’ (memória social) por membros de uma comunidade epistêmica. Assim, a esse espaço, onde arquivamos o conhecimento global e culturalmente construído, van Dijk (2014) chama de “memória semântica” (MS).

Embora não sejam todos os teóricos que façam distinção entre memória global e memória pessoal, para van Dijk, é justamente na ativação da memória semântica, juntamente com os modelos autobiográficos, que tecemos nossas significações sobre o conhecimento. Ambas fazem parte da memória de longo prazo (MLP) – onde ficam alojados os conceitos formulados sobre as representações precisas dos fatos naturais e sociais. A MLP é a parte da cognição que não acessamos facilmente, pois, para isso, é necessário que haja uma reflexão sobre os filtros aquisitivos das representações aos quais somos/estamos submetidos e, decorrente disso, é preciso ir “buscar” a gama de informações alojadas nesse espaço para compreensão mais profunda e complexa sobre as conceptualizações que envolvem determinado objeto. Se, na memória episódica, as informações retidas são aquelas de cunho mais relevante, e às quais somos mais submetidos rotineiramente, na memória de Longo Prazo, a capacidade de “arquivar” vários tipos de conhecimento é considerada ilimitada. Dessa forma, os modelos conceituais são cognitivamente acessados para auxiliar a construção dos modelos mentais, instituindo, assim, como um conhecimento é aceito em determinada área.

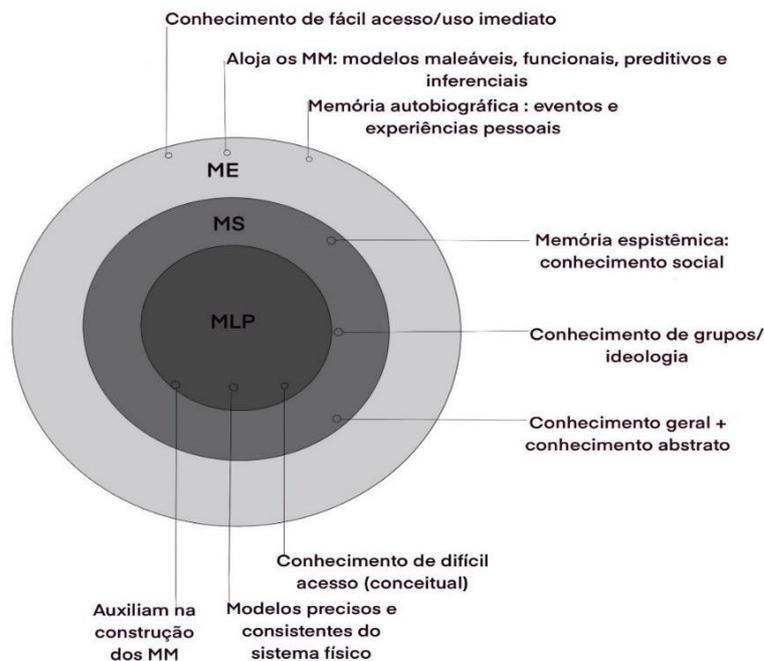
²² Na versão original: “[...] involving generalization, abstraction and descontextualization of mental models of experience, on the one hand, and communication of general knowledge, on the other (VAN DJIK, 2014, P. 44).

Para aclarar mais como operamos com os modelos conceituais da MLP, basta voltarmos para a análise de como alguns conceitos adquiridos durante o período escolar somem ou permanecem na nossa memória, auxiliando no decurso de nossas acepções durante a vida. Em relação ao reconhecimento textual-discursivo, por exemplo, além de acessarmos os modelos mentais para compreendê-los, ativamos também a nossa capacidade conceitual em identificarmos pistas cotextuais que nos remetam a aprendizados enciclopédicos, tais como organização textual, paragrafação, sentenças frásicas etc. Isso nos mostra como a união dos ciclos de memória trabalham concomitante para produção e compreensão do discurso.

Outra demonstração bastante perspicaz da efetividade da MLP é a forma que lidamos com os vários tipos de preconceito presentes na sociedade. Admitido que o preconceito não é baseado em fatos, mas sim em modelos mentais, lutar contra o preconceito exige que reconheçamos suas implicações culturais, sociais e ideológicas, ou seja, acessar os princípios de formação conceituais de sua base, o que se torna uma tarefa árdua pelo fato desses elementos estarem justamente alojados num espaço cognitivo de difícil acesso, a MLP.

Analisemos mais sobre os níveis de memória, partindo da ilustração²³ abaixo.

Figura 2 - níveis de memória



²³ Figura desenvolvida pela pesquisadora com base nas leituras de van Dijk (2014).

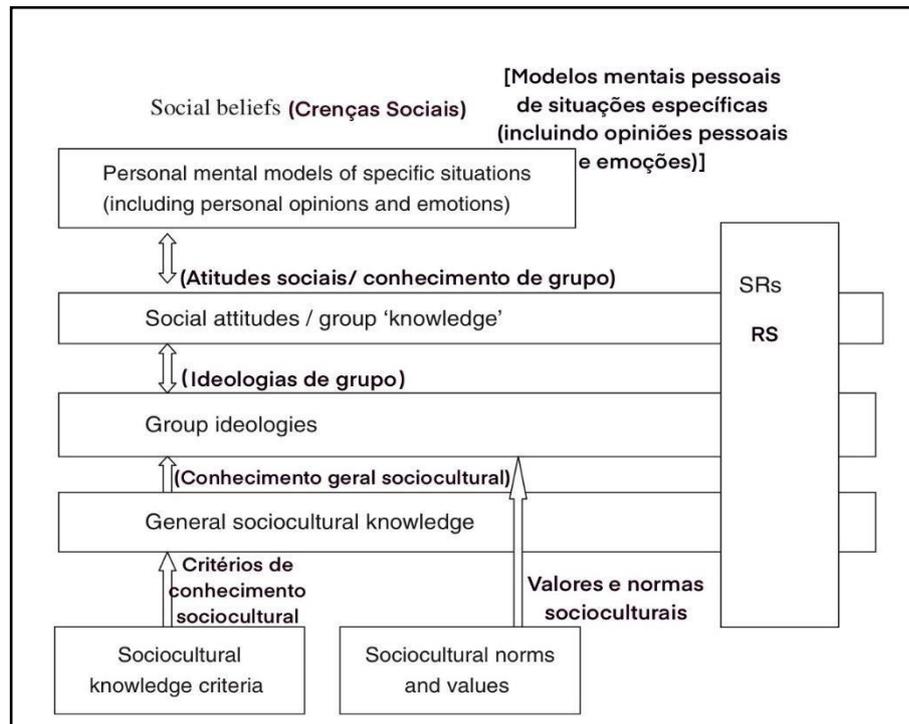
Os modelos mentais, organizados através dos níveis de memória, servem, pois, como ponto de partida do discurso, ou seja, é o que o agente aciona, a princípio, para produzi-lo. A figura representativa acima alude ao processo de construção dos MM, condicionado pelos modelos de contexto – já descritos no capítulo anterior –, ao qual se atribui a função instrucional de auxílio à compreensão discursiva. Aplicando em termos de materialidade, quando somos inseridos em um determinado contexto de evento comunicativo, nossas abstrações e inferências são intermediadas pela representação social ativada através deste. Um exemplo: ao lermos um texto sobre feminismo, nossa compreensão do tema é pautada no que tem sido disseminado acerca desse assunto; nós, os sujeitos, como parte estruturante de um corpo social, absorvemos tais representações e, mediante os filtros culturais e ideológicos que compõem nossa internalidade cognitiva, acessamos a ME no intuito de entendermos e forjarmos nossas próprias representações sobre o tópico abordado. E isso nos serve de ponto de partida para a produção de novos discursos.

Decorrente disso, a representação social será reforçada através dos modelos abstraídos e processados cognitivamente. Se, na sociedade, o termo feminista remete – em sua representação social – a enquadres arquétipos pejorativos e discriminatórios desse grupo de atores sociais, sendo tais práticas legitimadas e disseminadas, rotineiramente, nas várias esferas de circulação discursiva, tais como o midiático, o noticioso, sites de mídias sociais etc., esses serão os tipos de modelos que ficarão mais facilmente armazenados na memória episódica. Assim, os sujeitos passarão a formular suas crenças e opiniões, baseadas numa visão estereotipada acerca desse grupo.

Vejamos como van Dijk (2014, p, 105) representa a relação de representação social/modelos mentais²⁴:

²⁴ A figura “*system of social beliefs, and the integrated position of representations*” (VAN DIJK, 2014, p, 105) foi adaptada (traduzida) pela pesquisadora.

Figura 3 - Sistema de crenças sociais, e a posição integrada de Representações



Em ilações à figura, percebemos que os modelos mentais são estruturas cognitivas que refletem a representação da realidade. Estão atrelados a valores, opiniões e a nossas construções ideológicas como atores sociais. A ideologia, para van Dijk, (1998, 2014, 2015c), funciona como uma coesão dos valores e identidades construídas em defesa dos interesses do grupo que, inevitavelmente, condiciona a representação social, partindo daí a construção da “realidade” por grupos sociais.

Portanto, na seção seguinte, nos aprofundaremos sobre esse nexos grupais e o agir coordenado em torno de crenças sociais específicas, a ideologia.

3.2 Ideologia: a categoria axiomática dos Modelos Mentais

Discutir ideologia no presente estudo nos faz, necessariamente, situar esse conceito com base na nossa pesquisa, uma vez que ele é plural de acordo com a vertente a que se apresenta. Uma tarefa árdua, tendo em vista a complexidade teórica inerente ao tema. Todavia, esse debate é um ponto determinante nos estudos cognitivos, uma vez que, para van Dijk (1988), a ideologia constitui um “axioma” dos Modelos Mentais; ou seja, constitui um elemento fundamental e indispensável à análise cognitiva do discurso.

Isso posto, entender ideologia por meio das acepções de van Dijk requer uma abordagem multidisciplinar que transcenda apenas aspectos filosóficos e epistêmicos tradicionais, principalmente àqueles que a definem como falsa consciência. Assim, essa abordagem multidisciplinar requer mover-se nas acepções culturais do sistema de crenças e valores atrelado à interação social, pois, para van Dijk (1988, p. 49, tradução nossa)²⁵, “as ideologias consistem naquelas crenças sociais gerais e abstratas, compartilhadas por um grupo, que controlam ou organizam o conhecimento e as opiniões (atitudes) mais específicas de um grupo”.

Diferentemente do que postulavam Marx e Engels (1986), que concebiam ideologia como um mecanismo de distorção e ilusão do real voltada para camuflar as contradições sociais, van Dijk (2015c) apresenta ideologias como “autoesquemas mentais” compartilhados socialmente que atendem interesses coletivos, sejam eles x ou y. Na visão marxista, ideologia é um instrumento de poder a serviço da classe dominante²⁶; já, para van Dijk, ela possui duas faces, isto é, “as ideologias podem funcionar tanto como legitimação da dominação quanto da resistência à dominação, como é o caso do sexismo e feminismo, capitalismo e socialismo, militarismo e pacifismo.” (VAN DIJK, 2014, p. 97, tradução nossa)²⁷.

O teórico holandês bebe em fontes gramscianas para apreender suas acepções em torno da ideologia. Segundo Gramsci (1996), deve ser atrelado um sentido positivo à ideologia, tomando-a como uma forma de “conhecer” as “verdades” que se põe em circulação nas esferas sociais. Desse modo, mesmo sendo de ordem cognitiva e axiológica, as ideologias não devem ser lidas sem a devida imbricação com contexto social ao qual se apresentam.

As elaborações gramscianas não reduzem, pois, ideologia unicamente à luta de classes; embora, ela esteja, sim, vinculada à relação de poder e ao empreendimento da dominação, busca-se, sobretudo, situá-la em contextos históricos, os quais requestam uma conscientização da realidade como fonte ideológica e propulsora de mudanças sociais. A noção de ideologia de Gramsci distancia-se, assim, do imaginário marxista e ajusta-se ao “valor gnosiológico e não

²⁵ Na versão original: “*ideologies consist of those general and abstract social beliefs, shared by a group, that control or organize the more specific knowledge and opinions (attitudes) of a group*” (VAN DIJK, 1988, p. 49).

²⁶ É importante pontuar que, apesar da diferenciação de posicionamentos teóricos, bem como da orientação sob viés da ACD sobre a conceitualização de Ideologia adotada nesta pesquisa, entendemos que o percurso de definição do termo recobre longos processos transformacionais, inclusive dentro da própria denominação Marxista. Como é o caso de Althusser, por exemplo, que faz uma releitura de Marx sobre ideologia. Logo, o termo “dominante”, aqui referenciado, expressa unicamente a premissa dicotômica dos vieses, por nós defendida. Não remete, em essência, às particularidades presentes no interior da teoria marxista.

²⁷ Na versão original: “*Ideologies may function as a legitimation of domination as well as of the resistance against domination, as is the case for sexism and feminism, capitalism and socialism, militarism and pacifism*” (VAN DIJK, 2014, p. 97).

puramente psicológico e moral” (1966, p,52), orientando, desse modo, as práticas sociais compartilhadas.

Destarte, a proposta conceitual de van Dijk para debater ideologia consiste em premissas sociocognitivas com vistas à construção da identidade de grupo, representando suas normas, atitudes e valores compartilhados. No entanto, o uso da ideologia, tal qual van Dijk nos apresenta, não consiste unicamente na visão de um determinado grupo, mas sim um entendimento coletivo que organiza esse sistema de valores. Ela se constitui em três aspectos, cognitivos, sociais e discursivos; todavia, é sempre através do discurso que ela mais se propaga. O “discurso ideológico é tipicamente polarizado entre Nós, o endogrupo, e Eles, o exogrupo. Dessa forma, ele tende a enfatizar as boas coisas do Nosso próprio grupo e as más dos Outros, e a negar ou mitigar os Nossos maus aspectos e os bons aspectos Deles” (VAN DIK, 2015c, p. 53).

O que o autor postula na citação acima é que as ideologias são tidas, geralmente, como pontos de conflitos que trazem em sua essência posições antagônicas; por exemplo, a ideologia A é oposta a ideologia B, em que essa segregação visa uma predominância de uma sobre a outra e a exposição dos principais pontos que compõe a dualidades entre ideologias distintas. Decorrente disso, alguns valores sociais são tidos como predominantes ou superiores a outros. Isso faz com que, para van Dijk (2015c, p. 56), a ideologia seja considerada um dos artefatos mais poderosas na construção cognitiva. É, pois, um sistema de organização de entendimento de mundo, a partir de um viés na qual sua função social é permitir que membros de um grupo se reconheçam e afirmem os valores comum entre si, evidenciando, assim, que elas “não são inatas, mas aprendidas”.

No tocante à materialização das ideologias, estas são concretizadas por meio das atitudes. Van Dijk (2015c, p. 55) afirma que “enquanto as ideologias podem definir a coerência geral de diversas atitudes de um grupo, as atitudes em si são mais específicas e tendem a influenciar mais diretamente nosso discurso e outras práticas sociais como membros do grupo”. É, pois, por meio das atitudes, que reconhecemos as ideologias.

Se tomarmos como exemplo atitudes oriundas de sistemas opressores, estas podem, então, ser lidas como práticas genéricas discriminatórias, baseadas nas crenças compartilhadas entre os grupos, as quais culminam na disseminação de estereótipos e fortalecem o preconceito. Se um determinado grupo possui orientações moldadas em ideologias machistas, consequentemente os membros desse grupo se portarão tal qual suas representações mentais o

direcionam. Desse jeito, homens adeptos ao machismo serão recorrentemente identificados por suas práticas – atitudes – de hostilidade contra o gênero feminino.

No discurso – seguindo a mesma linha de raciocínio de atitudes pautadas em ideologias machistas –, tais práticas podem ser reconhecidas através de aspectos linguístico-discursivos que, juntamente como o contexto comunicativo, nos fornecem pistas consubstanciais de um discurso sexista. Estes elementos de significação podem ser revelados, segundo van Dijk (2015c, p. 57), observando:

[...]• quem tem a palavra em um debate ou conversação, • quem tem acesso ativo ou passivo ao discurso público, • tópicos gerais do discurso, • descrições de pessoas e suas ações e propriedades, • itens lexicais, • metáforas, • implicações e pressuposições, • argumentos, • estruturas narrativas, • operações (figuras) retóricas, tais como hipérboles e eufemismos, • imagens e fotos.

Dessa forma, inferimos que a ideologia, não só organiza as representações sociais do grupo, como também orienta cognitivamente o discursivo, de acordo com os interesses grupais compartilhados. Entretanto, é salutar que ressaltemos que a ideologia é apenas uma das dimensões do processo cognitivo que leva à compreensão e produção discursiva, e que ela, por si só, não cumpre essa função; é preciso, pois, o agir concomitante de outros âmbitos cognitivos – sistema de crenças e conhecimento –, sobre os quais já discutimos anteriormente, para que se efetive a coerência no discurso.

Vimos que, dessa maneira, os modelos mentais, interpretados por atores sociais como membros de um grupo, revelam a forma pela qual as ideologias são experienciadas e materializadas nas práticas sociais. Cabe-nos, portanto, fazer uma breve, porém importante, distinção entre o conceito que distingue ideologia e senso comum, tendo em vista que a relação entre esses dois construtos é estreita e mutável mediante a época em que eles se encontram circunscritos.

O senso comum é descrito como crenças básicas erigidas no convívio entre os indivíduos e que permeiam as relações cotidianas. Seria a espontaneidade dos comportamentos praticados rotineiramente, sem reflexões e criticidades, dada a naturalização dos costumes que estamos inseridos. Santos (2004, p. 90) endossa que “o senso comum aceita o que existe, tal como existe; privilegia a ação que não produza rupturas significativas no real”, para que, dessa forma, se mantenha incontestável.

Já as crenças ideológicas são pautadas no limiar simbólico entre o certo e o errado; no conflito dicotômico entre os “Nós” *versus* “Eles”; na defesa de opiniões sobre o que se alega

ser verdadeiro e o que se acredita ser passível de refutação. “A retificação das relações sociais, ou a "naturalização" discursiva das circunstâncias e produtos historicamente contingentes da ação humana, é uma das principais dimensões da ideologia na vida social” (GIDDENS, 2003, p. 30). Assim, a aceitação ou transformação das estruturas sociais estão diretamente relacionadas ao senso comum e às crenças ideológicas.

Da mesma forma que a cultura entre gerações forma o senso comum e emprega práticas, a sociedade também se transforma no decorrer do tempo e, junto com ela, seus valores e costumes também são condicionados à situacionalidade histórica. Assim, o que ontem configurava formas de aceitação mecânica e passiva de valores não questionados – senso comum –, amanhã pode vir a ser apenas um conjunto de crenças de alguns grupos devido às refutações ideológicas de outros.

É o caso da luta feminista ao longo das últimas décadas que alçou significativas conquistas contra os padrões impostos ao papel social da mulher frente à supremacia masculina. Entretanto, alguns grupos sociais ainda compartilham crenças que relegam a existência feminina a estereótipos e objetificação do gênero social.

Isso porque a luta pelos direitos de uma minoria afeta diretamente aqueles que estão no poder, fazendo com que toda e qualquer manifestação que reivindique direitos básicos seja vista como uma ameaça à ordem social hegemônica. Entendendo que a crença tida como saber inquestionável é vetor para propagação de ideologias totalitárias – uma vez que “deixado a si mesmo, o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências” (SANTOS, 2004, p.90) –, o paradigma da causa feminista deve ser analisado sob a ótica de ruptura do pré-estabelecido – por crenças obsoletas –, visando à desconstrução do assujeitamento da mulher a uma sociedade machista que subjaz sua existência e reforça a ideologia de submissão e inferioridade.

Falaremos mais sobre como esse modelo foi e continua sendo legitimado na sociedade, na seção seguinte.

3.3 Modelos sociais de gênero sob vieses ideológicos

Nos termos desta pesquisa, os modelos vigentes do gênero social feminino – que refletem na construção de novos modelos e ressignificação de sentidos associados aos atores sociais feministas – são discutidos em consonância com a historicidade que o termo “mulher”

ocupou/ocupa durante o processo de afirmação tanto das práticas sociais quanto dos discursos culturais relativos a essa categoria. Entendemos que o processo sociocultural atua na solidificação de conceitos moldando e ditando parâmetros reguladores da vivência feminina. Isso posto, refletir histórica e criticamente sobre a trajetória do feminismo, nos leva, pois, à compreensão de como esses modelos foram/são forjados pelo paradigma dominante do patriarcado.

A luta feminista internacional se afirma, ainda no século XIX, quando o indivíduo mulher, apagado e silenciado das decisões societais, cede espaço a um coletivo organizado de mulheres, que origina, a partir disso, atores sociais politicamente engajados e reivindicantes da participação do gênero feminino na esfera pública. As pautas postuladas por esse grupo germinal eram, essencialmente, a emancipação e garantia dos direitos sociais em prol de reconhecimento e igualdade. Entre as principais conquistas, o sufrágio universal figura como marco da, até então, primeira onda feminista.

É importante ressaltar que, nesse primeiro momento, nem todas as mulheres foram contempladas com *status quo* de luta coletiva, pois a categoria mulher que estava sendo requestada, nesse período da história, era a de mulher branca. As mulheres negras, que não ocupavam o mesmo espaço na escala hierárquica de classe social, foram “esquecidas” e apagadas do movimento feminista na sua fase inicial, o que circunscreveu a luta pelo direito ao voto a convenções de raça²⁸ e classe, apenas. “Ainda assim, as mulheres negras apoiaram a batalha pelo sufrágio até último minuto” (DAVIS, 2016, p.150).

Nos anos subsequentes, o femismo consolida-se como um discurso, filosófico, político e intelectual, passando a vigorar como um movimento revolucionário que busca romper os padrões tradicionalistas que infligiam a diferenciação entre os sexos. Nesse ínterim, não só a categoria mulher – politicamente engajada – começa a ser forjada, como também os arquétipos contrários ao feminismo, os quais buscavam inserir as mulheres dentro de um padrão ideal a ser seguido, numa tentativa de se contrapor ao discurso feminista que começava a ganhar cada vez mais espaço, para que as próprias mulheres passassem a enxergar a mudança feminista

²⁸ Faz-se necessário salientar que, neste estudo, nosso olhar não se aprofundará nesta demanda que, obrigatoriamente, exige um recorte expansivo de questões raciais, sobretudo da representação social, singularmente, construída em torno da mulher negra. Se, aqui, nos depuséssemos a debater tal temática sem o devido espaço que esta requer, incorreríamos no erro do tradicionalismo acadêmico em tratar superficialmente assuntos relacionados à negritude e, por sua vez, estaríamos contribuindo para reforçar os modelos que amortecem – e relegam a segundo plano – os efeitos do racismo na sociedade. Dessa forma, para entender esse conteúdo em sua totalidade, indicamos a leitura do livro “*Mulheres, Raça e Classe*” (2016) da autora Ângela Davis, bem como “*Teoria Feminista: Da Margem ao Centro*” (2019) e “*Eu não sou uma Mulher?*” (2020), ambos de autoria da escritora bell hooks.

como nociva à ordem natural do mundo e as suas “bases familiares”.

Dessa forma, narrativas baseadas em modelos misóginos instituídos ainda no século XV – nas quais as mulheres que “ousaram trabalhar fora do lar em um espaço público e para o mercado, foram representadas como megeras agressivas, ou até mesmo como ‘putas’ ou ‘bruxas’” (FEDERICI, 2017, p. 189) – foram resgatadas e inseridas no campo semântico junto à categoria mulher, com o intuito de tecer o controle sobre esses corpos que, inevitavelmente, insurgiam-se contra a forma de poder dominante. A estratégia utilizada foi a de persuadir mulheres, apontando para elas que, como cuidadoras do lar, ocupavam um papel fundamental na manutenção do sistema público. Como afirma Davis (2016, p. 25):

A clivagem entre economia doméstica e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, institui a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, “mulher “se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregam a marca fatal da inferioridade.

O uso da língua para construir formulações fictícias sobre os sexos foi/é um recurso utilizado pelas instâncias ideológicas de dominação. Incutir que a divisão do trabalho é algo naturalmente atribuído às peculiaridades do gênero foi uma das mais bem sucedidas manipulação machista/capitalista na construção do gênero social homem/mulher. Zerzan (2011, p.7) diz que “a divisão sexual do trabalho conduz à domesticação e à civilização, que, por sua vez, produziu o sistema globalizado de dominação atual.” Essa linha repetitiva e dicotômica assumiu os pilares embrionários das formulações de gênero social, tal qual temos hoje.

Embora, desde que o movimento feminista eclodiu, a sociedade patriarcal vise “punir” quem não desempenha corretamente o seu gênero, engendrando discursividades sexistas nos mais variados setores sociais, a postura de enfrentamento ao poder instituído continuou e continua sendo um dos principais emblemas do feminismo. Essa organização política que, historicamente, é dívida em três ondas – períodos distintos da história, em ordem cronológica, que remetem à trajetória emancipatória da mulher até a contemporaneidade –, constitui símbolo de resistência contra um sistema excludente, e, decorrente disso, é alvo de ataques simbólicos cujo objetivo é minar a força da mudança que tal movimento inflige contra os modelos pré-existentes de gênero.

Assim como inicialmente a marca de luta do movimento feminista vigorou pela conquista das sufragistas na esfera pública, assegurando o direito ao voto; num segundo instante, filósofas feministas da segunda onda passaram a teorizar sobre os aspectos relacionados à mulher também dentro da esfera privada, pois, verificou-se que eram nesses espaços que as contra narrativas estavam sendo incutidas na mentalidade social como um apelo

à manutenção de culturas tradicionalistas, e onde a subalternidade da mulher frente aos homens era mantida. Nesse período, autoras como Simone de Beauvoir se dispõem a especular sobre a liberdade da mulher e a figuração que a ela foi imputada na vida doméstica a qual, segundo a escritora, “trata-se de uma atividade que não a arranca de sua imanência, que não permite a ela uma afirmação singular de si próprio” (2016, p. 2021), fortalecendo, assim, o sistema patriarcal vigente.

Beauvoir (2016) acrescenta às reflexões reminiscentes da primeira onda uma teorização crítica sobre a ideia de dominância, que está socialmente alicerçada em modelos de hierarquização, pautados em silenciar e reprimir essa “voz” insurgente do feminismo. A autora assegura, então, que não deveria haver distinção entre vida pública e privada; que as aspirações das feministas deveriam abarcar igualmente tanto uma quanto a outra, pois o sexismo estaria enraizado em todos os segmentos sociais, e, dentre eles, a domesticação da mulher – seus deveres matrimoniais e maternos – figuraria, então, como um *locus* da dominância machista. Dessa forma, a feminista existencialista volta-se a discutir as raízes estruturais do patriarcado, desse acordo social entre estruturas dominantes que visa à manutenção de um sistema opressor e que dita as regras do “tornar-se mulher” dentro de uma dada cultura, tal qual ocorreu no feudalismo, burguesia e no, até então, capitalismo.

As asserções de Beauvoir logo passam a vigorar fortemente entre os coletivos de mulheres feministas. O trabalho “não remunerado” da vida doméstica; a repressão sexual e cultural imposta pelo patriarcado foram temas levantados por ela que, através de obras como “O segundo Sexo” (2016), além de criticar o autoritarismo do Estado sobre as mulheres, desnudou assuntos anteriormente tidos como tabus no universo feminino, impulsionando as feministas a reivindicarem com mais ênfase a autonomia sobre os seus corpos, bem como se consolidarem politicamente enquanto indivíduos dentro e fora de casa.

Ao enunciar a célebre frase “não se nasce mulher, torna-se”, Beauvoir (2016, p.11) insere, ainda que germinalmente, na segunda onda, as discussões que permeiam o núcleo da terceira, e atual²⁹, onda feminista, ou seja, a construção do gênero social, em que o “sexo” é tido como uma questão biológica – macho/fêmea –, e o “gênero” representa um construto de

²⁹ Embora não haja um consenso entre teóricas feministas contemporâneas acerca do atual momento histórico do movimento – se estamos vivenciando ainda a terceira onda ou se transcendemos a um período pós terceira onda feminista, em que o ativismo digital figura como o início de uma quarta onda –, aqui, nesta pesquisa, defendemos que os desígnios interseccionais levantados na última onda ainda não foram consolidados, o que, teoricamente, nos impede de posicionarmo-nos em um momento diferente deste, apesar de reconhecermos que a emergência de uma nova onda se aproxima. Sobre esse novo modelo, é necessário que discutamos *ad hoc*. um outro momento. Talvez.

imposições sociais baseadas no binarismo homem/mulher. Assim, a terceira onda feminista emerge ancorada na criticidade frente às velhas e novas questões, inclusive dentro do próprio movimento. Neste último aspecto, o feminismo existencialista de Beauvoir impulsiona a atual discussão sobre “performatividade de gênero” de Judith Butler (2003), a qual oferece uma (re)leitura do que é ser mulher na sociedade contemporânea e, sobretudo, dentro do movimento feminista.

O olhar filosófico de Butler recai sobre as conceptualizações iniciadas ainda na segunda onda do feminismo. A feminista estadunidense condensa alguns conceitos, embrionariamente discutidos por Beauvoir, bem como também discorda de alguns aspectos levantados pela existencialista, todavia essa “discordância” epistêmica é moldada no eixo interdisciplinar de teorizações filosóficas em que ela discute sobre a construção social de gênero e questiona, num processo de autocrítica, a categoria universalizante de um “sujeito do feminismo” na contemporaneidade. Para ela, o *status quo* atual do movimento não abarca as peculiaridades e as subjetividades que o compõem, pois, posto como está, o movimento feminista, por muito tempo, concentrou sua teoria no corpo feminino como materialidade e, desse jeito, não o concebe como construto social; pelo contrário, continua caindo nas armadilhas do binarismo ideológico que constrói um modelo específico de mulher e exclui corpos que não se encaixem no que se dizer ser o “tornar-se mulher” da perspectiva beauvoiriana.

Segundo Butler (2003, 2019), a exclusão de corpos que não performam feminilidade vem de uma hierarquia de gênero, aquela que Beauvoir tanto se predispôs a criticar, em que não só o padrão masculinista, mas principalmente o heteronormativo, rege as características e condutas do socialmente aceito. Isso, para a autora, constitui uma forma de discriminação, pois “pode haver formas de gênero dentro da homossexualidade que exijam uma teorização que se mova para além das categorias de “masculino” e “feminino” (BUTLER, 2019, p. 394), como postula Beauvoir. As mulheres lésbicas que não performem feminilidade, por exemplo, são comumente estereotipadas com termos masculinizados que ponham em “dúvida” a noção de ser ou não uma mulher. Esta rechaça atual de corpos que não se encaixam numa supremacia heteronormativa equipara-se à inferiorização imputada às mulheres negras no movimento sufragista, pois, tal qual estas foram invisibilizadas por questões raciais, aquelas que não atendam aos padrões comportamentais do que se concebe “ser uma mulher” são igualmente colocadas à margem de uma sociedade cujo eixo gira em torno do que Butler nomeia como “matriz heterossexual”. Diante disso, a filósofa assegura que o patriarcado se sustenta nas divisões ideológicas de gênero, sendo que essas binaridades estão para além do machismo e

feminismo; elas englobam igualmente a homofobia e o racismo. Desse modo, para enfraquecer essa dominância, é necessário encerrar binaridades constituídas e inserir todos os corpos marginalizados.

Nesse construto cumulativo de asserções teóricas entre autoras feministas, alicerçado durante as últimas décadas, as proposições emblemáticas do movimento atual performa e postula uma ruptura sistemática contra formas de poder que legitimam as práticas de violência e institucionalizam a rechaça simbólica contra o movimento feminista no momento presente.

Assim como a proposta de Judith Butler (2003, 2019), nosso olhar sobre o feminismo não é meramente cultural ou comportamental; ele é, antes de tudo, político, pois entendemos que a luta feminista é contra um sistema totalitário aliançado entre ideologias de ordem econômica, cultural, heteronormativa, que recobrem, assim, uma superioridade social sobre o gênero feminino. Defendemos, juntamente com a autora, que não há compreensão do feminismo contemporâneo sem o devido reconhecimento das interseccionalidades que o compõe. Isso posto, a multiplicidade de nuances dos atores sociais que integram o movimento feminista é, por nós apresentada, dispendida de ideologia binária, a qual, para Butler, é um instrumento de controle falocentrista e cujo modelo de dominação é adotado por estruturas hegemônicas mantenedoras do patriarcado. Desse modo, os modelos mentais que fortalecem o discurso sexista como, por exemplo, o conceito que foi inserido na coletividade de ser gênero sinônimo de sexo, é contestado, sob as assunções teóricas vistas até aqui, pois entendemos que esse modelo reforça estereótipias e, por conseguinte, o discurso sexista.

Os valores, crenças e conhecimentos sócio e culturalmente atrelados à imagem da mulher na sociedade estão condicionados às discursividades que fomentam modelos de exclusão. A ruptura deste padrão consiste na consciência do ator social feminista como ser racionalizante do mundo. Ao dialogar com filósofos da linguagem, como John Austin, Butler se insere no campo do interacionismo, onde a significação é naturalizada no diálogo, pensando, assim, um sujeito reflexivo que ponha em prática a noção de agência, aliando prática e reprodução. Para a autora “alinguagem pressupõe e altera seu poder de atuar sobre o real por meio de atos elocutivos, que repetidos, tornam-se práticas consolidadas e, finalmente, instituições” (BUTLER, 2003, p.169).

Assim, a noção de agência proposta pela filósofa, já previamente discutida no capítulo dois deste estudo, sob os pressupostos de Giddens (2003), constitui a consciência de que as feministas, embora estejam submetidas aos modelos sexistas na sociedade, possam ocupar uma

posição de poder. O que não significa estar para além de qualquer outra organização política social, mas sim romper com modelos pré-estabelecidos de subalternidade e, dessa forma, ocupar espaços culturais de forma socialmente equânime. Para isso, Butler tece suas colocações acerca da socialização de gênero, mostrando como essa construção influi nas práticas do cotidiano.

Em seu livro *problema de gênero* (2003), a autora sinaliza que o sujeito é produzido na ação, ou seja, fruto da interação cognitiva e sociodiscursiva entre as materialidades sociais que o circundam. Nesse ponto, o sujeito feminista, para Butler, é aquele que está para a cultura e para o discurso sem deixar de estar para si mesmo; isto é, “o sujeito culturalmente enredado negocia suas construções, mesmo quando estas constituem os próprios atributos de sua própria identidade.” (BUTLER, 2003, p. 206). A autora desenvolve seu conceito sobre um sujeito feminista plural que não está circunscrito dentro de conjunturas rígidas de gênero, por mais que sejam estas as “ficções sociais vigentes compulsórias” na contemporaneidade, e que o rompimento dessas normas está, inevitavelmente, condicionado à reflexão das amarras societais.

Um conceito inerente aos estudos butlerianos é o da “performatividade de gênero”, o qual versa sobre a exigência de certos comportamentos masculinos ou femininos, não ontológicos, escritos nas esferas discursivas, os quais tecem uma conduta binária de “normalidade” dentro da matriz heterossexual, e que serve de referência para categorizar os modelos assumidos como “coerentes” para o contrato social. Butler (2019, p. 16) diz ainda que “a performatividade deve ser entendida não como um ato singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia”. Ou seja, a performatividade constitui uma modalidade de poder tal qual o discurso, pois nossas performances seguem “scripts” sociais de aceitação, naturalização e legitimidade. E mais:

“[...] a linguagem tem uma possibilidade dupla: pode ser usada para afirmar a universalidade verdadeira e inclusiva das pessoas, ou pode instituir uma hierarquia em que somente algumas pessoas são elegíveis para falar, e outras, em virtude de sua exclusão do ponto de vista universal, não podem “falar” sem desautorizar simultaneamente sua fala (BUTLER, 2003, p.174).

Dessa forma, se a performatividade vigente é guiada por uma matriz heteronormativa devido à binaridade ideológica – homem/mulher; se a relação atual entre os gêneros está pautada hierarquicamente por modelos patriarcalistas, o discurso legitimado na rede de inteligibilidade social será, inquestionavelmente, aquele que esteja alinhado a condutas estratégicas de promover a dominação sexual e, assim, se dá a permanência de sociedades

masculinistas que produzem as realidades sociais. E, tal qual qualquer discurso excludente, o discurso sexista fere o direito de vivência, participação e emancipação da mulher frente à rede de opressões que a circunda. O ódio legitimado, naturalizado e replicado nas esferas comunicativas contra mulheres feministas cerceia pontos de vistas e monopoliza representações, fazendo com que tudo que seja posto como “diferente” venha a ser considerado como uma fenda na ordem “natural” das coisas do mundo.

Por isso, é elementar que pontuemos os impactos que um discurso movido pelo ódio pode ocasionar na dinâmica estruturante dos valores e normas sociais. Pois como afirma Butler (2020, p. 399):

os efeitos das expressões performativas, entendidas como produções discursivas, não se encerram ao término de determinada declaração ou enunciado[...] o alcance de sua significação não pode ser controlado por aquele que pronuncia ou escreve, uma vez que tais produções não são propriedades de quem as profere. Elas continuam a significar apesar de seus autores e, às vezes, contra suas intenções mais preciosas.

A autora nos alerta sobre a influência que nossos dizeres têm sobre as nossas práticas e atitudes rotineiras, bem como a proporção que, independentemente de onde esteja circunscrito, esses discursos podem tomar. Como um eco que ressoa para além do ambiente em que se origina, assim é o discurso sexista. Ele parte de um enunciante que, por mais que este “delimite” o seu enunciatário, não tem o controle das implicações que esse discurso alcança nas subjetividades sociais.

França (2019, p. 259) diz que, sob a perspectiva discursiva, o discurso de ódio é fruto da violência movida pelo ódio, a qual destina-se sempre a uma minoria, cujo objetivo é “atacar “a representatividade coletiva do indivíduo e não a sua pessoa propriamente dita. O autor diz ainda que animalização e coisificação são recursos inerentes a essa prática discursiva, em que a desumanização do outro aponta para elevação de si. Isso constitui representações binárias de superioridade/inferioridade que normatizam práticas de violência. No caso do nosso estudo, percebemos, como veremos nas análises do *corpus*, que esses elementos, os quais França afirma serem o cerne do discurso de ódio, estão intrinsecamente ligados ao discurso sexista. Este que, por sua vez, também é atribuído a um grupo específico de atores. Assim, ele se insere nos construtos simbólicos por meio de generalizações e abstrações dos Modelos Mentais (re)produzidos na sociedade. E mais, quando os meios pelos quais se proferem tais discursos são dotados de peculiaridades avultantes, nossas práticas languageiras tendem a ser mais rapidamente legitimadas e transformadas em atitudes institucionalmente consolidadas.

Sobre esses meios amplificadores, e sua mediação no discurso sexista, vejamos o próximo tópico.

3.4 Mediação Tecnológica/Ideológica em espaços do *Facebook*: fabricando Modelos Mentais

Os mecanismos tecnológicos de interação midiática ocupam espaço significativo nos meios comunicativos da contemporaneidade. Atualmente, a internet figura como teia na qual todos os dias se tecem novas relações que conectam a sociedade em rede; as temáticas oriundas desses elos interferem na construção do pensamento humano e, conseqüentemente, nas atitudes de seus usuários. Alguns espaços de redes sociais como *Facebook*, por exemplo, diversificam o alcance dos vários discursos que circulam na rede, proporcionando uma rápida e maior adesão às formas discursivas que se engendram como representações legitimadas no social. O propósito deste tópico é discutir, pois, como o ambiente midiático das redes digitais sociais, em especial o *Facebook*, contribui para a massificação, reprodução e disseminação de velhos e novos modelos mentais inerente às feministas na sociedade.

Neste trabalho, consideramos que as plataformas de redes sociais não são unicamente palco de discursos ou sociação. Elas estão para além disso. Entendemos que as plataformas digitais, em especial o *Facebook*, figura como um suporte que possui massiva participação na construção de modelos mentais na atualidade, atuando na alteração de percepções e influenciando na construção de subjetividades individuais e coletivas. Diante da multiplicidade de atores que compõem esse espaço, os discursos que reverberam desse então “amplificador” contemporâneo são (re)produzidos em escalas de interação que adentram nos diversos universos ideológicos de seus interactantes.

Recuero (2015, p. 23-24) afirma que “as redes sociais são metáforas para agrupamentos sociais”. Desse modo, os sujeitos nesses espaços devem ser lidos do mesmo modo que em outras esferas: atores ideológicos historicamente contextualizados dentro de uma sociedade conectada em rede *online*, que não diferente da *offline*, obedece a parâmetros de hierarquia. Entretanto, não confundamos tal afirmação com alegação de que a internet constrói sujeitos; não é este o ponto. O que estamos aqui a defender é que as redes polarizaram os discursos sociais, através de mecanismos específicos a esse tipo de mediação, de modo que as pistas

linguísticas deixadas pelos atores, através de suas produções, permitem-nos traçar os modelos pelos quais suas práticas discursivas e representações estão sendo orientadas. “O estudo de redes é, portanto, o estudo dos padrões sociais” (RECURO, 2015, p. 24).

Na era da pós-modernidade, os meios tradicionais de comunicação em massa, como rádio e televisão, cedem espaços para as mídias digitais, as quais são tidas por seus usuários como fontes, muitas vezes a única, de informação. Para nós, consiste, aí, um paradoxo, pois à medida que esses meios podem exercer uma espécie de contrapoder, elas também instauram um novo tipo de poder que, através do controle em massa dos usuários, tendem a criar caminhos de conectividade que sirvam não somente aos interesses dos actantes, mas, sobretudo, aos de um sistema econômico que olha para esses meios emergentes de comunicação como uma era de capital cujo as mercadorias são laços sociodigitais. Isso determina a forma como qualquer tema é perpassado nesses espaços, sejam eles religiosos, afetivos, políticos, sociais ou qualquer outra forma de interação. Todos eles estão sujeitos ao enlace tecnológico das redes digitais, que visam, acima de tudo, objetivos financeiros.

Ao tomarmos o processo de socialização de gênero social no FB, verificamos que a interações nesses locais são permeadas pelo acesso diversificado de usuários (estejam eles em qualquer lugar do mundo), os quais consomem e produzem o que está sendo veiculado desde o primeiro instante que se conectam a esses espaços. Com uma “plateia” tão grande, é possível que um discurso, ao ser enunciado, alcance lugares onde, sem a mediação de tais tecnologias, ele não poderia chegar, o que, em termos de representação e conhecimento, é um ponto positivo para as causas sociais de grupos minoritários; afinal, a ideia de romper com as barreiras, impostas pelo hegemônico, por meio de plataformas, desmediatizadas dos meios tradicionais (rádio, tv), que facilitam o livre acesso aos vários tipos de conhecimento, realmente parece ser algo revolucionário.

Entretanto, algumas formas de violência simbólica, devido à proporção interativa dos meios pelos quais elas são disseminadas, alcançam mais rapidamente seu público alvo. E o que exatamente, nos termos desta pesquisa, isso significa? Que tal qual o movimento feminista expandiu sua “voz” com o advento tecnológico nas redes sociais – fazendo das plataformas virtuais palco de luta e resistência –, ele também passou a ser mais enfaticamente atacado pelos seus detratores. Os discursos de ódio contra as feministas se proliferam na rede com a mesma ou mais intensidade das violências, por elas, vivenciadas *offline*. Isso porque cada ação efetuada nesses ambientes – cliques, curtidas, compartilhamentos, comentários – permanece alocada na rede, acessível e passível de replicação a qualquer momento, o que torna o conteúdo que está

sendo veiculado cada vez mais visível a outros usuários. Se uma determinada opinião contra mulheres feministas for emitida por um actante – quando, por exemplo, fala-se que elas são *abortistas, contra a família, satanistas ou ditadoras*³⁰ – e esta atingir um público que a conceba não meramente como juízo de valor, mas sim com *status* de “informação” ou conhecimento legitimado, essas afirmações não só receberão atenção e visualizações em rede, como também passam a concatenar atores que partilham da mesma visão de mundo, conectando-os e fortificando a replicabilidade da desinformação enunciada, bem como a legitimidade constitutiva desse discurso de ódio. Em um espaço onde não há ferramentas que impeçam que tais construções sejam elaboradas – não como cerceamento de expressão, mas sim como resguardo à dignidade das mulheres – esses discursos passam a ser fonte de manipulação mental e reguladores comportamentais.

Além do mais, o “conforto” de fala que o distanciamento físico das redes sociais oferta faz com seus usuários se sintam à vontade de declarar as mais abjetas idealizações, sem dimensionar o impacto que tais práticas infligem ao social. “A desconstrução da distância espacial acompanha a erosão da distância mental. A medialidade [...] do digital, *nesses termos*, é nociva ao respeito” (HAN, 2018, p. 12, grifo nosso) e impele a deformações conceituais que abrem margem para polarizações de discursos agressivos. E à medida que esses discursos são aceitos pela coletividade, através de *likes* e reações positivas, sem qualquer sanção que os impeçam, que o usuário passa a ter a sensação de estar sendo entendido e aceito pelos demais usuários da rede social, aumenta a confiança de reproduzir cada vez mais esses discursos.

Advém, daí, uma falsa sensação de controle que antagoniza influenciador *versus* influenciável, onde o intuito não é refletir sobre a informação que está sendo replicada, mas sim, ser o transmissor, o “autor” dessa informação, seja através de *likes*, comentários, ou qualquer outra forma de engajamento que cause no indivíduo o sentido de existência dentro dos laços da grande rede. Dizemos ser falsa essa sensação, porque não fortuitamente esse “bem estar” é concedido ao usuário do FB. Se o usuário quer, o FB entrega. Isto é, há uma especificidade nesses espaços de interação que regulam e monitoram a subjetividade dos indivíduos fazendo com que estes passem maior período de tempo na esfera da internet. Também não por acaso, essa “presença” é requestada, e devidamente planejada, nas redes; ela serve a propósitos financeiros que visam extrair o máximo dos padrões comportamentais dos actantes para, assim, tecer demandas que servem a fins capitalistas. É o que Zuboff (2019)

³⁰ Dados retirados da materialidade corpora deste estudo, disponíveis nos anexos.

chama de “capitalismo de vigilância”³¹, onde um processo de desinformação ou informação tende a monitorar a percepção do usuário; uma base de vigilância algorítmica³² que pode influenciar as crenças e percepções de mundo do indivíduo. A economia de vigilância funciona assim como a produção de conhecimento regulado, modulando as percepções do usuário para que este, instigado pela sua interação e através de suas produções, alimente cada vez mais a base de dados do FB. Segundo Zuboff (2019, p.320, tradução nossa)³³ “o capitalismo de vigilância é uma forma sem fronteiras que ignora as antigas diferenças entre mercado e sociedade, mercado e mundo, ou mercado e pessoa”. São indivíduos vistos unicamente por olhos mercadológicos, em que a lógica do capital supera a lógica de humanidade.

A autorregulação da sociedade é cimentada por exercícios de poder que direcionam os valores e interesses socioculturais. Se a sociedade se transforma, se transformam com ela os meios pelos quais as instituições buscam manter o controle sobre os corpos e mentes dos indivíduos. Cassino (2018) assevera, numa articulação com pensamentos deleuzianos e foucaultianos, que passamos de uma sociedade disciplinar para uma “sociedade de controle”, onde não é necessário punir o corpo, se é possível controlar a mente. Ou seja, nas sociedades de controle, a manipulação do pensamento é feita de forma sutil, velada, e seu maior meio de disseminação é através dos eventos comunicativos, em que, na era cibernética, se promove essencialmente através das mídias digitais de comunicação em massa. É o que Han (2018) afirma ser o “psicopoder”: vigiar e controlar o indivíduo por dentro.

Para Han (2018, p. 124), “vigilância e controle são uma parte inerente da comunicação digital”. Nisso, um dos mecanismos mais eficazes desse exercício de controle das plataformas digitais é a modulação. Segundo Cassino (2018, p.15), a modulação “tem por poder modular, cristalizar, uma determinada subjetividade desejada na memória, no cérebro das pessoas”, traçando, assim, um caminho para o usuário, onde ele possa deixar o máximo de rastros que o identifique frente a questões culturais, sociais e ideológicas, bem como auxiliando-o a adequá-las, conforme os interesses de uma sociedade digital emergente.

³¹ Na versão original: *Surveillance Capitalism* (ZUBOFF, 2018). Segundo a autora, o capitalismo de vigilância é uma nova forma de poder que controla o comportamento dos indivíduos com o intuito de depreender padrões em rede e vender essas informações para grandes companhias que possam utilizá-las em benefício próprio. Esse modelo de economia cresce e obtém êxito com a mesma magnitude que as conexões em redes são/estão globalizadas.

³² “Algorítmicos podem ser descritos como uma série de instruções delegadas a uma máquina para resolver problemas pré-definidos. São processos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada e estão presentes praticamente em todas as funções que executamos em rede” (MACHADO, 2018, p.48).

³³ Na versão original: “*surveillance capitalism is a boundary-less form that ignores older distinctions between market and society, market and world, or market and person*” (ZUBOFF, 2019, p.320).

Desse modo, modular consiste em reduzir o campo de visão do indivíduo, uma vez que o sentido da modulação é proporcionar uma zona de conforto, distante de conflitos, que o mantenha conectado a elos que compartilham de valores e opiniões afins, fortificando, à medida que esses elos aumentam, seus sistemas de crenças, sejam eles quais forem. Isso não significa moldar o pensamento, mas sim a forma que um indivíduo pensa sobre um dado tema, cuja escala de valor é ampliada ou minimizada, conforme os interesses desse usuário na rede. Como afirma Silveira (2018, p. 38),

A modulação é um processo de controle da visualização de conteúdo, sejam discursos, imagens ou sons. As plataformas não criam discursos, mas possuem sistemas algoritmos que distribuem os discursos criados pelos seus usuários, sejam corporações, sejam pessoas. Assim, os discursos são controlados e vistos, principalmente, por e para quem está dentro dos critérios que constituem as políticas de interação desses espaços virtuais.

A modulação afunila, assim, o mundo do usuário conforme suas preferências. É uma forma de circunscrevê-lo numa bolha na qual ele se sinta confortável no ambiente digital. Dessa forma, se um usuário do FB curte, comenta, compartilha, ou cria algum conteúdo de afirmação contra discurso feminista, não aleatoriamente esse indivíduo vai ser direcionado para páginas cujos discursos se assemelhem aos seus. Assim, os indivíduos se agrupam em coletivos com valores e opiniões afins, onde suas opiniões passam a ser polarizadas com auxílio do mecanismo de modulação. Isso assegurará os interesses dele e, principalmente, do sistema capital vigente.

Como consequência disso, se as feministas são vistas, por exemplo, como atores sociais pertencentes a grupos políticos cuja denominação social seja de esquerda, é de se esperar que uma sociedade pautada e hierarquizada em valores capitalistas não tenha, necessariamente, como prioridade combater essa representação que a elas é imputada, pois isso acarretaria um fortalecimento de interesses opostos ao sistema dominante. Como em uma sociedade governada por princípios autoritários, que monitora e censura formas de expressão democráticas, os mecanismos do digital controlam aquilo que melhor convém aos interesses socioeconômicos que os mantêm.

Se, para fins de compressão, traçarmos um paralelo entre duas formas de opressão, igualmente nocivas para o social, a saber, o sexismo e o racismo, veremos que a este é dispendido maior ênfase e rigor de combate, no meio digital, do que àquele. Isso porque já está legitimado conceitualmente – como de fato o é – que manifestações racistas constituem formas de violência contra os princípios basilares humanos. Em sociedades ocidentais, qualquer sujeito, grupo ou meio comunicativo que permita manifestações, explicitamente racistas em suas esferas, estarão sujeitos às penalidades de leis asseguradas constitucionalmente. Logo, um

sistema que não pune o corpo, mas visa controlar mentes não iria de encontro a isto, um conceito fundado e legitimado. Entretanto, tal entendimento não é estendido ao discurso sexista, pois a violência simbólica contra mulher ainda não é vista como prática de ódio, sobretudo, nas discursividades; ao contrário, ela é minimizada, aceita e tratada com naturalidade nos mais diversos meios de comunicação, os quais, em prol de interesses de classe, diluem e perpetuam essa prática de ódio.

Nesta pesquisa, o campo de observação do qual extraímos a materialidade que aclara tais práticas está alicerçado nos comentários do FB. São neles que recaem a produção dos sujeitos, o que nos permitem traçar os níveis multimodais do discurso, bem como várias estratégias semânticas e descritivas que revelam os rastros de suas produções linguísticas. Decorrente disso, é possível depreender os valores, crenças e posições ideológicas que os habilitam como produtores e disseminadores do discurso sexista. É o que analisaremos, com base em nossa escolha corpora, no capítulo a seguir.

4 ASSUNÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E ANÁLISE INVESTIGATIVA DOS DADOS

Discutido como os novos meios de comunicação emergentes, como *Facebook*, têm se mostrado uma ponte promissora para os estudos dos percalços transformacionais da língua, sobretudo na construção de Modelos Mentais, nossas análises estarão voltadas para exemplificar como esses modelos se constituem com base em informações fornecidas pelo discurso, ao passo que este é assimilado mediante as formações esquemáticas dos modelos mentais que os atores sociais buscam para, assim, interpretá-lo.

Isso posto, de um modo amplo, nossa categoria macro de análise consiste na cognição e no discurso, abstraídos por meio das elaborações linguísticas dos usuários, cuja a (re)significação discursiva constitui um aspecto observável. Pois, como já fundamentamos, na teoria dos Modelos Mentais, as escolhas individuais (linguísticas), em uma determinada comunidade, são influenciadas pelas generalizações (crenças) erigidas socialmente. Falcone (2008, p.53) endossa, ainda, que “a cognição tem a propriedade de operar na interface entre o que construímos socialmente e o que praticamos individualmente”. Desse modo, aspectos sociocognitivos, como compreensão, inferências, ideologia e contexto serão o fio condutor que recobre toda a análise dos dados – expostos através da produção linguística-discursiva dos atores sociais no *Facebook* – cuja materialidade, bem como nossa microesfera de investigação, recai sobre os processos de (re)categorização (CIULLA, 2014), elaborados pelos interactantes, por meio dos comentários da plataforma. Outros aspectos observáveis como ideologia, contexto e representações sociais (macro), já foram precedias nos capítulos anteriores.

Dito isso, este capítulo se divide em quatro seções, nas quais trataremos de explicitar como se deu o nosso percurso de análise metodológica para obtenção dos resultados aqui obtidos. Inicialmente, partiremos da apresentação teórico-metodológica da categoria micro elencada, a qual nos permite vislumbrar aspectos sociocognitivos em funcionamento no discurso por meio do processo de (re)categorização. Posteriormente, mostraremos as especificidades dos *locus* no qual desenvolvemos a investigação, os comentários de *Facebook*. Por fim, antes de seguirmos para as discussões dos resultados que nossas análises contemplam, descreveremos o processo cronológico de seleção e recorte do *corpus*, tomando como *corpus* restrito/ampliado os comentários de quatro *posts* específicos, tratados aqui como *posts* *motivadores*, que remetem à macroesfera das análises que abarcam o contexto dos comentários.

4.1 Categorizar para (re)significar

A língua não é reflexo da realidade, ela é a representação da realidade, e atentamos para essa representação transformando os objetos de mundo para objetos do discurso. Isso posto, é mister que a linguagem possui naturalmente uma função categorizadora. Portanto, consoante com as perspectivas teóricas previamente apresentadas nos capítulos precedentes, entendemos que a compreensão discursiva – aliançada a fenômenos sociocognitivos – se dá pela relação referencial que as palavras e expressões inserem ao evento comunicativo.

Por meio das escolhas dos usuários, significados são tecidos e, mediante o contexto que eles são apresentados, um mesmo referente pode apresentar significações distintas. Essas pistas linguísticas, elaboradas pelos interactantes, nos fornecem as tessituras textuais, por meio das (re)categorizações, entrelaçadas no discurso, as quais remetem, pois, como certos referentes são ressignificados na construção das redes de interação, de acordo com as representações sociais que as sustentam. Para Ciulla (2014), a categorização é um processo intimamente ligado ao processo referencial. Por isso, em nossas análises, ora nos reportaremos a categorizar, ora a referenciar, pois, “referir também implica em categorizar” (CIULLA, 2014, p. 249).

Optamos pelos objetos do discurso, pois entendemos que eles constituem recursos de construção de sentido que incrementam/ diferenciam os sentidos (semântica) na interação. Longe de focarmo-nos apenas em materialidades lexicais, nossas análises do processo de (re)categorizar recobrem, antes de tudo, operações cognitivas, como inferências do interlocutor; o contexto que o evento comunicativo está inserido e as abstrações oriundas de um conhecimento socialmente compartilhado que impele às produções linguísticas diferentes formas de categorizar. Assim sendo, alçamo-nos em preceitos, sociocognitivamente, construídos na área da referenciação.³⁴ Tecemos esse caminho em conformidade com os construtos teóricos que se enraízam, atualmente, na Linguística Textual (LT). Não, objetivamos, contudo, discorrer *ad hoc* sobre tais pressupostos, pois isso, certamente, demandaria um mergulho mais profundo nas águas da LT; mas buscamos, sim, vislumbres teórico-metodológicos para o processo de manifestações linguísticas na seara do discurso. Tal

³⁴ Neste estudo, optamos pela demarcação do termo “referenciação” em detrimento do de “referência”, por assim explicitar a oposição entre a noção clássica dos estudos referenciais e as de cunho mais atuais. Segundo Mondada e Dubois ([1995] 2003), o termo referenciação consiste em um processo contínuo, pressupondo, assim, uma ação em rede. Cavalcante (2011, p.11) defende ser os objetos do discurso “uma construção cognitivo-discursivo que, mesmo quando não se explicita no contexto por meio de uma expressão linguística, constitui ainda um dos processos referenciais”.

junção se faz pertinente, pois a LT agrega o discurso como plano interseccional de seus estudos nos permitindo, assim, entrever como os interactantes de um evento comunicativo constroem os sentidos das coisas, uma vez que esses não são dados, mas sim construtos da negociação entre os sujeitos. Assim, selecionamos (re)categorizações, nossos modos de dizer frente à finalidade discursiva a qual pretendemos alcançar; isso, estando envolto no contexto da interação, que, por sua vez, é o modelo que alicerça as considerações acerca do processo de (re)categorização, por nós, aqui, defendido, os quais remetem aos (re)significados do léxico feminista.

Concebemos, pois, que os referentes não são objetos de mundo, mas sim objetos do discurso. Isto é, eles ocorrem – significam e ressignificam – dentro dos discursos, por meio de (re)categorizações que corroboram para a representação do real. Ciulla (2014, p. 247) diz que “a categorização é um processo cognitivo no qual os falantes percebem o mundo e ao fazê-lo, também distinguem, classificam e designam as coisas a sua volta”. Ela não nos remete a uma realidade dada *a priori*, mas sim a práticas simbólicas, situadas e culturalizadas (discursivas).

Logo, os caminhos da referenciação passam a ser expandidos em detrimento de uma abordagem evolutiva que concatene os modos de dizer com o meio sociocognitivo que eles permeiam, permitindo, através dessa junção, identificar as formas como os falantes representam os objetos de mundo. É, por isso que, “o processo cognitivo da (re)categorização nunca se desassocia da referenciação; os dois estão intimamente ligados, que não se pode interpretar um sem, necessariamente, recorrer ao outro” (CAVALCANTE, 2011, p.127).

Desse modo, interpor uma análise cognitiva nas formas de categorizar, ajuda-nos a entender o quanto está envolvido por trás de uma ressignificação/ categorização de referentes. Porisso, a averiguação dessas categorias se mostra fortuita ao estudo de Modelos Mentais, pois o sistema linguístico por si só não contempla a amplitude de um discurso, mas, quando aliançado à interface da sociocognição, ele nos revela incidências contextuais sobre a interação e produções, ideologicamente materializadas, nas quais as “escolhas lexicais são adaptas e reconstruídas de acordo com está sendo negociado e com as intenções dos interlocutores” (CIULLA, 2014, p.248).

O processo de categorização constitui, assim, fonte expressiva para a construção das representações mentais na memória dos atores sociais. Elas nos dão pistas do que está estabilizado como conhecimento na sociedade. É, pois, um vislumbre da construção, disseminação e manutenção de estereótipias, bem como das variadas visões de mundo encontráveis num corpo social. E, assim como os Modelos Mentais possuem a característica de

reformulação e modificação frente ao conhecimento que se internaliza junto às subjetividades dos atores sociais, as categorizações também são frutos de negociações coletivas.

Assumindo assim que as categorizações se elaboram no curso das atividades pelas quais os sujeitos enxergam o mundo e, dessa forma, se transformam a partir dos contextos (MONDADAIE DUBOIS, 1995, p. 273 *apud* CALIXTO DE LIMA, 2007, p. 78), quando, no *corpus*, trazemos o recorte de um determinado léxico/sintagma para apreciação analítica, este será descrito com vistas as (re)formulações mentais que os usuários tem do contexto de interação. Assim, tomamos que a função categorizadora, disposta nos enunciados, obedece a perspectivas subjetivas dos interactantes que influenciam na construção discursiva. No caso dos dados aqui analisados, a produção dos referentes é condicionada pela representação social das feministas, inscrita nos modelos mentais dos atores. Esses aspectos serão melhor entendidos à medida que procedemos às análises.

Levando em consideração que nosso *locus* de análises está pautado em um contexto virtual de interação, faz-se necessário pontuar que os léxicos analisados, bem com outras semioses, serão analisados com a junção do *post* motivador da discussão/interação e sua rede de respostas, os comentários. Nesses últimos, buscamos extrair as (re)categorizações oriundas do referente evocado no *post* inicial. Assim, nossa análise se foca no universo contextual-discursivo de construções lexicais e, ainda, multissemiótico dessas (re)categorizações. Entendemos, consoante à Penhavel (2017, p. 20), que os “textos autênticos, cotidianos, não idealizado, inclusive incompleto e defeituoso” constituem uma rica fonte de novas formas de dizer, tendo em vista a forma espontânea como essas construções são materializadas. Portanto, ao focarmo-nos nos comentários do FB, entendemos que esses espaços constituem uma forma espontânea de produção discursiva e, por conseguinte, de modelos mentais, cuja informalidade e autenticidade discursiva nos permitem abstrair as representações sociais subjacente às formulações dos usuários.

Dessa forma, a delimitação do *corpus* à esfera dos comentários deu-se aliançada à concepção de língua adotada nesta pesquisa: a noção sociointeracionista-cognitivista. Assim, entendemos que a principal característica das páginas de redes sociais é promover a interação entre os participantes, a qual recai, sobretudo, nos comentários e sua rede de respostas, cujo contexto comunicativo é definido pelo diálogo que se forma mediante os *posts* públicos.

Diante disso, as ponderações do tópico seguinte mostram-se necessárias para especificar a investigação de recursos inerentes a esse gênero textual.

4.2 Compósito estrutural do gênero comentários de *Facebook*

Imbuídos linguisticamente na tarefa de trabalhar com gêneros textuais que representem contextos de usos reais e autênticos da língua, a opção pelos comentários do FB nos remete a uma fonte legitimadora de discursos. Uma vez que a rede FB é amplamente difundida na sociedade contemporânea, seu alcance induz à formação de saberes e norteia a compreensão de mundo por parte de seus usuários.

Assim, nesta dissertação, defendemos que os comentários do *Facebook* não só obedecem aos critérios linguísticos-textuais de gênero, possuindo “realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas” (MARCUSCHI, 2003, p. 22), como também ocupam um lugar privilegiado nas relações linguístico-discursivas atuais, pois, como pontua Marcuschi acerca da funcionalidade dos gêneros textuais (2003), estes suprem a necessidade de uma interação socioculturalizada e aliam-se às inovações tecnológicas, permitindo, assim, o movimentar da língua em uso. O linguista diz ainda:

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Essa posição, defendida por Bakhtin [1997] e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva (MARCUSCHI, 2003, p. 3).

Embasados, pois, de concepções marcuschianas, entendemos que os comentários do *Facebook* são um compósito textual que operam como produções textuais independentes dentro de um processo interativo. Consistem na (re)elaboração argumentativa em defesa de um ponto de vista inerente a uma temática dada. Essa temática, ora se apresenta por meio de produções unicamente verbais, ora por meio de imagens agrupadas aos comentários, ou ambas usados simultaneamente. Isso implica que a compreensão discursiva de um tópico em torno dos comentários necessita, muitas vezes, do depreender cognitivo dos participantes para ativar a construção de significados que se forma concomitantemente na integração de aspectos multimodais aos signos verbais. Esses recursos são aqui abordados como constitutivos do compósito de texto que forma os comentários, o que, naturalmente, remete à evolução da prática sociointeracionista por acréscimo de novos dados entre os enunciatários da rede de comentários

do FB, em que os usuários, através do uso desses enunciados verbo-visuais, enfatizam seus modelos linguístico-discursivos de representações sociais. Logo, para esta pesquisa, tais elementos são tidos como parte da representatividade discursiva, típica desse gênero. É um aspecto pelo qual, também, é possível inferir uma potencialidade ao discurso.

Outro ponto observável é o de que gênero comentários está se tornando uma fonte “rápida” de pesquisa para aqueles que deixam de ir diretamente à fonte e se guiam pelo que leem diretamente nessas produções textuais. Este tipo de comportamento, em adequação ao nosso estudo, reforça o que defendemos nesta pesquisa: de que a construção dos modelos mentais por meio do discurso sexista, dispostos nestes espaços de interação, é rapidamente absorvida e internalizada na memória episódica de atores que se baseiem unicamente nas construções discursivas produzidas nestes eventos. Ademais, uma vez que determinada produção linguística é naturalmente replicada através de gêneros que a põe em circulação massiva, seu alcance discursivo expande-se em diversos segmentos sociais, materializando, em rede, tais condutas languageiras.

Desse modo, seguindo as asserções de Marcuschi (2004, p. 4), que ponderam ser gênero um “instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social”, compilamos, abaixo, algumas peculiaridades que tornam os comentários da rede social *Facebook* um gênero textual tipificável, e, portanto, apto a processos de análise funcionais dos estudos linguísticos:

- Interatividade (servem à troca de mensagens entre os agentes participantes da situação comunicativa);
- Possui heterogeneidade tipológica (notícias, artigos, etc.);
- Apresenta hipertextualidade (presença de links que (re)direcionam o enunciatário);
- Multimodalidade (apresenta imagens, vídeos e outras semioses);
- Intertextualidade de intergêneros (os comentários, muitas vezes, incorporam a função de outros gêneros, por exemplo, ao vincular notícias, vídeos, memes etc.).

Faz pertinente a esse estudo ressaltar, ainda, uma peculiaridade específica do gênero comentário de FB, o selo de “superfã” que um interactante recebe por ser um seguidor ativamente interativo em determinada página da rede. Em nossas análises, esse selo será destacado cada vez que um ator o apresentar. Entendemos que, se um seguidor manifesta uma determinada opinião em uma dada situação, assim o fará em outro momento, quando a mesma situação modelo ativar as representações que ele faz diante de tal contexto. Isso o torna

duplamente ativo como (re)produtor de modelos mentais. Na triagem do *corpus*, observamos que 121 usuários apresentam o selo de superfã em suas postagens.

4.3 Triagem do Corpus

Após investigação exploratória preliminar do universo digital midiático, como já fora pontuado na parte introdutória, capítulo um deste estudo, escolhemos a *fanpage* do *Facebook* – “Quebrando o Tabu” – para ser o campo de busca por *posts* relacionados ao tema feminismo.

A seleção dos *posts* deu-se por meio de assuntos diretamente ligados ao universo feminista, em que averiguamos os modelos mentais que surgem quando o tema envolto na situação comunicativa refere-se à significação do termo feminismo, bem como à especificação identitária das feministas. Além da temática contextual como ponto de partida, tomamos, ainda, como fator determinante da escolha, a intensidade do *feedback* em relação às postagens (quantidade de curtidas, comentários, compartilhamentos etc.), pois, como debatemos no tópico 3.4, quanto maior é o engajamento dessas publicações, mais elevada é a forma de disseminação discursiva feita através delas, impulsionados pelo processo de modulação digital.

Em um primeiro momento, monitoramos as publicações da página espontaneamente, por meio de observação não controlada e não participante, isto é, sem interferência direta na situação estudada, apenas verificando e coletando os dados à medida que estes apareciam no *feed* de notícias. Para isso, um período mínimo de monitoramento foi estabelecido *à priori*: seis horas por dia ficávamos logados no FB, observando as publicações da página QT. Tal método nos permitiu verificar a frequência que assuntos relacionados ao tema feminismo eram expostos pela página durante o período de observação, que teve início em meados de 2019 e se estendeu até o final de 2020. Com isso, apuramos que, a cada 10 publicações, 04 eram relativas a um conteúdo sobre discussões de gênero na sociedade, o que enfatiza, em nível de importância, nossa escolha corpora.

Em um segundo momento, em virtude dos diversos acontecimentos que incorreram no ano de 2020 – pandemia³⁵ –, tivemos que usar o recurso de busca, via aba “pesquisar” no

³⁵ Em 2020, o mundo enfrentou uma pandemia infecciosa de proporções continentais, causada pelo vírus SARS-CoV-2. Isso infligiu um momento atípico em todos os setores da sociedade, dentre esses os veículos de comunicação, que se detiveram, grande parte, a transmitir informações sobre os riscos e medidas de proteção contra doença. Inclusive a página Quebrando o Tabu.

Facebook, por temas relacionados às feministas. Isso porque, dada à importância dos fatos globais do corrente ano, houve uma queda considerável nos ambientes virtuais sobre postagens relativas à temática da nossa pesquisa. Assim, através do uso da *hashtag*³⁶ seguido do item lexical ‘feminista’ (#feminista) passamos a selecionar as publicações.

Após estarmos familiarizados com o *locus* investigativo, delimitamos as opções de análises em torno dos comentários responsivos a *posts* da página Quebrando o Tabu, compondo, assim, o conjunto de *corpus* ampliado desta dissertação, o qual totaliza em 446 comentários coletados em quatro postagens (anexos A; B; C e D). Desse total, efetuamos a triagem de 256³⁷ sequências de comentários, cujo teor argumentativo remete a construções discursivas de cunho pejorativo em relação a feministas.

Em relação ao *corpus* restrito, utilizados nas análises presentes, este contabiliza 44 SC’s, das quais extraímos as categorias de análises e discussão dos resultados consubstanciados. À guisa de ilustração, observemos o quadro abaixo:

Tabela 1 - Quantitativo e seleção do *Corpus*

<i>Corpus</i> ampliado	Critério de inclusão	Crítérios de exclusão	<i>Corpus</i> restrito
Comentários do <i>Facebook</i> (QT)	Comentários com teor sexista	Comentários sem teor sexista	Comentários aglutinados nas análises
Total	Total	Total	Total
446	256	225	44

Fonte: *Corpus* do estudo

Optamos, como critério de exclusão, por não analisar comentários que não apresentaram formulações sexistas em seus discursos, pois entendemos que análise geral da interação discursiva de todos os comentários demandaria uma análise extenuante, já que, além de tecermos

³⁶ “As hashtags surgiram em 2007, no Twitter, como um recurso que permite o agrupamento de mensagens em torno de um mesmo tema [...]. Esse recurso se popularizou entre as comunidades virtuais e ultrapassou o ambiente da internet, sendo utilizada atualmente em outros ambientes e por diversos setores da sociedade, assumindo diferentes funções” (ALVES, 2017, p. 13).

³⁷ Para fins de consulta metodológica e diferenciação dos demais comentários, essas construções aparecem grifadas em vermelho nos respectivos anexos.

observações às SC's responsivas aos *posts* motivadores, teríamos de analisar também as respostas em respostas aos referidos comentários. Não obstante, um dado específico se faz pertinente ressaltar em relação à totalidade corpora: a superioridade numérica de comentários pejorativos em relação àqueles a favor da causa feminista, eles excedem os “bons” comentários em cerca de 10,5 %.

Concernente à temporalidade dos comentários, cumpre ressaltar que estes não seguem uma ordem cronológica. Eles foram catalogados e organizados em correspondências à temática, bem como às categorias, analisadas nos *posts*; ou seja, os comentários permanecem fiéis às suas publicações de origem, todavia, foram aglutinados de acordo com o teor semântico comum de significações entre eles. Isso nos viabilizou um nível de observação mais rápido e, principalmente, mais amplo das ocorrências linguístico-discursivas em torno da temática abordada nas publicações.

Devido à nossa pesquisa fincar-se em análises de cunho qualitativo/interpretativo, a verificação da construção do sentido na esfera investigada dar-se-á, primordialmente, pelas materializações linguístico-discursiva dos atores, pois, tal qual defendem Simon e Kaplan (1989, p.2), entendemos que, “apesar das dificuldades, a análise de protocolos, o uso de informações verbais do sujeito como fonte de dados tem sido, provavelmente, a técnica mais usada para investigar a cognição humana”. O que nos possibilitou captar a essência dessas representações foi justamente a informalidade dos comentários da rede social FB, motivo pelo qual os domínios do texto aqui investigados remetem a sequências de comentários (SC) dos *posts* originários selecionados. Desse modo, o método de coleta de comentários deu-se por meio da captura de tela (*prints*) das referidas construções.

É válido ressaltar, ainda, que, apesar de algumas vezes recorrermos a transcrições de alguns comentários, as quais aparecem em itálico e entre aspas no corpo do texto, isso acontece apenas pra fins de clareza e objetividade textual na explicitação das análises, pois, nossa materialidade corpora caracteriza-se, exclusivamente, por meio dos *prints*.

Em relação aos enunciatários, produtores dessas materializações, optamos por ocultar a imagem, juntamente com os respectivos sobrenomes, que eles utilizam em seus perfis sociais. Tal postura ampara-se na nossa ética profissional e consciência moral de que a atitude de expor a imagem desses usuários poderia causar-lhes transtornos futuros. Embora entendamos que as construções sexistas presentes na materialização discursiva de tais sujeitos constituam uma formade opressão e violação dos direitos das mulheres nesses espaços, esperamos ainda por um

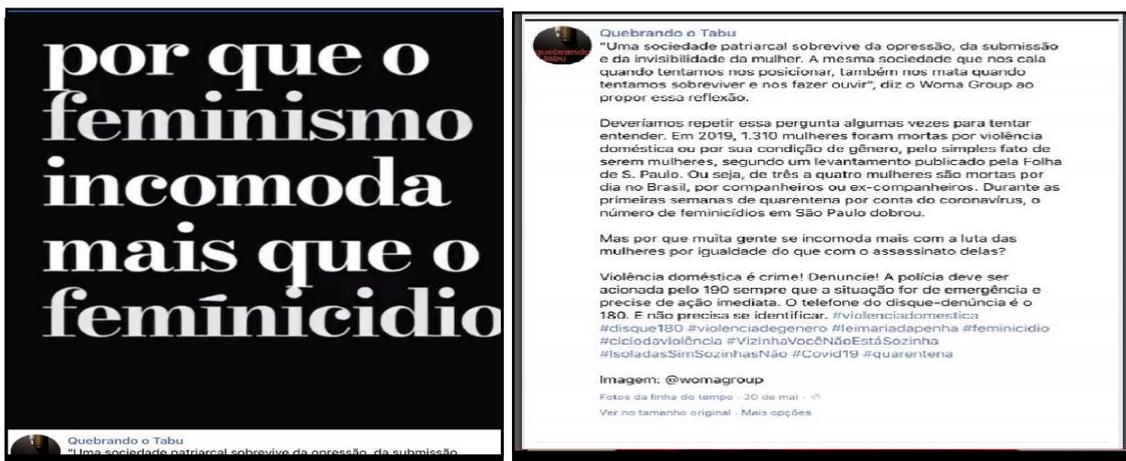
respaldo jurídico que nos permita a livre exposição desses perfis, bem como a devida sanção mediante tal violência manifesta.

A sequência integral dos comentários encontra-se disponível ao fim desta dissertação, por meio dos anexos.

Passemos, agora, às postagens e as suas respectivas discussões analíticas.

4.4 Redes de significação discursiva: generalização e abstração na conceitualização do feminismo

Figura 4 - Quebrando o Tabu, post 1

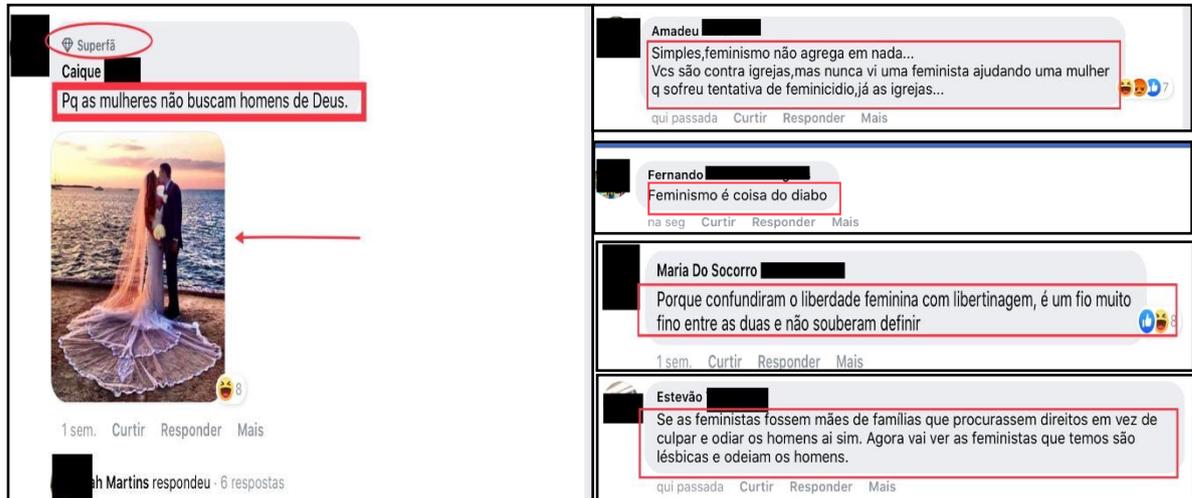


Fonte: Facebook, maio de 2020

O primeiro *post* em análise nos permite depreender as abstrações sobre o “conhecimento” compartilhado entre atores no FB acerca do feminismo. Com uma indagação inicial (figura 4), seguido de texto motivador, o conteúdo visa levantar a discussão sobre o fato de o movimento feminista ser prejulgado mais do que o assassinato de mulheres. As sequências de comentários (SC) que se formam em resposta ao questionamento da página, são baseadas nos modelos que os usuários têm do que eles acreditam ser o movimento feminista; decorrente disso, baseiam suas respostas não na reflexão, objetivo preliminar do *post*, mas, sim, no ataque direto ao que, segundo os comentários expostos, considera-se ser feminismo.

Vejamos:

Figura 5 - sequência de comentários 1



Fonte: Facebook, maio de 2020

Inicialmente, apresenta-se um enunciado verbo-imagético que faz parte do processo de redes de significação de construções discursivas do gênero comentários. A construção “*pq as mulheres não buscam homem de Deus*” alude à representação de que as mulheres que integram o grupo social feminista não são religiosas e, portanto, passíveis de se relacionarem com feminicidas. Ideia reforçada na sequência seguinte: “*vcs são contra igreja [...]*” e “*feminismo é coisa do diabo*”, respectivamente. Ainda nesse viés, outro ponto de generalização, não marcado linguisticamente, porém inferível, é que “*Homens de Deus*” são homens para casar, em contra partida: feministas não se casam e não são religiosas, então não teriam como se relacionarem com pessoas “de bem”. O que é um pressuposto falso.

Tais sequências demonstram que o discurso dos enunciantes são pautados em argumentos religiosos e representações dogmáticas. O pensamento religioso, no Brasil, faz parte de uma crença enraizada por preceitos bíblicos compartilhados entre sujeitos, adeptos da doutrina cristã cujos ensinamentos exigem um padrão comportamental da mulher em consonância às normas desse segmento. Parte dos modelos de gênero impostos na sociedade são pautados por vieses religiosos desde antiguidade até os dias atuais. É a recuperação de um velho modelo tradicionalista para, assim, justificar a continuação dele na sociedade. A religião é uma poderosa fonte ideológica de disseminação de crenças na sociedade; não só daqueles que a seguem, mas também dos demais sujeitos que foram submetidos a um corpo social cuja

presença da igreja constitui instância dominante de poder e controle. Segundo pesquisa levantada pelo Datafolha (2020)³⁸, o cristianismo no Brasil corresponde a um percentual de 81%, ou seja, apesar da laicidade do Estado Brasileiro, seu contexto sócio-histórico é permeado por orientações doutrinárias. Sendo assim, e admitindo que “o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social” (MARCUSCHI, 2004, p. 5), os signos lexicais que aparecem nas formulações dos atores em análise como, *igreja, Deus, diabo*, são marcas de um discurso condicionado por modelos dualísticos pré-existentes de certo e errado, em que o conceito de feminismo, para esses atores, denota uma quebra da ordem “natural” da vida, portanto, condenável.

Consequentemente, as atitudes que não se encaixam nos mesmos modelos passam a ser invalidadas seguindo as mesmas convicções. É o que percebemos na seguinte sequência: *“porque confundem liberdade feminina com libertinagem” [...] é um fio muito fino entra as duas[...]*. Como vimos, a liberdade sexual feminina foi pauta da segunda onda do feminismo, através do livro “O Segundo Sexo” (1981) da autora Simone de Beauvoir, – em que autonomia sobre os corpos foi tema central – impulsionou a mudança de comportamento sexual das mulheres que, até então era tida com tabu intransponível devido aos padrões da época. Entretanto, quando, no trecho em destaque, a seguidora coloca “liberdade” e “libertinagem” como símbolos passíveis de associação:

– *“é um fio muito fino entra as duas”* – há uma equivalência entre os termos e, apesar da variação lexical, o sentido é de relação conceitual entre liberdade e libertinagem, inferindo-se, pois, que a ótica da enunciante em torno das feministas reproduza o machismo, enraizado em décadas anteriores, de que mulheres pertencentes a tal grupo sejam depravadas por não se encaixarem no arquétipo de “decência”, que envolve castidade, pureza, feminilidade, submissão e obediência, segundo parâmetros patriarcais.

Percebe-se, pois, que a tensão envolta sobre o movimento feminista recai, sobretudo, na negação que este apresenta em se assujeitar à ideologia dominante. Ainda na construção da SC 1, na expressão discursiva – *Se as feministas fossem mães de família que procurassem direitos em vez de culpar e odiar os homens [...]*” – nota-se a presença categórica de uma Representação Social firmada em modelos antagônicos, em que a expressão sintagmática “em vez de” expressa ideia contrária à primeira oração do enunciado – “se fossem mães de famílias”. A partir disso,

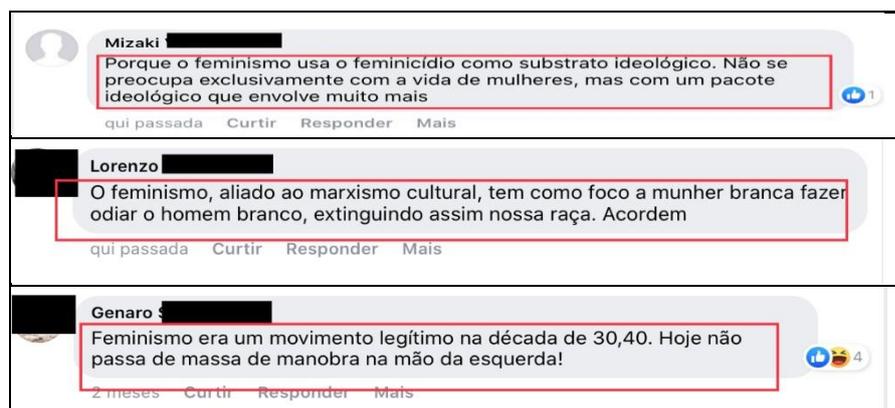
³⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 11/11/2020, às 17h14min.

verifica-se a formação das seguintes dicotomias: feminista x mãe / feminista x mulher direita / feminista x gostar de homem. São, pois, recursos estratégico-discursivos nos quais averiguamos a intenção de construir uma representação do “outro” através da distinção do “Nós *versus* Eles”, em que o principal objetivo é legitimar que um grupo possui crenças e valores superiores a outro. No caso do exemplo acima, o que se pretende configurar é que mulheres feministas (Eles) são avessas a valores do conceito tradicional de família. Este que, por sua vez, é representado pelos cristãos, e regidos por valores heteronormativos (Nós).

É válido salientar que essas dicotomias recobrem grande parte do *corpus*, como veremos no decorrer das próximas análises, e um resumo sobre tais associações será exposto no quadro 2, deste capítulo, mais adiante. De antemão, ressaltamos que elas correspondem, como já fora pontuado neste estudo, ao elemento fundamental da análise cognitiva do discurso, a ideologia, já que ela “simplesmente cristaliza em “verdades” a visão invertida do real. Seu papel é fazer com que, no lugar dos dominantes, apareçam ideias “verdadeiras”. Seu papel também é o de fazer com que os homens creiam que tais ideias representam efetivamente a realidade.” (CHAUÍ, 1980. p. 34).

Vejamos, abaixo, discursos que reforçam a polarização “Nós vs Eles”:

Figura 6 - sequência de comentários 2



Fonte: Facebook, maio de 2020

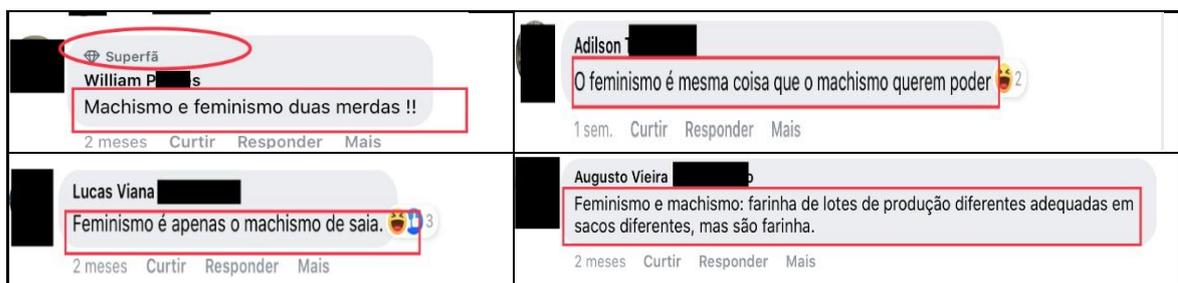
Na figura 6, termos como “*substrato ideológico*” deixam implícito a redução maniqueísta do feminismo à disputa política de Direta *versus* Esquerda, uma vez que, com frequência, grupos conservadores atribuem o movimento a pautas “esquerdistas”. Tal pressuposição pode ser testificada logo nas sequências seguintes em que as expressões “*marxismo cultural*” e “*manobra de esquerda*” são associadas ao feminismo. Essa distorção,

e manipulação mental, do movimento feminista acarreta modelos mentais que condicionam representações negativas e, conseqüentemente, a invalidação social da causa. Observemos, por exemplo, a recorrência do verbo “*odiar*”, que aparece tanto nas construções da SC 1, figura 5, quanto na SC 2, figura 6; ele reforça a ideia semântica de que as feministas não são vítimas do machismo, mas sim fomentadoras do ódio entre os gêneros. É uma estratégia discursiva de inversão de “agentividade”, cuja “variação pode, *além de inversão sintática*, também ser detectada semanticamente, conforme representamos as ações na perspectiva do agente ou do paciente” (VAN DIJK, 2017, p. 250, grifo nosso). A agentividade e passividade, neste caso, está para além de simples inversões sintáticas, elas revelam uma inversão de sentido: não se atribui um modelo mental passivo para as feministas, pois elas são tomadas como as causadoras da segregação entre os sexos. Essa narrativa distorcida impede que as feministas sejam, de fato, reconhecidas como as maiores prejudicadas da opressão patriarcal. No tópico 4.5, observaremos como esse recurso fomenta, por exemplo, a ideia de que as mulheres e seus comportamentos são as verdadeiras culpadas pela opressão que sofrem, inclusive do feminicídio.

É uma linha de representação que induz, fomenta modelos, à errônea analogia entre feminismo e machismo, tornando-os, no simbólico social, vocábulos opostos, porém semelhantes em sentido.

Observemos:

Figura 7 - sequência de comentários 3



Fonte: Facebook, maio de 2020

Nas sequências, os modelos que emergem são de aproximação conceitual entre feminismo e machismo. Os sujeitos em lide utilizam-se da retórica argumentativa de comparar ambos, no intuito de criar a significação de que tal qual é o machismo, em sua malevolência, assim também é o feminismo. “Cognitivamente, essa dimensão persuasiva da retórica pode ter função específica de conseguir uma atenção especial para significados específicos, realçando,

assim, a possibilidade de que esses significados sejam construídos como parte importante dos modelos de evento visados” (VAN DIJK, 2017, p. 265). Por exemplo, ao utilizarem a palavra “merda” e a expressão “querem poder”, os atores enfatizam dois supostos elementos negativos do movimento feminista; ao entenderem que o modelo de machismo é de conhecimento dos demais participantes da cena enunciativa, utilizam essas duas expressões como intensificadores discursivos que corroborarem com pensamento defendido e de que, se o machismo é uma forma autoritária de poder, o feminismo também o é. Já, a categorização do feminismo como “merda” remete ao asco que a figura das feministas causa no enunciante; seu desejo de relegar ao externo de si aquilo que não lhe serve, em nada acrescenta, e, portanto, deve ser descartado, excretado. É a imagem do outro forjada pelo nojo, pela rechaça, pelo sexismo cultural que inflige repulsa à mulher que não se molda ao patriarcado, tendo-a como abjeta no corpo social.

Outro aspecto a ser observado na SC 3 é o uso do ponto de vista metafórico: “*Feminismo e machismo: farinha de lotes de produção diferentes adequados em sacos diferentes, mas são farinha*”. Nesse trecho, a construção discursiva condiciona e ratifica a ideia de que, apesar de serem compostos por sujeitos diferentes, machismo e feminismo pertencem aos mesmos seguimentos nocivos de dominação social. van Dijk (2017, p. 249) destaca, ainda, que “metáforas conceituais oferecem uma rica fonte para a construção discursiva do mundo”, por isso, nesse exemplo, seu uso constitui um recurso exemplificativo que visa reforçar o sentido implícito por trás da metáfora.

Esses modelos de eventos – comparação de machismo e feminismo – além de serem semânticos, como exemplificamos, podem ser também pragmáticos, isto é, eles ficam de “prontidão para tornar o discurso mais ou menos à adequação social” (VAN DIJK, 2017, p. 265). Assim, uma vez que eles sejam efetivados rotineiramente, quando o conceito de feminismo for evocado à cena comunicativa, espontaneamente, por meio de ativação contextual, eleva-se sua associação ao machismo, provocando, assim, uma camuflagem da realidade, pois o machismo consiste em um sistema de opressão que subjaz a existência feminina a um lugar de inferioridade em relação ao homem. O feminismo, por sua vez, não pode ser comparado com o machismo, pois, além de não possuir conjuntura social e política para ocupar o lugar de opressor, não é esse o seu objetivo. O feminismo, consiste, então, na busca por equidade de direitos, sejam estes sociais, culturais, políticos ou econômicos.

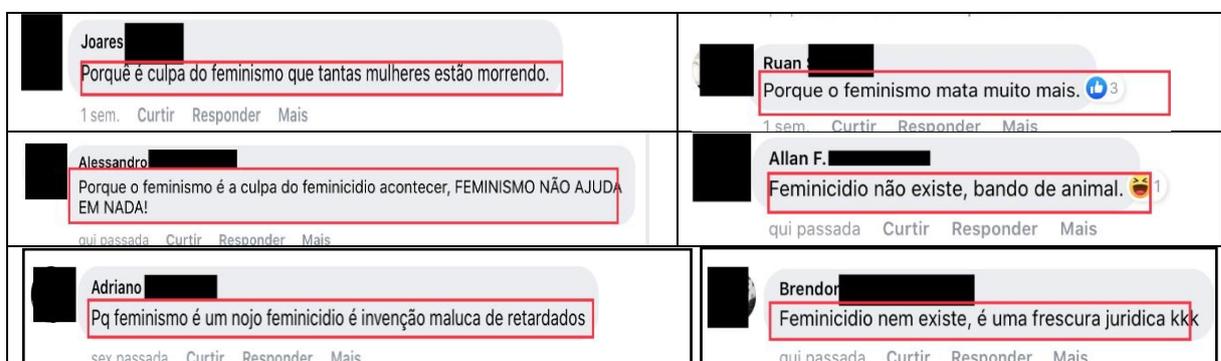
A narrativa que coloca machismo e feminismo juntos no mesmo campo semântico é tática persuasiva de controle discursivo e, conseqüentemente, mental, servindo apenas para manter a estrutura dominante que está posta. Notemos que os atores que manifestam tais

similitudes em seus discursos são supostamente homens (considerando o nome do perfil); são, pois, justamente os sujeitos que estão sendo beneficiados pelo arranjo societal atual, e veem no movimento feminista uma “ameaça” ao seus *status quo*. “Assim, uma crucial condição cognitiva de manipulação é que os alvos (pessoas, grupos, etc.) da manipulação são persuadidos a acreditar que algumas ações ou políticas são para o seu próprio interesse, embora, na verdade, eles sirvam aos interesses dos manipuladores e seus associados” (VAN DIJK, 2015, p ,249). Vejamos, a seguir, como a constituição da manipulação por meio de processos categorizadores opera como deslegitimadora discursiva.

4.5 Deslegitimação discursiva como recurso de manipulação

Em contínuo às ponderações da Representação Social de feminismo como oposto a machismo, a relativização do feminicídio, como recurso deslegitimador do discurso feminista, figura com uns dos pontos mais nocivos aos significados oriundos dessa comparação. Os atores passam, desde a simples analogia entre ambos até a imputação de agentividade da causa de violência como, por exemplo, a atribuição de culpa da morte de mulheres ser do próprio feminismo. Segundo Falcone (2008, p, 79-80), “o processo de (des)legitimação se dá a partir de elementos que compõe as nossas performances cognitivas: categorizar, atribuir valores, inferir, elaborar modelos mentais, entre outros”. Passemos à observação de alguns desses aspectos, nasSC’s, abaixo.

Figura 8 - sequência de comentários 4



Fonte: Facebook, maio de 2020

A lei nº 13.104, homologada em 9 de março de 2015, trata em seu artigo VI³⁹, que seja considerado feminicídio todo crime praticado contra mulher em razão do gênero feminino; ou seja, pune as mortes praticadas pela inferiorização ou discriminação à simples condição de ser mulher. A criação dessa lei foi uma importante vitória política da luta feminista que, diante do posto de 5º lugar no ranking mundial de feminicídios que o país ocupa⁴⁰, obteve resguardo na lei brasileira.

Entretanto, nas SCs da figura 8, acima, ao colocarem o feminismo como agente do feminicídio, é atribuída, semanticamente, o sentido de que a *causa mortis* das mulheres estão diretamente relacionadas ao não “acatamento” dos modelos sociais tradicionais, causando, assim, enfrentamento do sexo oposto e, por conseguinte, provocando a própria morte como resultado dessa “insubordinação”.

Vejamos um trecho da SC-4 que ilustra esse comportamento na esfera discursiva:

“porque o feminismo é a culpa do feminicídio acontecer, FEMINISMO NÃO AJUDA EMNADA!”

A grafia em caixa alta, na segunda oração do período, remete à marcação textual simbolizando a imposição de fala de *Alessandro*, de ser Ele, o enunciante homem, o legitimado para falar sobre o assunto e assegurar sobre a sua “incoerência”. Outras construções da mesma sequência discursiva também podem ser avaliadas como invalidade e nulidade do discurso feminista sobre o feminicídio, são elas: “*invenção*”; “*não existe*” e “*frescura jurídica*”. van Dijk (2015) assegura que a estratégia de desacreditar fontes é um recurso do texto persuasivo. No texto em lide, as formulações versam não somente em desmerecer o termo, mas, principalmente, em deslegitimar as conquistas e reivindicações atreladas ao movimento feminista, sobretudo a lei do feminicídio. Dessa forma, quando os atores se colocam contra a existência e os reais motivos do feminicídio, eles estão assumindo uma postura negacionista mantenedora, propulsora e legitimadora de novos modelos opressores.

É a replicação de uma (des)informação com propósitos de atestar legitimidade à fala que acontece. O fato de o interlocutor não precisar suceder sua sequência discursiva com

³⁹ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm> Acesso em 12/11/2020, às 17h19.

⁴⁰ Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas pra os Direitos Humanos (ACNUDH), atualmente o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de Feminicídios. Dados retirados do *site*: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm>. Acesso em 12/11/2020, às 18h03min.

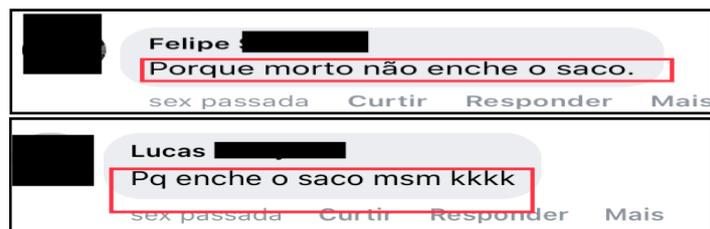
feminismo mata mais que o machismo, por exemplo, atesta-nos como as crenças, tomadas como verdades, uma vez legitimadas no senso comum, são repassadas sem fontes lógicas de confirmação, movidas unicamente por vieses ideológicos, com intuito de persuadir/manipular a opinião do outro. A SC 4 nos mostra, também, a ponta do iceberg, que é falta de conhecimento sobre a real situação de mulheres vítimas de feminicídio no Brasil, e o quanto isso é refletivo nas esferas discursivas.

Todavia, esse discurso deslegitimador não pode ser imputado unicamente à falta de conhecimento. Há, por trás dele, o ódio gratuito destinado ao grupo feminista, e, por vezes, ele se mostra de tal forma que é explicitamente misógino, verbalizando, diretamente, que se a mulher não reconhece seu papel social, o devido lugar que lhe é atribuído pelo patriarcado, é preferível que a voz dela se “cale” do que continue questionando as estruturas que estão postas.

A exemplo, tomemos a SC a seguir, como resposta da indagação inicial do *post* motivador (figura 4):

– *Porque feminismo incomoda mais do que feminicídio?*

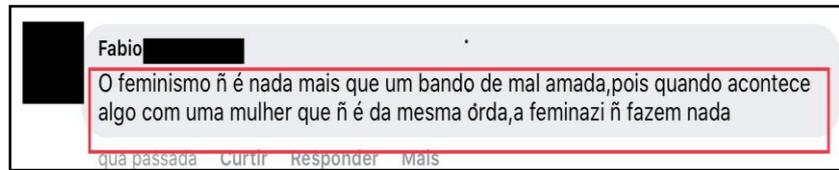
Figura 9 - sequência de comentários 5



Fonte: Facebook, maio de 2020

Quando não verbalizado de forma direta, encontra-se, ainda, no discurso, recursos categóricos de aglutinação lexical que unem não só palavras, mas representação de significados, os quais revelam a intenção depreciativa do emissor. A finalidade é de desqualificar, pejorar e, sobretudo, criar um novo modelo de associação entre os termos cruzados.

Figura 11 - sequência de comentários 7



Fonte: Facebook, maio de 2020

A recategorização referencial, em que o radical da palavra feminista – *femi* – integra o radical da palavra *nazismo* – *nazi* – dando origem a um novo léxico: “*feminazi*” é um objeto do discurso que engloba conceitos ativados para além do contexto de conversação que está dado. Exige, pois, que o enunciatário tenha um conhecimento prévio de que o nazismo, grosso modo, foi um sistema autoritarista de imposições, para, a partir disso, traçar uma falsa analogia com o feminismo, em que este seja representado como extremo e radical. Os discursos que levam o léxico “*feminazi*” acarretam a ideologia de que mulheres que lutam por igualdade de direito são, em sua maioria, agressivas, misândricas e ditadoras.

Ambos processos, *mimimi* (femimiminismo) e *feminazi*, nos mostram que a “recategorização passa, pois, do conceito de ‘estratégia de denominações alternativas para um mesmo referente’ a uma ‘noção de contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes ao longo de um texto’”. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.156 *apud* MATOS, 2018, p,83). Texto, aqui, visto como um evento comunicativo que abarca parâmetros cotextuais e contextuais de interação.

As discussões levantadas até o momento aduzem às abstrações acerca do feminismo; daquilo que é depreendido e perpassado sobre as generalizações que incorrem sobre o movimento. Foram vistas construções discursivas que se fincam como senso comum no que tange à conceptualização da causa enquanto organização coletiva. Nos exemplos, as seguir, passemos a averiguar como tais abstrações são marcadas no discurso, incidindo, singularmente à mulher feminista, enquanto ator social.

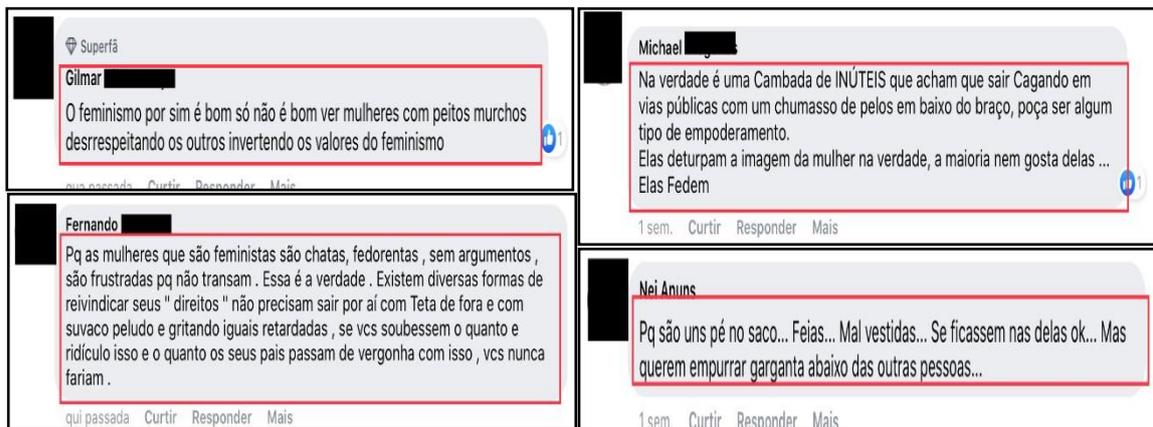
4.6 Uso referencial na categorização da Mulher Feminista

A maneira de referir-se, especificamente, às mulheres militantes do movimento feminista revela a aversão social velada e a misoginia manifesta nos discursos inerente a elas. Cavalcante (2011, p. 126), nos diz que os nossos compartilhamentos sociais linguageiros

condicionam os modelos que convencionamos por meio deles, “à medida que se estabilizam certos modos de nomear as coisas”. Assim sendo, tomemos os exemplos, a seguir discutidos, como formas de criar/significar um tipo de representação do que se acredita ser uma mulher feminista e a noção prototípica que a elas é atribuída por meio da repetição desses modelos.

Acompanhemos.

Figura 12 - sequência de comentários 8



Fonte: Facebook, maio de 2020

No percurso analítico, acima, notamos as elaborações de características e/ou descrições, feitas pelos interactantes, como posicionamento valorativo de depreciação das feministas/feminismo. Ressaltamos que, no texto motivador (figura 4), o universo temático é em torno do feminismo/femicídio. Não há menção a atributos físicos ou comportamentais das feministas. Mesmo assim, os comentários responsivos ao *post* em lide evocam as características físicas delas à cena discursiva como forma de justificar a “não identificação” do enunciante com o *post* e, por sua vez, ao feminismo.

Tomando como exemplo inicial a sequência “*o feminismo por sim é bom só não é bom ver mulheres com peitos murchos desrespeitando os outros invertendo os valores do feminismo*” (sic), A princípio temos uma retomada direta do termo *feminismo*, o qual consiste na entidade referencial já pontuada no contexto comunicativo. Entretanto, em seguida, a expressão “*mulheres com peitos murchos*” introduz uma (re)categorização semântica do mesmo referente, porém com uma individualização discursiva específica que rotula mulheres feministas. Rótulo cujo modelo é inferível pela intersubjetividade do falante, que expõe a condição de ter “seios murchos” (sic), como precedente para ser feminista, além de expor que tal manifestação só seria válida se os atores que a compõe – as feministas – não praticassem atitudes que assim a desabonassem, as quais, na fala do seguidor, são referidas como “*desrespeitando os outros*” e

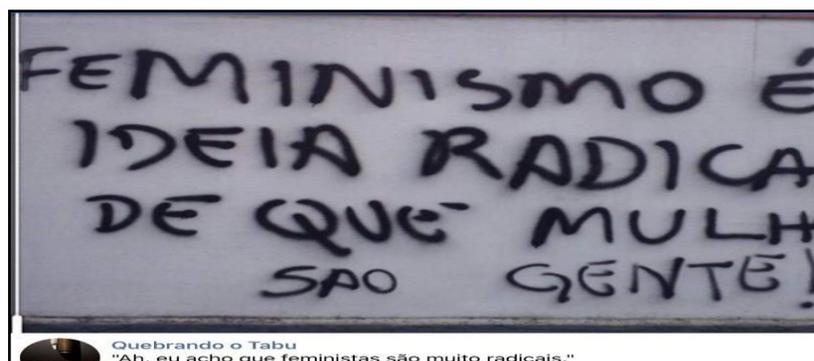
“invertendo os valores do feminismo”.

Uma vez inserida a figura da “mulher feminista” no contexto conversacional, as categorizações que emergem são de predicções pejorativas, que expressam a intenção subjetiva do enunciante em estereotipar as feministas. Dessa maneira, os demais referentes da SC 8, como “*chumaço de pelos em baixo do braço*”; “*feias*” “*mal vestidas*”, tendem a criar uma progressão semântico-discursiva, em que, através desses objetos do discurso, constroem-se representações simbólicas das feministas como mulheres desleixadas com a aparência por não performarem o padrão de feminilidade imposto pela sociedade. São combinações valorativas que exercem sentidos instituídos cooperativamente em um agir linguístico-discursivo que atua na criação prototípica sobre os objetos de mundo, em que, conforme postula Cavalcante (2011), o referente expõe a construção do que se tem normatizado nas representações feitas através da língua.

A referência à aparência das feministas não tem a ver somente com categorizações depreciativas em relação a esse grupo de atores sociais, mas, antes de tudo, ela visa criar uma imagem de desumanização dessas mulheres. Aquilo que não é humano é mais fácil de ser rejeitado, invalidado e, conseqüentemente, marginalizado. A evocação de um modelo de “anormalidade” frente ao ator social feminista está condicionada com a representação social de feminilidade, discutido no capítulo três deste estudo. Tem-se normatizado, na sociedade, um fenótipo padronizado de mulher, em que magreza, ausência de pelos, uso de maquiagem, seios duros, tornam-se critérios elaborados pelo machismo cultural e social (indústria da beleza) como pré-definidores qualitativos. Aquilo que foge a esse padrão é assimilado ao “não mulher”. A partir dessas internalizações/abstrações, os modelos são atualizados e passam a operar cognitivamente nas avaliações e opiniões pessoais sobre essa padronização estética.

Em um segundo *post* da página Quebrando o Tabu, analisamos como a conotação deturpada das feministas opera linguisticamente na objetificação e inferiorização desses atores.

Figura 13 - Quebrando o Tabu, *post*



Fonte: Facebook, maio de 2020

A publicação expõe como tema uma pichação com os seguintes dizeres: “*feminismo é a ideia radical de que mulheres são gente*”. Em resposta ao post motivador, os comentários introduzem uma retomada recategorizadora do léxico mulher, em que, aliado semanticamente à representação social do feminismo, exibem as inferências que emergem da interação entre os interactantes.

Observemos a SC 9:

Figura 14 - sequência de comentários 9



Fonte: Facebook, maio de 2020

O primeiro enunciador deixa claro a misoginia empregada em seu comentário e a discordância com o conceito de feminismo apresentado pela página. Ele enuncia explicitamente que mulher, independentemente de ser feminista, não é ser humano. Os demais comentários, condicionados pela inferência contextual do *post*, aludem à imagem simbólica que imputam à mulher feminista, assim, construções do universo animalesco, como “*porcas bastardas*”, que circundam essas elaborações discursivas.

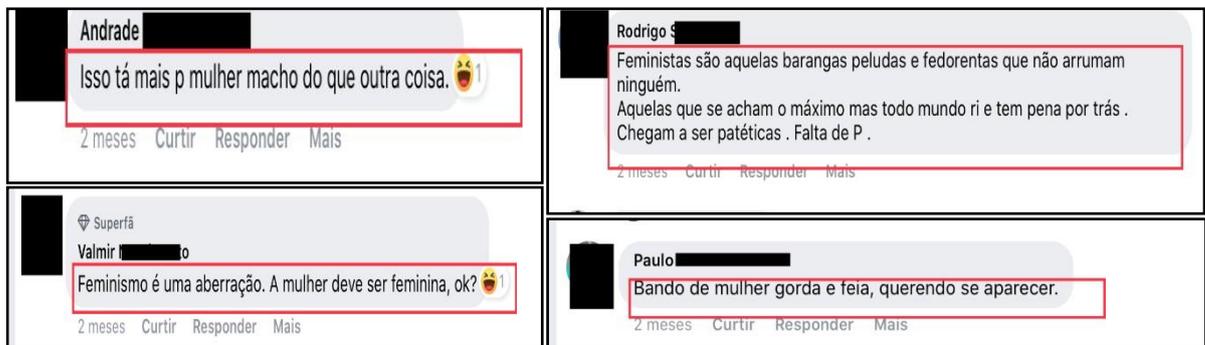
França (2019), na sua tese sobre discurso de ódio no *Facebook*, alega que o recurso de animalização aduz a uma violência justificada que produz efeitos de inferioridade e deslegitimação discursiva que, partindo do binarismo racional/irracional, delega a afirmação do sujeito animalizado à desqualificação e, por conseguinte, à desumanização, levando-o à representação de subalternidade, sob uma “ótica hierarquizante”.

Os termos que seguem na SC-9, por meio de expressões lexicalizadas, como “*nem é mulher*” e “*exu incorporado*”, tem o propósito de ratificar a imagem inumana das feministas e compará-las a uma entidade religiosa a qual é, majoritariamente, demonizada em sua representação social no Brasil. Nisso, os valores, acrescidos de outros modelos, igualmente

estigmatizados, tornam-se mais desdenhosos, pois, quanto mais ultrajante é a forma de preconceito, mais bem-sucedida é a sua forma de persuasão (BASÍLIO,1987), o que leva à inferência, com base no conhecimento compartilhado, que essas afirmações tem o fito de atualizar o modelo de “feminista”, como sinônimo de mulher que não performa os padrões sociais, para “feminista”, como uma coisa, um ser abstrato que não pode se igualar ao humano.

Acompanhemos outros exemplos:

Figura 15 - sequência de comentários 10



Fonte: Facebook, maio de 2020

A atualização do Modelo Mental de “mulheres-feministas” para “feministas-não-mulheres”, tratadas como “*aberração*”; “*coisa*”; “*baranga*” abre precedente perigoso para a integridade física desses atores. Dizemos física, porque esse discurso é semeado, organizado, em meios a associações que servem a uma representação ideológica de manutenção de poder. O poder que, incutido no simbólico social, se materializa em práticas, cuja legitimação suaviza as formas palpáveis em que ele se concretiza, servindo muitas vezes de justificativa para a violência impulsionada, e praticada, através dos modelos por ele alimentado. França (2019, p. 223) nos alerta, ainda, que “as imagens, entendidas como vinculadas a um movimento que tem como efeito desumanização do outro, preparam o terreno para que dê um passo adiante em relação ao que outro merece.”

As sequências de comentários que seguem o *post* abaixo nos mostram o quão enraizado esses modelos mentais já estão no coletivo social, a ponto de categorizações como as que citamos acima sejam usadas para “justificar” ou atenuar, por exemplo, as reclamações acerca de um crime de estupro.

Vejamos:

Figura 16 - Quebrando o Tabu, post 3

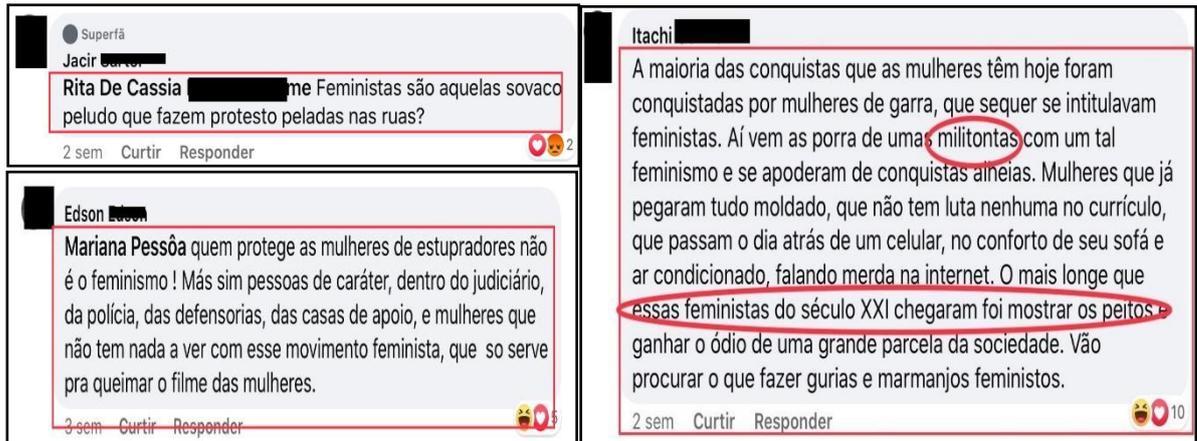


Fonte: Facebook, novembro de 2020

O *post* da figura 16 expõe o caso do jogador de futebol Robinho, que foi condenado⁴² por estupro no início desse ano pela justiça italiana. Nela, o *layout* inicial, que reproduz os dizeres analisados, não expõe tal fato, todavia, diante da enorme repercussão que o caso teve nas mídias tradicionais e virtuais, é de se esperar que os interactantes do *post* saibam do que se trata. O *post* começa com a reprodução de uma declaração que o jogador fez, ao falar do processo de divulgação e repercussão que o seu caso teve na mídia, processo este que o Robinho afirma ter sido “inflamado” pelo movimento feminista. Nos dizeres dele, “*infelizmente existe esse movimento feminista. Muitas mulheres às vezes nem mulheres são, pra falar o português claro*”. (sic). Robinho evoca a figura animalizada das mulheres feministas, compartilhada culturalmente, para mobilizar uma crença social a favor dele. Ele entende que, atacando o movimento que o repudia pelo crime cometido, ele estaria incidindo sobre o simbólico que aduz à criminalização de seus atos. O que, infelizmente, torna-se passível de concretização, vide os comentários que seguem em reposta:

⁴² Dados retirados de <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-03-09/justica-italiana-confirma-sentenca-de-robinho-e-fala-em-particular-desprezo-pela-vitima.html> 06/06/2021.

Figura 17 - sequência de comentários 11



Fonte: Facebook, novembro de 2020

Na SC-11, em resposta ao *post* motivador, o enunciante *Jacir* lança o questionamento se “*feministas são aquelas que fazem protesto peladas pelas ruas*”. A indagação do usuário remete à concordância que ele possui em relação às palavras proferidas pelo acusado. Embora ela não tenha sido expressa explicitamente, infere-se tal anuência pelo fato de o enunciante sequer atentar para o propósito do *post*, que é repudiar veementemente a fala de Robinho.

Em outro momento, *Edson*, em resposta a um comentário anterior do mesmo *post*, atesta que “*quem protege as mulheres de esturpradores não é o feminismo. Más sim pessoas de caráter* (sic). Ao colocar o léxico *caráter*, em oposição ao sintagma *as feministas*, por meio da adversativa, “*mas*”, o usuário defende que uma mulher feminista é o oposto de mulher de caráter, logo, o enunciante também coaduna, indiretamente, com Robinho, pois infere-se, a partir das oposições verificadas no discurso do usuário, que tal qual o jogador, ele também acredita que mulheres feministas não tem legitimidade para atuar em prol de outras mulheres.

O terceiro enunciante, *Itachi*, faz uso da recategorização *militonta* para evocar o referente feminista. A recategorizadora insere o duplo desprezo tanto pela noção de militância, expressa através do radical da palavra “*milit*”, quanto pelo o que eles acreditam se tratar as atitudes de mulheres feministas, tida por eles como “*tontas*”, e, na sua visão, as toma como sinônimo de ignorância. Infere-se desse discurso a prevalência ao modelo dualístico racional/irracional: homens, razão; mulheres, emoção. Logo, aos homens (Robinho) é atribuído a autorização de fala, enquanto as feministas são movidas pela emoção, desprovidas de razão e, portanto, de conhecimento sobre os fatos da vida.

Dizemos que esses exemplos vistos até aqui funcionam como aglutinados de categorizações prototípicas, por eles estarem estabilizados enquanto modelos referentes de uma determinada “categoria”: a categoria das feministas. Ciulla (2014), levando em consideração as

proposições de Rosch, a respeito de protótipos, que diz serem estes “exemplares mais representativos e distintivos, os quais são mais facilmente reconhecidos, uma vez que possuem mais características compartilhadas por outros membros” (ROSCH, 1978, apud CIULLA, 2014, p. 250), entende que esses processos atuam como um ponto de referência cognitiva, estimulada pelos usos contínuos compartilhados entre os sujeitos, que estabilizam significados e solidificam estereótipos. Como pontua Ciulla (2014, p, 251) “Tanto prototopia quanto a esterotopia o processo é coletivo, no sentido de que nos dois processos está envolvida a negociação entre os falantes que permite uma certa estabilização (sujeita constantemente a renegociações) dos significados.”

Tomando, pois, as assunções da autora acerca das (re)categorizações, bem como as de van Dijk (2015c) sobre os processos ideológicos de enfatizar as coisas boas do endogrupo (nós) e coisas más do exogrupo (Eles), como estratégia linguístico-discursiva de formalizar modelos de dominância, vejamos, abaixo, como a prototopia das categorizações, guiada pela representação social das feministas, insere-as em arquétipos estigmatizados que evoluem posteriormente para estereótipos consolidados no social. O quadro a seguir separa, com base neste estudo, as principais categorizações que induzem a estabilização de um MM da Mulher Feminista na sociedade:

Tabela 2 - Nós” vs “Elas”: Representação Social das Mulheres Feministas

Nós (pessoas antifeministas)	Elas (Feministas)
a) Bonitas;	Feias/gordas/barangas;
b) Depiladas;	Com pelos/ sovaco cabeludo;
c) limpas;	Desleixadas/porcas;
d) legais;	Chatas;
e) Dignas;	Sem caráter;
f) Inteligentes;	Burras/antas/loucas/retardadas/doentes;
g) Cristã/ bons costumes	Servem ao diabo/ amorais;
h) Bem resolvidas;	Frustradas/ chacotas;
i) A favor da família/gostam de homens	Solteiras/ odeiam os homens;
j) Mães de família;	Abortistas;
k) Heterossexuais;	Lésbicas; Sapatonas;
l) Mulheres direitas;	Vadias; depravadas/andam peladas;
m) Humanas;	Coisa; aberração;
n) Se impõem naturalmente;	Militontas;

Fonte: *Corpus* do estudo

Essas categorizações impostas às mulheres feministas tornam-se “qualificadores” - representativos e reconhecedores desse grupo social. Postos como estão, eles estabilizam modelos inferiorizantes no intuito de sobrepujar o grupo. No ataque à individualidade, por meio de características, tornadas “típicas”, de mulheres feministas, busca-se atingir o todo. Ou seja, são elaborações realizadas com o fito de tecer representação estereotipada do ator social feminista, cujos modelos construídos operam para obter o controle cognitivo do indivíduo e, assim, ter controle sobre o coletivo. A preponderância desse modelo impede, por exemplo, que mulheres que não se reconhecem como feministas se sintam à vontade de se “aproximar” do feminismo, devido à estigma e às estereotípias em torno das integrantes do movimento.

O contexto de repulsa e estigmatização do movimento feminista no Brasil é muito forte. Atestamos isso não só pela observação sistemática do *corpus* que nossa pesquisa nos propõe, mas também pelos diversos crimes cometidos contra as mulheres cotidianamente. Por isso, além dos MM que já demonstramos, como construtos de uma representação vilipendiosa, é válido levantar um tipo específico de modelo mental, especialmente no contexto político brasileiro, que torna esse grupo de atores sociais suscetíveis aos mais abjetos discursos e práticas violentas, ideologicamente condicionados por polarizações políticas antagônicas.

4.7 Contexto e a representação de um Modelo Mental específico: A feminista Marielle Franco

Nesta parte das análises, tecemos considerações sobre um recorte que, em nossas observações preliminares, mostrou-se ser um tema em que a referência às feministas – categorizadas pelos modelos que aqui mostramos – aparece concomitante ligada à figura de uma mulher militante política da causa: a vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018, em meio à disputa eleitoral desse corrente ano. Mesmo três anos passados, a morte de Marielle Franco é simbolismo emblemático sobre as narrativas misóginas que sustentam um modelo de aversão a posturas de engajamento político do movimento feminista no Brasil. van Dijk (2017) diz que um modelo situacional é responsável por atualizar constantemente um modelo mental. Por isso, a retomada nas mídias sociais, em especial na QT, cobrando esclarecimentos pelo assassinato de uma personalidade autodeclarada feminista, e igualmente engajada em outros movimentos sociais, tornou-se alvo de manifestações reacionárias de pessoas contrárias tanto ao feminismo, quanto à representação política que a memória de Marielle representa.

Antes de tudo, faz-se necessário salientar que o recorte exposto constitui apenas um dos vários reflexos contextuais que concorreram às narrativas do assassinato da vereadora. van Dijk (2017, p, 185) diz que “os contextos não são observáveis, portanto, o discurso pode ser tomado como um dos modos de torná-los visíveis, via expressa ou manifestação”. Nos termos deste estudo, e tomando contexto como um tipo específico de MM, como já debatemos, nos dispomos a aclarar falas sexistas, nos comentários, que se contrapõe ao *post* da QT, e vislumbrar que a categorização de Marielle como “*a feminista*” é uma das referências mais usadas para validar o “desprestígio social” partilhado em torno de sua morte.

Vejamos, abaixo, o referido *post* e a SC que o sucede, respectivamente:

Figura 18 - Quebrando o tabu, *post* 4



Fonte: Facebook, março de 2020

O texto do *post* motivador, figura 18, narra a trajetória de Marielle Franco no cenário político brasileiro. No texto, é pontuado o trabalho de Marielle com o levantamento de dados acerca da violência contra as mulheres e com as políticas públicas que asseguram direitos femininos.

Vejamos, pois, às reações inerentes à postagem.

Figura 19 - sequência de comentários 12



Fonte: Facebook, março de 2020

As sequências selecionadas apresentam junção de textos verbais e imagéticos. Como já pontuamos, isso é um recurso peculiar dos comentários de FB, cujos usuários deles fazem uso para reforçar ou enfatizar o significado almejado no seu ato discursivo. Tomaremos, pois, essas adições, como decorrência da evolução natural de uma interação por acréscimo de dados em que essa multimodalidade opera tanto na defesa quanto na própria argumentação/exposição de um ponto de vista, validando as representações dos sujeitos, por meio de construtos culturais, e reforçados por essas respectivas atividades linguísticas.

O texto motivador é claro ao pontuar todos os segmentos sociais contemplados por Marielle durante seu mandato na vida pública. Não se refere a ela ou suas ações como exclusivas da militância feminista, o termo, por sua vez, sequer é referenciado. Entretanto, nos comentários, a primeira categorização para referir-se à Marielle é “feminista”, seguida das expressões “*contra a polícia*”; “*a favor do aborto*”. No discurso do enunciante, *Marcelo*, não

há separação por conjunções aditivas para intercalar os termos; ele discorre como se eles fossem complementares e indissociáveis entre si, sendo que a hierarquia, em seu discurso, da primeira categorizadora evocada, evidencia que, para ele, o principal “defeito” de Marielle era ser feminista e, decorrente disso, contra a polícia e a favor do aborto. Antes de supor que esse exemplo se trate, unicamente, de desvios linguísticos na tessitura textual-discursiva do enunciante, é preciso atentar para as pistas a seguir: os léxicos “*contra*” e “*favor*” restringe os dois referentes que ele julga ser necessário pontuar no discurso - polícia e aborto - para, assim, especificar as atitudes de Marielle, enquanto feminista, o que está dado na subjetividade do enunciante, como referência a tais práticas. Infere-se isso pela inserção direta do referente sem prévia cotextual que o ancore.

O usuário usa ainda um meme, que traz a junção imagética de mulheres despidas protestando, supostamente da “Marcha das Vadias” – manifestação de vertente feminista, mundialmente conhecida, que carrega essa nomenclatura em protesto às afirmações de um policial, o qual imputou a causa de violência contra às mulheres ao fato delas se vestirem como vadias –, agregado à figura de Margareth Tacher, política britânica neoliberalista que ficou conhecida por declarações contra o feminismo. O texto verbo-imagético usado pelo enunciante expõe as ilações ideológicas que sustentam o seu posicionamento, compartilhadas no atual cenário brasileiro: a de que mulheres feministas são pessoas políticas de Esquerda, e a esquerda se propõe a defender “*o que não presta*” (sic).

No segundo texto, composto por signos verbais e imagéticos, postado por *Giovani*, esse viés ideológico é reforçado na rede de comentários com a exposição de quatro símbolos dispostos paralelamente de modo a criar uma linearidade associativa entre eles. O usuário diz, então, através de sua postagem, que nazismo, fascismo, comunismo e feminismo são “*quatro ideologias irmãs, quatro ideologias assassinas.*”. No enunciado principal, ele diz, ainda, que todas elas são ideologias de Esquerda. Os implícitos do discurso do enunciatário, além de referenciar Marielle como feminista, mais uma vez inserindo essa categorizadora sem a entidade referencial ter sido mencionada, também a associa a ideologias ditadoras. Igual ação é reproduzida por *Luciano* e *Miguel*, que fazem uso da replicação de uma notícia falsa contra Marielle, exibindo um falso relacionamento da vereadora com um então traficante de drogas. A replicação desse tipo de mecanismo de persuasão (*fakenews*) foi e é um recurso inerente, também, ao contexto sociocultural da política brasileira, majoritariamente, difundido nos meios digitais.

A repetição de um determinado termo figura como estratégia para fixar informações na memória, em que se vise fortalecer a informação enunciada no intuito de que essa se torne um determinado modelo específico e se sobressaia em detrimento de outros. No caso da SC acerca de Marielle Franco, essa reincidência discursiva é apresentada tanto no plano verbal como nas imagens apresentadas. Escolher referenciar Marielle como feminista, nesses casos, associando-a a contextos depreciativos, apesar de ela ter sido símbolo de luta contra vários outros tipos de opressão (racismo, homofobia, direitos humanos, etc.), está diretamente relacionado à visão contextual que os sujeitos têm da polarização política brasileira entre a extrema-direita, que atualmente governa o país, e a representação social que se tem construída da Esquerda.

van Dijk (2017, p, 169) diz que “os modelos de contexto explicam que o modo como falamos não é algum fato social objetivo, mas antes nosso modo subjetivo de compreender ou construir esse fato social”. Assim, se ser feminista é rechaçado no simbólico social, atacar uma memória que ainda vive – a de Marielle Franco – e ameaça o poder dominante, é estratégia para se usar um MM já estabilizado, alinhado a um modelo de contexto específico, para, assim, tecer novos modelos de dominação. Dessa forma, as discursividades apresentadas tendem a criar modelos que ratifiquem a RS Feminista + Esquerda = autoritarista/ameaça/oposição ideológica.

5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Conforme nos propomos a discutir nesta dissertação, compreendemos que produzir o discurso sem refletir sobre ele é a maior forma de (re)produção dos Modelos Mentais. Os sujeitos atuantes configuram e constroem existências, baseados em modelos de eventos específicos que, ao se unirem ao senso comum e sistema de crenças culturalizadas, formam novas formas de apreender os objetos de mundo e o seu significar. “Os sentidos e as referências são assim negociados por sujeitos sociocognitivamente situados, que privilegiam, durante a interação, determinadas propriedades conceituais em detrimentos de outras” (CAVALCANTE, 2011, p.132.), com isso, edificam-se estruturas simbólicas, mediante práticas sociocognitivas de comunicação. Desse modo, o que temos estabelecido na sociedade são referentes erigidos via contexto social. “Isto é, são entidades do discurso, representações alimentadas pela atividade linguística que sofrem transformação na memória discursiva dos interlocutores ao longo da enunciação” (CAVALCANTE, 2011, p. 25), sendo que essa transformação se dá pelo costume, naturalização ou não dentro das esferas discursivas.

As assunções teóricas deste trabalho nos permitiram visualizar os Modelos Mentais, através de processos de (re)categorização semântica, que, lançados ao evento comunicativo, contribuem na construção do sentido da palavra feminista, mediante modelos de evento que cada participante constrói pra si. Podem, pois, serem negativos ou positivos, dependendo das crenças ideológicas que norteiam e categorizam seus usos nos processos de interação. Dessa forma, entendemos que esse construto não é só individual, mas, antes de tudo, social e que a interface cognitiva é ponto chave que articula objetividade e subjetividade na cristalização das Representações Sociais. Ressaltamos, ainda, nesse processo, o papel salutar dos modelos de contextos, que são internalizados mediante a imersão do sujeito nessas representações, em que quanto mais estivermos expostos às (re)significações categorizadoras do movimento feminista na sociedade, mais moldamos nossa cognição acerca dele.

Vimos que os modelos de gêneros na sociedade estão sedimentados em tradicionalismos culturais, alimentados por antigos pilares estruturais do machismo como sistema dominante, o qual visa manter o controle ideológico sobre a mente e legitimidade discursiva das mulheres, com o fito de não permitir o rompimento do pré-estabelecido nos papéis sociais. Todo comportamento, atitudes, produções discursivas, que fujam a esse controle e domesticação masculinista será visto e repassado como abjeto e amoral nas mais diversas instâncias interativas, para que, dessa forma, o indivíduo seja impedido de se (re)conhecer como coletivo.

O que interessa nessa forma de manipulação mental é fortalecer o senso comum com deturpações sobre como uma mulher deve se portar para que ela tenha legitimidade de ser reconhecida como tal. Assim, o objetivo é atacar a aparência física daquela que não reproduz atos performativos padrões sobre a imagem de feminilidade; a vida privada (relacionamento, sexualidade); a não opção pela maternidade; o não acatamento à imposição social da divisão sexual do trabalho. Dessa forma, ridicularizam-se tais comportamentos, no intuito de que discursos com inclinações feministas sejam rechaçados e invalidados.

Nesse ponto, a observação seletiva do *corpus*, em conformidade com arcabouço teórico, nos possibilitou vislumbrar, em nossas análises, que as redes de significação discursivas, averiguada nos comentários do FB, irrompem relações esquemáticas que recuperam Modelos Mentais estabilizados, os quais testificam os padrões que reforçam a deslegitimação e invalidação do grupo social feminismo. A principal estratégia é atingir as feministas na dimensão moral e comportamental sob a égide dos “costumes”, referenciando-as sempre em contextos com carga semântica negativa na sociedade, como aborto, destruição da família tradicional, etc. Assim, ao serem relacionadas sempre a contextos depreciativos, busca-se mostrar que as atitudes delas serão igualmente negativas. Quanto mais categorias forem apresentadas, mais elas se solidificam como modelos de contexto e, conseqüentemente, mais rápido e fácil um Modelo Mental será recuperado, trazendo com ele as representações a respeito de um determinado evento. Ou seja, se frequentemente estivermos expostos a ambientes que naturalizem categorizações impostas às feministas, tais como: “depravadas”, “peludas” “macho-fêmea” “porcas”, etc., à medida que o referente feminista for evocado à cena enunciativa, nossa memória episódica irá recuperar essas categorias e esquematizá-las como modelos definidores de mulheres feministas, dando origem a representações sociais que legitimem esse senso comum compartilhado.

Essas formas linguísticas, conceituais e referenciais, que aparecem nos recortes encontrados nos comentários são corriqueiramente difundidas no gênero em questão, dado o grau de informalidade e impolidez discursiva que os espaços de redes sociais toleram. Isso ocasiona um certo “conforto” em se posicionar nessa então “zona livre”, levando, assim, à naturalização de algumas expressões as quais, uma vez incorporadas ao discurso, polarizam e fomentam a criação de termos misóginos. Quanto mais essas formas discursivas se espalham na rede, mais elas causam danos fazendo com que o discurso de ódio se transforme em prática de ódio, pois “a possibilidade de replicar uma informação deve-se, principalmente, a sua permanência, ou seja ao fato de que aquilo que é publicado permanece no ciberespaço sendo

passível de ser visto e republicado *e materializados em espaços não virtuais*”. (RECUERO, 2015, p. 31, grifo nosso).

Outro ponto importante a se ponderar na construção desses modelos, via comentários do FB, é que questões abstratas se sobrepõem a questões concretas; isto é, algo que é potencialmente palatável através de dados, estatísticas ou qualquer meio que o comprove, é contestado pela crença que se tem em um determinado modelo de representação social tido como verdade. Importa-se menos sobre quem são essas mulheres feministas, enquanto atores sociais – membras de um movimento social legítimo, e mais sobre o que elas representam no simbólico social machista sobre o que este postula “ser feminista”. Destaca-se, ainda, que a maior parte dos atores sociais que perpetuam modelos de misoginia são homens que falam do lugar de opressor.

Como formas de contrapoder, destacamos que algumas atitudes podem ser exercidas para minar as representações construídas nesses espaços. Inicialmente, é preciso tomar a violência de gênero, prática ou simbólica, como uma responsabilidade social e não individual, pois feminismo não é sobre liberdade individual, mas sim sobre a liberdade e emancipação coletiva. Logo, não só o enunciante de um discurso de ódio tem responsabilidade sobre ele, mas também toda a estrutura que o cerca e permite sua legitimação na esfera discursiva, inclusive os meios que o sustentam. É preciso, pois, marcar, assinalar na língua onde o sexismo acontece para que os sujeitos que propagam discursos sexistas se reconheçam como machistas e violentadores de mulheres. Isso não significa somente alterar a forma de falar/escrever, pois o discurso, politicamente correto, mas nulo de criticidade internalizada, em nada altera as formas de (re)pensar a realidade; de nada adiante polir a superfície se o núcleo continua corrompido à espera de legitimadores que lhe deem voz e permitam novamente emergir à esfera do “não dito”, porém pensado. É preciso agir nas esferas cognitivas que lancem o senso comum à reflexão do conhecimento, “pois a ocupação e reterritorialização de um termo usado para excluir parte da população pode se tornar o lugar de resistência, a possibilidade de uma ressignificação social e política capacitadora” (BUTLER, 2020,p. 383).

Cumpre, também, compreender que a busca por informação não deve ser restrita a único meio comunicativo, principalmente no ciberespaço, pois, tal qual temos a manipulação de informação em mídias tradicionais, os mecanismos de modulação cerceiam e limitam a visão de mundo, criando bolhas que nos impedem de olhar além do que nossas redes de interação nos propiciam e, para rompê-las, é preciso sair da zona de conforto. A mediação algorítmica, bem

como os processos de modulação na rede *Facebook*, afetam a forma como os usuários percebem os valores e crenças, moldando assim as percepções dos usuários frente às questões sociais, culturais e ideológicas.

Concluimos, por fim, que, da mesma forma que Beauvoir assevera que nós não nascemos mulher, tornamo-nos, afirmamos, aqui, que não nascemos feministas, nos tornamos feministas. O que queremos dizer é que, para alcançar essa categoria, que deveria ser naturalmente inata a todas as mulheres, principalmente nesse retrocesso de direitos que estamos vivenciando na contemporaneidade, é preciso acessar fontes de conhecimento que nos permitam ter a ciência da situação de subalternidade que nos foi, e continua sendo, imputada pelo patriarcado. Pois, do mesmo modo que não nascemos mulher e nem feminista, tampouco nascemos consciente das violências simbólicas de gênero que nos são impostas diariamente através do discurso. Por isso, quando refletimos sobre a representação social do feminismo, sobre os espaços de desprestígio que, estrategicamente, tentam ligar ao movimento, nós conseguimos (re)conhecer os modelos velados ou escancarados que simbolizam esse recurso de dominância. Questionar o processo cultural pelo qual transcorre o crivo da inteligibilidade social faz com que revejamos os valores reacionários e estigmatizados que assolam as mulheres na sociedade e, na qualidade de atores sociais, nos permite agir contra o discurso repressivo que cerceia liberdades individuais e coletivas. Retomando o que dissemos no início desse parágrafo e, parafraseando uma das mais influentes feministas da atualidade, Chimamanda Ngozi Adichie, não somente as mulheres; é preciso – para além do gênero – que todos sejamos feministas!

Defendemos que muito ainda precisa ser estudado, sob a perspectiva da teoria dos Modelos Mentais de van Dijk, para que alcancemos respostas a todos os processos perpetrados pela interface cognitiva que orientam discursos e práticas sociais. Esperamos, com este trabalho, que uma pequena parcela seja acrescida a esse campo de estudo, no qual ainda há muito para ser dito.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lucy. *O funcionamento discursivo das hashtags pela/na tv*. 2017. 122 f. Dissertação (mestrado em letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29672>. Acesso em: 09/08/2019
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo*. Fatos e Mitos. vol. 1. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Riode Janeiro: Nova Fronteira, 2016, 339 p.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. vol. 2. Tradução Sérgio Milliet. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, 557 p.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Tradução: VeronicaDaminelli, Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo: Crocodilo, 2019, 400 p.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução: RenatoAguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 235 p.
- CASSINO, Francisco João. Modulação deleuzeana, modulação algorítmica e manipulação midiática. In: Souza, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA; Sérgio Amadeu (Orgs.). *A sociedade de Controle: manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo, SP: Hedra, 2018.p. 13-28.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, 271 p.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza,ed. UFC, 2011. 192, p.
- CERVERA, Julia Pérez. FRANCO, Paki Venegas. *Manual não sexista da linguagem: o que bemse diz...bem se entende*. Proteca, 2006, 73 p.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2 ed. São Paulo. Brasiliense, 2008.
- CIULLA, A. *categorização e referência: uma abordagem discursiva*. In: Cadernos de ESTUDOSLINGÜÍSTICOS – (56.2), UFRGS. Campinas, 2014, 248-258 p. Disponível em< <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641477>> acesso em 25/01/20.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo:Boitempo, 2016, 244p.
- DUBEEN. Gerard. *O poder das ideias*.In. Representações sociais: investigações em psicologiasocial. MOSCOVICI. Cap. 1. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- EMIRBAYER, Mustafa. *Manifest for a relational sociology*. The American Journal of Sociology,v. 103, n, p. 281-317.1997.
- FALCONE, Karina. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. 682f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação emLetras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília, Editora da UnB, 2016.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: ColetivoSycorax. São Paulo: Elefante, 2017, 464 p.
- FRANÇA, Thiago Alves. *Sentidos e funcionamento do discurso de ódio em espaço do Facebook: uma leitura discursiva*. 275f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- FOWLER, Roger. *Sobre a linguística Crítica*. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v.4, n.esp, p. 207-222, 2004. P.
- FOWLER, Roger.; HODGE, Bob.; KRESS, Gunther.; TREW, Tony. *Language and control*. London: Routledge; Kegan Paul, 1979.
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GRASMANI, Anthony. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro. Editora civilização brasileira. 1996.
- HAN, Byung-Chul. *No exame: perspectivas do digital*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: vozes, 2018. 134 p.
- HIGGINS, Salej.; RIBEIRO, Alves da Cunha. *Análise de Redes em Ciências Sociais*. Brasília: Enap, 2018, 227 p.
- IVIC, Ivan. *Lev Semionovich Vygotsky*. COELHO, E. C (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 140 p.: il.
- KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria. Luísa. *Do cognitivismo ao sociocognitivismo*. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à Linguística: Fundamentos epistemológicos*. v.3, 5 ed. São Paulo; Cortez, 2011, pp. 251-300
- LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Processo de Recategorização Metafórica e humor: uma proposta classificatória*. CAVALCANTE, Mônica Magalhaes *et al...* (Orgs) In: *Texto e Discursos sobre Múltiplos Olhares*, 2007, 74-103 p.
- LURIA, Alexander Romanovich; VYGOTSKY, Lev Semenovich.; LEONTIEV, Alex. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Tradução de: Maria da Pena Vilalobos. - 11a Edição - São Paulo: ícone, 2010.
- MACHADO, Débora. *A modulação do comportamento nas plataformas de mídias sociais*. In: Souza, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Orgs.). *A sociedade de Controle: manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo, SP: Hedra, 2018, p.47-64.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, M.^a Auxiliadora (Org.s.). In: *Gêneros textuais & ensino*. Ed. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36
- MARCUSCHI, Luiz Antônio A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã* (Feuerbach). Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986. 138p.

MATOS, G. J. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 259 f. Tese (doutorado em Linguística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MONDADA, Lorenza. DUBOIS, Danièle D. *Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référénciation*. In: TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique), n.23, 1995, p.273-302. Tradução para o português: Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MORATO, Edwiges Maria. *O interacionismo no campo linguístico*. In: introdução à linguística: fundamentos epistemológicos 3. Mussalim e Bentes (org.) 5 ed. São Paulo; Cortez, 2011.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

PENHAVEL, Eduardo. *Linguística textual - interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017. Cortez, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas*. In: Mussalim, F. e Bentes, A.C. (Orgs.). Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. v.3, ed. São Paulo; Cortez, 2011, pp. 353-392.

RECUERO, Raquel. *Análise de redes para mídia Social*. Marco Bastos e Gabriela Zago. Porto Alegre. Sulina. 2015. 182, p.

ROUSSEFF, Dilma. Misoginia e Manipulação da mídia. DÁVILA, Manoela (Org.) In: Sempre foi sobre nós. Ed.1. Instituto e se fosse você, 2021, 232 p.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVERA, Amadeu Sérgio. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: Souza, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Orgs.). *A sociedade de Controle: manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo, SP: Hedra, 2018, p.31-46.

SIMMEL, Georg. *The Sociology of Georg Simmel*. The Triad. In: WOLFF, K. H. (Ed.). New York: Free Press, 1950

SIMON, H. A. & C. A. KAPLAN, "Foundations of cognitive science", in Posner, M.I. (ed.) 1989, Foundations of Cognitive Science, MIT Press, Cambridge MA. p. 1-47

VAN DIJK, Teun. A. (1998) *Ideology: A Multidisciplinary Approach*. Newbury Park, CA: Sage

_____. *Discourse and Knowledge. A Sociocognitive Approach*. Cambridge University Press, 2014.

_____. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2015a.

_____. *Discurso e cognição na sociedade*. Revista Portuguesa de humanidades.

Universidade de Pompeu. Barcelona, 2015b, pp. 19-52

_____. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. ILARI, R. São Paulo: Contexto, 2017.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis) curso*. 2004. v.4, n. Especial, pp. 223-243

ZERZAN, John. Patriarcado, civilização e as origens do gênero. Tradução de Loreley Garcia. contraciv@riseup.net. contraciv.noblogs.org. 2016. 20 p.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance capitalism*. The fight for a Human Future at the New Frontier of Power. New York: PublicAffairs, 2019, 478 p.

Sites

[www. Facebook.com.br](http://www.facebook.com.br)

Disponível em *site* <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em 27/10/2020, às 21h10

Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm> Acesso em 12/11/2020, às 17h19.

Disponível em <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm>> acesso em 12/11/2020, às 17h50.

Disponível em <<https://brasil.elpais.com/esportes/2021-03-09/justica-italiana-confirma-sentenca-de-robinho-e-fala-em-particular-desprezo-pela-vitima.html>> 06/06/2021.

Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em 11/11/2020, às 17h14min

ANEXO A – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM MAIO/2020



Quebrando o Tabu
"Uma sociedade patriarcal sobrevive da opressão, da submissão

o assunto . 35

1 sem. Curtir Responder Mais

Renate Marches... respondeu - 6 respostas

Anderson [redacted] **lixo da humanidade!!**

1 sem. Curtir Responder Mais

João Pedro respondeu - 10 respostas

Roseli [redacted] **Muito triste ! A liberdade da mulher incomoda mais a sociedade do que seu assassinato!!**

1 sem. Curtir Responder Mais

Roseli [redacted] postas

Flávio [redacted] **E quantas mulheres serão assassinadas ainda pra que não se diga que estão sozinhas?! Feminismo é igualdade, e isso só vai mudar quando a sociedade evoluir. Por isso converse e eduque o seu filho sobre a igualdade de gênero. Pois assim teremos uma certa esperança pra próxima geração...**

1 sem. Curtir Responder Mais

afaela [redacted] respondeu - 47 respostas

Superfã **Janele** [redacted] **Porque na nossa sociedade sempre foi ensinado que mulher é abaixo do pé. E como o feminismo parte do princípio de que homens não são melhores do que as mulheres, quem sempre esteve "no comando" do papel do opressor, estranha e luta com unhas e dentes para manter seu posto.**

1 sem. Curtir Responder Mais

Quebrando o Tabu
"Uma sociedade patriarcal sobrevive da opressão, da submissão e da invisibilidade da mulher. A mesma sociedade que nos cala quando tentamos nos posicionar, também nos mata quando tentamos sobreviver e nos fazer ouvir", diz o Woma Group ao propor essa reflexão.

Deveríamos repetir essa pergunta algumas vezes para tentar entender. Em 2019, 1.310 mulheres foram mortas por violência doméstica ou por sua condição de gênero, pelo simples fato de serem mulheres, segundo um levantamento publicado pela Folha de S. Paulo. Ou seja, de três a quatro mulheres são mortas por dia no Brasil, por companheiros ou ex-companheiros. Durante as primeiras semanas de quarentena por conta do coronavírus, o número de feminicídios em São Paulo dobrou.

Mas por que muita gente se incomoda mais com a luta das mulheres por igualdade do que com o assassinato delas?

Violência doméstica é crime! Denuncie! A polícia deve ser acionada pelo 190 sempre que a situação for de emergência e precise de ação imediata. O telefone do disque-denúncia é o 180. E não precisa se identificar. #violenciadomestica #disque180 #violenciadegenero #leimariadapenha #feminicidio #ciclodaviolência #VizinhaVocêNãoEstáSozinha #IsoladasSimSozinhasNão #Covid19 #quarentena

Imagem: @womagroup

Fotos da linha do tempo - 20 de mai -

Ver no tamanho original - Mais opções

João Sousa respondeu - 62 respostas

Glasyala Scarab
Porq os assassinos, os oportunistas se vêm focados e expostos. Porq n ta mais fácil de enrolar uma mulher hj em dia como era fácil antes, o privilegio masculino foi diminuído de certa forma, e isso tudo incomoda.

1 sem. Curtir Responder Mais

Rejane Amaral respondeu - 1 resposta

Susana [redacted] **Porque o feminismo é o q eleva a voz às mulheres, a igualdade e isso incomoda muitos homens, e mulheres, elas porque invejam a liberdade das corajosas, e não sabem viver de forma diferente, e eles porque no fundo não gostam assim tanto de mulheres, e os seduz mais o poder de posse e abuso, para se sentirem homens!**

1 sem. Curtir Responder Mais

Rose Cabrera respondeu - 2 respostas

Superfã **Caique** [redacted] **Pq as mulheres não buscam homens de Deus.**

1 sem. Curtir Responder Mais

h Martins respondeu - 6 respostas

Levi [redacted] **Infelizmente essa não é uma questão fácil de mudar, muitas mulheres gostam da posição patriarcal, e grande parte delas são machistas porque a cultura é assim, as religiões pregam esse papel da mulher há anos, a ideia de que ser mulher é ser frágil, ainda é muito forte na sociedade. E vivemos um momento de afirmação dessa condição empregnada que é difícil de ser mudada. Agora respeito é conquistado independente de ser homem, mulher, negro, índio, gays.**

1 sem. Curtir Responder Mais

Superfã
Marcos
Depende de qual feminismo está falando . Refere-se ao da Mary Wollstonecraft ou da esposa de Windersson Nunes ?
qui passada Curtir Responder Mais

Marcos respondeu - 3 respostas

Mauro
o em os brasileiros aprender que propaganda eleitoral não se faz com armas com ódio com apoio à ditadura a tortura com promessas que não põa cumprir por que depois de eleito tem 4 anos pra provar se é inteligente e competente nao é isso cara .
qui passada Curtir Responder Mais

Rafael
Já q vc mencionou violência doméstica...me mostra algum dado que morre mais mulher do que homem ...em seus lares
qui passada Curtir Responder Mais

Fabio
O feminismo ã é nada mais que um bando de mal amada,pois quando acontece algo com uma mulher que ã é da mesma órda,a feminazi ã fazem nada
qua passada Curtir Responder Mais

Reinaldo
Entre o feminismo e o machismo prefiro o respeito entre ambas as partes
1 sem. Curtir Responder Mais

Ruano respondeu - 6 respostas

Superfã
Gilmar
O feminismo por sim é bom só não é bom ver mulheres com peitos murchos desrespeitando os outros invertendo os valores do feminismo
qua passada Curtir Responder Mais

Ruan
Porque o feminismo mata muito mais.
1 sem. Curtir Responder Mais

obre Xis respondeu - 2 respostas

Adilson
O feminismo é mesma coisa que o machismo querem poder
1 sem. Curtir Responder Mais

ia respondeu - 1 resposta

Superfã
Jonne
Pq cadáver não fala, não denuncia. Infelizmente esta é a realidade de muitas mulheres.
1 sem. Curtir Responder Mais

Rosimar
Feminismo para eles é não suportar viver dentro do abuso,emocional,físico e psicológico,mulheres ACORDEM!!!
1 sem. Curtir Responder Mais

Felipe
Nada de novo só ver homens com argumentos tirado do cu falando que o feminismo não agrega em nada . Santa ignorância
qui passada Curtir Responder Mais

Tato
Pior são mulheres que se dizem contra, se não fosse as feministas, nem Facebook as bonitas iam ter
1 sem. Curtir Responder Mais

Superfã
Sara
Porque o feminismo alerta as mulheres. E ajuda a combater o machismo, ajuda a combater o femicidio, o pedófilos, os estropus.
qui passada Curtir Responder Mais

Mariana
Pq além do mundo ser machista, morte não incomoda nmg ao menos que seja próximo. Estamos tendo a prova disso no mundo...

Lucas
O que incomoda não é feminismo sou a favor de igualmente de gênero
O que incomoda mesmo é o femismo
1 sem. Curtir Responder Mais

Thais
Para os comentarista, pensem um pouco antes de começar a atacar as pessoas que falam, basta ou usam um termo erroneamente, se vc viu que ta errado, chama para uma conversa , acho que impacta mais do que só xingar de volta, claro que não é facil mas tentando vc pode mudar o pensamento de algum para o bem, é só um pensamento que vou deixar no ar.
Bjos
qua passada Curtir Responder Mais

Bruna
Porquê existem mulheres que são mais machistas que muitos homens. Exemplo: A ela foi morta pelo marido, deve ter dado motivo. Isso já vi escrito numa rede social.
1 sem. Curtir Responder Mais

Bruna respondeu - 26 respostas

Fabio
Machismo e feminismo são dois lados da mesma moeda, é só assistir show para ver feministas se arreganhando toda. A luta de vocês é contra o Patriarcado. Vamos assuma a casa e as contas que eu vou embora. Seu Pai
qui passada Curtir Responder Mais

tonate Marches... respondeu - 1 resposta

Amadeu
Simples,feminismo não agrega em nada...
Vcs são contra igrejas,mas nunca vi uma feminista ajudando uma mulher q sofreu tentativa de feminicidio,já as igrejas...
qui passada Curtir Responder Mais

Jennifer respondeu - 5 respostas

Heitor Lima
Porque o feminismo é uma doença, e o feminicidio geralmente é o resultado dos efeitos do feminismo via Friendzone
1 sem. Curtir Responder Mais

Heitor Lima An... respondeu - 4 respostas

Guilherme
Feminismo incomoda porque da tristeza ver quantas mulheres acreditam nesse movimento.....que na verdade não luta pelas das mulheres, mas sim por privilégios
sex passada Curtir Responder Mais

Marcos
por isso kkkk

1 sem. Curtir Responder Mais

Valéria Ghelardi respondeu - 1 resposta

Superta
Suzana
Fora o abuso infantil. Somos o segundo pais com maior numero de casos.
1 sem. Curtir Responder Mais

Vivi
Porque tira as, e os machistas, da sua área de conforto!! Oprimir e subjugar, é tão cômodo e satisfatório pra esse " tipo", e de repente...!!
1 sem. Curtir Responder Mais

Emily Bruns
Porque é difícil abrir mão de privilégios, para aqueles que os tem (e sim, eu sei que tenho vários também).
qui passada Curtir Responder Mais

Caio
Não incomoda, ambos devem acabar.
1 sem. Curtir Responder Mais

Jennifer Machado respondeu - 11 respostas

Az
Se o machismo não deu certo, femismo também não daria... Precisamos de um mundo com menos "ismo"

Az Se o machismo não deu certo, femismo também não daria... Precisamos de um mundo com menos "ismo"
(Apropósito, termo correto é "feminismo", contrário de "machismo", feminismo foi um grupo eua que lutou por IGUALDADE)
qui passada Curtir Responder Mais

Veronica Causa e consequência, tão simples, tão negável
1 sem. Curtir Responder Mais

Supertã
Andreia Masculinidade frágil
1 sem. Curtir Responder Mais

Matheus Além de não buscarem a tão falada igualdade e sim privilégios, elas querem que deixe de existir princípios e valores definidos que devem ser conservados em uma sociedade.
sex passada Curtir Responder Mais

Ana Carolina Porque existem incontáveis feminicidas em potencial!
qui passada Curtir Responder Mais

Joana Um dos motivos por terem tantos homens ainda machistas, pq eles tem medo de mulher emponderada, feminista, isso obrigaria eles a evoluírem, então preferem reprimir este movimento p eles se mantenham na zona de conforto. Homem covarde tem medo do feminismo.
qui passada Curtir Responder Mais

Renan Feminismo não incomoda, mas se salva, ainda não vi. Afinal o feminicídio continua a todo vapor.
1 sem. Curtir Responder Mais

Supertã
Janaiso Tenho um casal de filhos. Certo dia minha esposa chegou com umas camisinha pra dar para meu filho, daí eu disse dá umas pra menina também. Foi um susto que ela levou é disse: tu tá doído.
1 sem. Curtir Responder Mais

6 respostas

Mariana Para alguns ter mulheres no poder faz eles se sentir menos homem 🙄🙄🙄
1 sem. Curtir Responder Mais

Supertã
Leonardo Maciel Rodrigues Porque o feminismo abala o status quo, e o feminicídio, reforça.
1 sem. Curtir Responder Mais

Carlos Sou contra quase tudo que essa pagina diz., contudo reconheço algumas coisas, não que o fato eu ser contra muda algo, mas eu realmente não conheço nenhum estuprador, mas conheço várias mulheres que ja foram assediadas, e de forma alguma as feministas pode incomodar mais que o feminicídio, apesar de achar essas feministas um saco.
1 sem. Curtir Responder Mais

Lara respondeu · 5 respostas

Supertã
Daniel Sinceridade, feminista boa parte sao daora, mas tem uma outra parte radica que parece que fez faculdade de falar merda
1 sem. Curtir Responder Mais

Vânia Moraes respondeu · 8 respostas

Azir Já perguntei e me arrependi. Gustavo Hanke 🙄
1 sem. Curtir Responder Mais

Jean Pq não falam do número absurdo de falsas acusações de estupro que levam homens a morrerem injustamente em "tribunais do crime"? Que levam homens a serem presos e estuprados na prisão?
Pq não falam desse ordenamento jurídico ridículo chamado Maria da Penha que transforma a palavra da mulher em lei?
sex passada Curtir Responder Mais

Mauro O feminismo na opinião e um movimento que conseguiu fazer colher resultados positivos mais que negativos nos meados de anos 65 e 74 aí depois de um tempo que passou o movimento começou a mudar saiu a antiga mentalidade do movimento feminista sério agora desse movimento feminista com assustos não so para combater o preconceito contra a mulher mas com planos de querer lutar e adquirir uma superioridade ser melhor que os homens esquecer de mencionar ninguém e melhor que ninguém
qui passada Curtir Responder Mais

Jennifer to respondeu · 3 respostas

Jose O feminismo não mata ninguém
qua passada Curtir Responder Mais

Supertã
Rita Porque nos mulheres somos poderosas e os homens sabem disto
1 sem. Curtir Responder Mais

Ademilton Pq é mais fácil entender o feminicídio que o feminismo
1 sem. Curtir Responder Mais

Supertã
Taisi Hoje depois do jornal da cultura tem um matéria sobre isso
qua passada Curtir Responder Mais

Supertã
Luciana O feminismo conscientiza. O feminicídio cala.
1 sem. Curtir Responder Mais

Supertã
Crimildo Eu gosto do feminismo, mas não gosto de pessoas que tentam criar uma guerra entre ambos os sexos, tentam ser mais importantes que o outro sexo. Sei pouco do feminismo mas é do tipo mostrar as pessoas que temos o mesmo grau de importância e que temos os mesmos direitos e tal. Agora feminicídio realmente precisamos de uma estrutura maior ainda para poder acabar com isso.
1 sem. Curtir Responder Mais

Eliana Feminismo é a luta pelos direitos da mulher, pela igualdade.
qua passada Curtir Responder Mais

Helane Por que no mundo se perdeu a EMPATIA
qui passada Curtir Responder Mais

Lorenzo O feminismo, aliado ao marxismo cultural, tem como foco a mulher branca fazer odiar o homem branco, extinguindo assim nossa raça. Acordem
qui passada Curtir Responder Mais

Lidia Porquê vivemos num país extremamente machista
1 sem. Curtir Responder Mais

DoDi (Homem /mulher todos tem o seu valor) vc colocar um contra o outro, nem um sobrevive sem o outro ok!!
qua passada Curtir Responder Mais

Caroline respondeu · 2 respostas

Estevão Se as feministas fossem mães de famílias que procurassem direitos em vez de culpar e odiar os homens ai sim. Agora vai ver as feministas que temos são lésbicas e odeiam os homens.
qui passada Curtir Responder Mais

Tolentino A melhor denúncia é a educação, que vai levar anos até a extinção dessa geração de idiotas inseguros.
qua passada Curtir Responder Mais

Paola Pq as pessoas não tem a capacidade de pesquisar, estudar e pensar sobre o assunto, ai alguém fala uma inverdade e tem uma manada seguindo e falando bobagem. E as mortes, bem, enquanto não atingem alguém próximo diretamente, não se importam.
1 sem. Curtir Responder Mais

Valéria
Lógico que ã incomoda, o que incomoda são as chatas. Acredito que pra mulher se impor não precisa de escândalos e algumas estapolam, não disse todas, mas tudo o que é exagero enche o saco. Nem todo homem é machista, assim como nem toda mulher é santa. Verdade seja dita. Concordo com várias linhas de pensamentos feministas porém discordo de muitas atitudes. Inferiorizar o outro não prova igualdade, é querer ser superior a qquer custo.

1 sem. Curtir Responder Mais

6 respostas

Aninha
Talvez pq ele liberta. Enquanto feminicidio aprisiona 🙄🙄🙄
qua passada Curtir Responder Mais

Fabio
bora ver os gastos de dinheiro público da dona Samia Bonfim???
<https://youtu.be/5Ns8FJ7U3g>

EXPLANANDO (Ep. 17) - Sâmia Bonfim
youtube.com

1 sem. Curtir Responder Mais

Marcos
O feminismo incomoda pq as mulheres nem sabem mas o que defendem, do querer lutar por pautas que não tem nada haver, o feminismo também incomoda quando vem uma militante falar m.
qui passada Curtir Responder Mais

Ewerton
porque morto não enche o saco 🙄
qua passada Curtir Responder Mais

Elio
Não entendi até agora feminicidio mais uma lei inócua. Nenhuma vida vale mais que outra. Nunca me esqueço de uma frase que uma amiga de infância dizia,"a mulher deve ser independente financeiramente e psicologicamente do homem. Também eu, homem sempre fui cobrado pela sociedade por ter amigas mulheres. Homens são criados para ver a mulher como objeto de prazer e procriação. Então sempre tive em mente juntamente com minha esposa que nossos filhos seriam criados de forma diferente,aqui não tem "coisa de homem,coisa de mulher,a começar pelos afazeres domésticos. Essa situação só se resolve com educação, informação,sem "guerra dos sexos". Sim sou privilegiado de ter amigas mulheres desde a adolescência e sei que

Elio
Não entendi até agora feminicidio mais uma lei inócua. Nenhuma vida vale mais que outra. Nunca me esqueço de uma frase que uma amiga de infância dizia,"a mulher deve ser independente financeiramente e psicologicamente do homem. Também eu, homem sempre fui cobrado pela sociedade por ter amigas mulheres. Homens são criados para ver a mulher como objeto de prazer e procriação. Então sempre tive em mente juntamente com minha esposa que nossos filhos seriam criados de forma diferente,aqui não tem "coisa de homem,coisa de mulher,a começar pelos afazeres domésticos. Essa situação só se resolve com educação, informação,sem "guerra dos sexos". Sim sou privilegiado de ter amigas mulheres desde a adolescência e sei que os homens da minha geração que não tiveram esta oportunidade tem grande dificuldade em mudar agora.

1 sem. Curtir Responder Mais

Vivian respondeu · 5 respostas

Icaro
A cultura patriarcal também é a origem da homofobia, e outras mazelas. 🙄
1 sem. Curtir Responder Mais

Fernando
A muita forma de ser feminista e ser femista. Agora um monte de mulher ficaria na rua fazendo protesto n vai levar a igualdade pra lugar nenhum. Isso aí já é falta de vergonha na cara
1 sem. Curtir Responder Mais

Jean
Encomoda homens fracos o tal do feminismo 🙄🙄🙄
1 sem. Curtir Responder Mais

Juvenal
De onde tiraram isso??? Sem sentido nenhum, postagem tosca 🙄
1 sem. Curtir Responder Mais

Reginaldo
talvez porque seja uma palavra masculina.
1 sem. Curtir Responder Mais

Cebola
Os dois são ruins, tanto o feminismo quanto o feminicidio
qua passada Curtir Responder Mais

Cezar
Feminismo não incomoda, o que incomoda é gente xurinda. Tem umas feministas que só servem de chacota.
1 sem. Curtir Responder Mais

Daniel
Porque o feminismo aceita a mais malix
sex passada Curtir Responder Mais

Érica
Os assassinos estão livres. Nós não estamos 🙄Pq funcionando a lei, a punição é feita.
qui passada Curtir Responder Mais

Daniela Liu
Pq as pessoas acham que feminista significa andar pelada e cuspir na rua.
1 sem. Curtir Responder Mais

Diego Carlos respondeu · 1 resposta

Supriela Rubem
Feminismo... 🙄🙄🙄
 1 sem. Curtir Responder Mais

Rubem respondeu · 11 respostas

Supriela Coliberto
Pq o pecado já começou com a Eva então feminismo vai ser o apocalipse! 🙄
1 sem. Curtir Responder Mais

Edy
por isso
 1 sem. Curtir Responder Mais

Mirco
Só por isso
 1 sem. Curtir Responder Mais

Yasmin
Mais e a louça?
na seg Curtir Responder Mais

Superfã
Karininha
Não existe feminicidio e sim homicidio 🙄🙄
1 sem. Curtir Responder Mais

Jennifer Machado respondeu · 7 respostas

Junior
Particularmente , para mim o feminicidio me incomoda muito mais que o feminismo.
O feminicidio lamenta-se, o feminismo, quando vindo de extremistas , atura-se.
qui passada Curtir Responder Mais

Joares
Porque é culpa do feminismo que tantas mulheres estão morrendo.
1 sem. Curtir Responder Mais

Joares Ferreira respondeu · 56 respostas

Adriano
Pq feminismo é um nojo feminicidio é invenção maluca de retardados
sex passada Curtir Responder Mais

Liz C
É pq ser imbecil é um adjetivo que só pode ser aplicado a humanos.
1 sem. Curtir Responder Mais

Wesley
Quando baixar um lei que qualquer homem que matar uma mulher morre, esses fdp param.
qui passada Curtir Responder Mais

Kristyan
Morto não fala - Qualquer jogador...
1 sem. Curtir Responder Mais

Rafaela
Pq existem mulheres mas machistas que muito homem. Já vi em rede social" ele não iria matar a mulher sem motivo" já vi também em caso de agressão "ela esta com ele pq quer " "ela aceita pq e safada pq não liga pra polícia " ela gosta".
qui passada Curtir Responder Mais

Gláucia respondeu · 1 resposta

Ana
Adnan
6 h Curtir Responder Mais

João
Pq morto n fala
na ter Curtir Responder Mais

Fernando
Feminismo é coisa do diabo
na seg Curtir Responder Mais

Lonesome
Morto não fala.
no dom Curtir Responder Mais

Mari
Pq feminicidio não existe
sex passada Curtir Responder Mais

Nobre
feminicidio não existe
ho sab Curtir Responder Mais

Gabriel
Mimimi
sex passada Curtir Responder Mais

Eric
Morto não fala.
sex passada Curtir Responder Mais

Jair
Foda-Se Feminismo e Anti-Feminismo
sex passada Curtir Responder Mais

Tiago
Fodasse ?
sex passada Curtir Responder Mais

Wallyson
Feminicidio é minha rola taokei?
sex passada Curtir Responder Mais

Lucas
Pq enche o saco msm kkkk
sex passada Curtir Responder Mais

Allan
Porque o feminismo avistal

Nichollas
Para de postar bosta.Página lixo.
qui passada Curtir Responder Mais

Brendo
Feminicidio nem existe, é uma frescura jurídica kkk
qui passada Curtir Responder Mais

Nolran
Não sei e não me importo
qui passada Curtir Responder Mais

Helder
Porque morto não fala
qui passada Curtir Responder Mais

Átila
Morto não fala.
qui passada Curtir Responder Mais

Winchester
morto nao fala
qui passada Curtir Responder Mais

Rodrigo
Pq o feminismo é uma doença
qui passada Curtir Responder Mais

Rafaela
Mayra Victoria
qui passada Curtir Responder Mais

Superfã
Iracema
A mulher emancipada incomoda...
qui passada Curtir Responder Mais

Superfã
Fabricio
Cadáver não fala.
qui passada Curtir Responder Mais

Fernando
Pq as mulheres que são feministas são chatas, fedorentas , sem argumentos , são frustradas pq não transam . Essa é a verdade . Existem diversas formas de reivindicar seus " direitos " não precisam sair por aí com Teta de fora e com suvaco peludo e gritando iguais retardadas , se vcs soubessem o quanto e ridículo isso e o quanto os seus pais passam de vergonha com isso , vcs nunca fariam .
qui passada Curtir Responder Mais

3 respostas

Cau Marquis
Pq morto não fala
qui passada Curtir Responder Mais

Superfã
Carolina
Francieli Diniz
qui passada Curtir Responder Mais

Isadora
Guilherme De Paula
qui passada Curtir Responder Mais

Marcus
O feminismo emburrece a mulher, feminicidio é a prova do que o homem e a mulher são igualmente ignorantes. 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔
qui passada Curtir Responder Mais

Elcio
Foda-se o feminismo
qui passada Curtir Responder Mais

Allan F.
Feminicidio não existe, bando de animal. 🤡
qui passada Curtir Responder Mais

Patricia Tiveron respondeu · 1 resposta

Caah
Thalita Angélica
qui passada Curtir Responder Mais

Thalita respondeu · 1 resposta

- João**
O problema não é o feminismo não é sim o feminismo ! 🤔

1 sem. · Curtir · Responder · Mais
- Débora**
Pq a sociedade é machista. 🗨️

1 sem. · Curtir · Responder · Mais
- Leonardo**
Feminismo é machismo ao contrário 🤔

1 sem. · Curtir · Responder · Mais

Leonardo respondeu · 4 respostas
- Superfã**
Tiago
Incomoda ver uma mulher se sentir ofendida por que um homem fez uma simples pergunta "... olha moça que horas são"
Tem relógio não ? Macho escroto ...
O raiva

1 sem. · Curtir · Responder · Mais
- Livia**
Brunna Rodrigue's???

1 sem. · Curtir · Responder · Mais

Brunna Rodrigue's respondeu · 1 resposta
- Luciano**
Estamos lascados nas mãos desses eleitores fanáticos do lado Bolsomerdas X Lulabostas 🤔🤔

1 sem. · Curtir · Responder · Mais
- Superfã**
Leticia
Morto não fala

1 sem. · Curtir · Responder · Mais
- Thalles**
Não me incomoda o feminismo em si, me as ideias das influentes do movimento (simone de beauvoir, por exemplo) só ideia autoritária, contra a família e a favor do aborto. Nada a favor da igualdade e sim de inverter quem manda

ANEXO B – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM MAIO/2020: CONTINUAÇÃO



Rafael **Superfã**
Sou a favor do movimento feminista. Sou contra as feministas Nutella que atrapalham o movimento exemplo: ficar enfiando a cruz no ânus dentre outros que não vale a pena comentar já que essa página tem defensores desses atos absurdos

2 meses Curtir Responder Mais

Fer respondeu · 1 resposta

Bruna
Quantas e quantas vezes vi colegas rirem de mim, fazerem fofocas porque no meu trabalho sou séria, focada, fico no meu universo focada nas minhas vendas. Se eu fosse um homem sério, seria chamado de bem sucedido, focado, "na dele". A frase clássica é: "mal amada que tá faltando homem". Tudo isso só pq trabalho focada e meus resultados são, sem dúvida, acima da média. 🤔

2 meses Curtir Responder Mais

Joao respondeu · 57 respostas

Hanna

2 meses Curtir Responder Mais

Fernanda respondeu · 5 respostas

Verdelho
Já já aparece os homens

Cuidado!

Nathan
Respeito pelas que lutam de vrdd, não as que só fazem texto em rede social, e só aplica quando lhe convém.

2 meses Curtir Responder Mais

Celso respondeu · 47 respostas

John

O feminismo é apenas uma maneira inventada pelas mulheres de repetir o que elas sempre fizeram ao longo da história: reunir-se para falar mal dos homens. Só que agora com ares de autoridade científica e posse de engajamento político.

2 meses Curtir Responder Mais

João respondeu · 59 respostas.

Gabriel
Eu acho frases clichês muito sexy. Porém não assumo em público.

2 meses Curtir Responder Mais

Mario Pena respondeu · 4 respostas

Paulo
EU JÁ ACHO AS RADICAIS MUITO FEMININAS.

2 meses Curtir Responder Mais

Maria Sandra C... respondeu · 144 respostas

David
As que lutam de verdade são as que se levantam dedo para ir aos seus trabalhos e sustentam a família. Não as que reclamam por tudo e por nada.

2 meses Curtir Responder Mais

Adriano respondeu · 60 respostas

Rafael
tem certas coisas que prefiro não julgar, sei das dificuldades que as mulheres passam, apoio a luta por seus direitos, mas tem atitudes (isoladas) que não admiro por conta disso, não julgo o movimento, se fere o direito a uma sociedade melhor, lutem, mas também revisem

lan **Superfã**
O feminismo é lindo!

2 meses Curtir Responder Mais

Celso Bastos respondeu · 23 respostas

Lourdes
Eu não tenho nada a comentar só que eu amo pessoas amada por DEUS além

2 meses Curtir Responder Mais

Mario Ué

2 meses Curtir Responder Mais

Elivelton
São tem acento!

2 meses Curtir Responder Mais

Celso Bastos respondeu · 1 resposta

Ediclaudio
Eu acho que pixar é crime kkkkk

2 meses Curtir Responder Mais

Andrey

- Leticia**
O feminismo moderno não me representa
O feminismo de verdade era o de antigamente que mulheres de fato lutavam por causas importantes e reais
2 meses Curtir Responder Mais
- Christian**
Desde quando?
2 meses Curtir Responder Mais
- Jesus Correia**
Eu acho elas infelizes!
Deve ser frustrante a tentativa fracassada de quererem se comparar e achar que são superiores ao homens
2 meses Curtir Responder Mais
- Anna Carolina**
Vai lá fala isso pra Carla Zambeli e Bia Scis
2 meses Curtir Responder Mais
- Superfã**
Cleide
Nós mulheres somos gente com ou sem feminismo...
2 meses Curtir Responder Mais
- Superfã**
Mauricio
Melhor vcs ficarem solteiras mesmos.
2 meses Curtir Responder Mais
- Mariana Souza** respondeu · 12 respostas
- Superfã**
Neimar
Não esquenta Bruna, segue adiante não deixa a inveja deles te atrapalhar.
2 meses Curtir Responder Mais
- Roberto**
Mulheres precisam de mulheres pra se auto afirmarem
Por que a bem da verdade, só elas mesmos pra se acharem iguais aos homens
2 meses Curtir Responder Mais
- Mariana** respondeu · 1 resposta

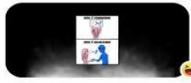
- Elton**
Gente com pelo que não toma banho e que bebe cachaça no gargalo isso não é mulher e sim um Exu incorporado
2 meses Curtir Responder Mais
- Rosidalva**
A mulher já foi muito violentando em todos os sentidos. Infelizmente até hoje, muitas ainda são.
2 meses Curtir Responder Mais
- Danielle**

2 meses Curtir Responder Mais
- Luis**

Tinha que ser Muité
2 meses Curtir Responder Mais
- Abdull**

2 meses Curtir Responder Mais
- Kamila** respondeu · 16 respostas
- Allan F. Moraes**


- Superfã**
Sara
Feminismo e a nossa luta para sermos tratadas com respeito
2 meses Curtir Responder Mais
- Vinicius**
Algumas nem gente eh kkkkkk
2 meses Curtir Responder Mais
- Superfã**
Cleiton
"Mulher nasceu para lavar minha roupa", "na minha casa mulher não trabalha não", "ela queria sair, tranquei a casa e fui beber com amigos", "ah, ela era a esposa do cara, não foi estuprada por ele não", "você não seria ninguém sem mim!", "com essa roupa ai, qualquer um queria dá uns pegadas né!", "você não teve filho ainda não!", "olha eu quero ser avó hein, me dê um netinho!". Todos os dias me pergunto porque para vários homens e mulheres não conseguem respeitar mulheres independentes!
2 meses Curtir Responder Mais
- Cleiton** respondeu · 8 respostas
- Vinicius**
Não outro tem assunto não né?
Ei inveta outro vai lá, esse já tá chato woowoo, sério..
Me leva a mal não viu!
2 meses Curtir Responder Mais
- zenilda** respondeu · 3 respostas
- Fernando Bolsonaro**
Os homens, ricos ou pobres, admiram mulheres que se vestem com decência e se respeitam. Uma vestimenta decente, que não revela muito o seu corpo, nos leva a amar e respeitar você. Ela nos diz que você é uma mulher virtuosa, alguém que podemos levar para casa para ser nossa esposa e mãe dos nossos filhos. Ela nos diz que você foi criada com princípios morais e nos dá detalhes do seu bom histórico familiar. Alguns homens não preocupam muito com maquiagem excessiva...por que uma mulher que serve para ser esposa sempre se sobressai, não importa o quê. Valorize o seu corpo, seja verdadeira, se respeite, e um bom homem que vai respeitá-la vai encontrá-la de um jeito ou de outro.
Se valorizem pra serem valorizadas #fica_ai_outra_dica
2 meses Curtir Responder Mais
- Fernando Bolso...** respondeu · 17 respostas

- Gonçalo**
Radicais não, são chatas mesmo. Por isso que são todas solteiras.
2 meses Curtir Responder Mais
- raa Alves** respondeu · 9 respostas
- Igor**
Agradeçam que elas querem igualdade e não vingança
2 meses Curtir Responder Mais
- line** respondeu · 3 respostas
- Rodrigo**
Vitimizção master extra plus
2 meses Curtir Responder Mais
- Junior**
Com certeza foram as próprias feministas que escreveram isso!
2 meses Curtir Responder Mais
- Rafael**

2 meses Curtir Responder Mais
- rafael** respondeu · 6 respostas
- Pato**

2 meses Curtir Responder Mais
- Genifer**
Porque não abaixo a cabeça quando estou certa. Porque sei artes marciais e não me visto feito boneca já veio homem falar que não sou mulher porque mulher é delicada frágil. Desculpa mais se vc nunca passou um dia como mulher não venha me dizer como é ser mulher. Ser

Fabi
O feminismo se tornou uma ferramenta para transformar as que tem mente fraca em um rebanho de idiotas que usam o corpo em vez da mente para protestar!

2 meses Curtir Responder Mais

Jessica
O machismo e o feminismo estão se igualando nenhum tem respeito ou amor ao próximo desculpe quem se ofender mais é o que estou vendo principalmente em outros países o mundo só vai pra frente quando estiver respeito dos dois lado não vai existir essas palavras só vai ser seres humanos

2 meses Curtir Responder Mais

Jota
Ninguém é contra o feminismo. Mas a sociedade se tornou contra quando travestiram o feminismo de feminismo, movimentos radicais dentro do feminismo propagam ódio, nojeiras, atos criminosos. Enfim vcs entenderam

2 meses Curtir Responder Mais

João
Quando alguém te acusa de ser machista, mas ao invés de discutir, você sobre na sua chorreata e vai embora.



sai machista

2 meses Curtir Responder Mais

João respondeu - 7 respostas

Verônica
As pessoas que são contra o feminismo se enquadram em duas categorias: ou são machistas e a favor do patriarcado - e isso inclui muitas mulheres - ou não sabem o que realmente significa feminismo. E se alguém se intitula "feminista radical", também está por fora...

2 meses Curtir Responder Mais

Caroline
O feminismo virou um tipo de movimento onde mulheres usam outras mulheres pra mostrar que são superiores com um jeitinho doce meigo e abusivo disfarçado de conselho pra inferiorizar a coleguinha que não convém. Tá bem longe do feminismo limpo que fazem de fato TODAS as mulheres se sentirem amparadas. Sociedade zero. Depois vem a hora amada!

Paula
Na minha opinião, parar de se vitimizar já é um grande passo. Não tem mais essa de q mulheres são inferiores...já faz tempo. Mas o q seria das "feministas" sem as mal instruídas???... Boa noite!!

2 meses Curtir Responder Mais

Superfã
Leonardo disse: Dissertem...
mulher faz sexo com quem ela quiser
homem faz sexo com quem ele quiser

2 meses Curtir Responder Mais

Leonardo respondeu - 5 respostas

Eduardo Jesus
Eu estava com saudades desses posts feministas kkk



2 meses Curtir Responder Mais

Allan F.
Argumentar com Feministas:



Augusto Vieira
Feminismo e machismo: farinha de lotes de produção diferentes adequadas em sacos diferentes, mas são farinha.

2 meses Curtir Responder Mais

Guilherme
Feminismo já foi isso algum dia, mas hj em dia se resume em odiar homem

2 meses Curtir Responder Mais

Lui
Feminismo é doença, assistam Red Pill.

2 meses Curtir Responder Mais

Patrick
Acho que elas não são tão radicais assim . em protestos ofendem a religião do próximo. (Enfiando crucifixo na ppk)andam peladonas em seus protestos .fazem necessidades em meio da rua em uma 'foto' mas não é radical não...

2 meses Curtir Responder Mais

Biel



2 meses Curtir Responder Mais

Jamile respondeu - 2 respostas

Superfã
Ivani
E os homens nascem de onde?será que as cegonhas entregam homens e as Mulheres dão luz as mulheres?se assim for tá explicado pq alguns homens se acham melhores pq as cegonhas fazem seus ninhos no alto das árvores,eles caem ,batem a cabeça e a cegonha que é esperta dá seus filhotes machos para as mulheres

2 meses Curtir Responder Mais

Diego
Feminista mesmo é aquela que batalha todo dia e não vive a custo dos pais

Bianca
As feministas seriam mais útil se elas em vez de ficar fazendo protestos pelada na rua, elas poderiam fazer doação de alimento em instituição de caridade, seriam bem mais útil!

2 meses Curtir Responder Mais

Elizabeth
O pior do maxismo é que esses idiotas nasceram de mulheres se um dia forem pais vão precisar de uma mulher, coitada da pobre,ser dona do próprio nariz, não querer ser subjugada, querer ser dona do próprio corpo, ter uma profissão digna e remunerada de acordo com sua competência e não seu sexo, se isso é ser feminista então eu sou, mais a 62 anos atrás era ter vergonha na cara, não querer ser sustentada por homem nenhum e ser dona da sua vida... fica a dica ...

2 meses Curtir Responder Mais

Tania Sales
A médica que queria matar a Dilma saiu....

2 meses Curtir Responder Mais

Superfã
Júnior
Grafite criado por: Uma feminazi esquerdopata que se importa mais com a militância pessoal do que com os direitos iguais entre pessoas do mesmo sexo.

2 meses Curtir Responder Mais

Suan
E quem disse que mulher é gente poha? Por isso o feminismo está errado.

2 meses Curtir Responder Mais

Heuller
Quero gerra porra, quarentena ta me matando caralho

2 meses Curtir Responder Mais

Andrade
Isso tá mais p mulher macho do que outra coisa.

2 meses Curtir Responder Mais

Marcel respondeu - 2 respostas

Marco
Agora quem está assim são os homens se raspando todos....kkkkk

2 meses Curtir Responder Mais

Aldo Magno

Rodrigo
Feministas são aquelas barangas peludas e fedorentas que não arrumam ninguém.
Aqueles que se acham o máximo mas todo mundo ri e tem pena por trás .
Chegam a ser patéticas . Falta de P .

Ana Carolina
Vai toma no cu!!!

Mauricio
Para quê os homens vão odiar mulheres feministas? Elas só querem ter direitos iguais ! Não entendo para que esse monte de Zé manê vem aqui desrespeitar as mulheres . O que seriam de nós homens sem as mulheres ? NADA! Então vamos respeitar elas!

Ruben
Ser feminista clássica é diferente do que ser feminista socialista radical na qual oprime a própria mulher ao ocultar casos de casamentos arranjados por ciganos e insubmissão de denunciar a pedofilia na cultura islâmica...

Giuseppe
NÃO É BEM ISSO NÃO. TEM QUE LER AS FEMINISTAS TEÓRICAS. PRIMEIRO LEIA, DEPOIS VOCÊ ESCRIVE SOBRE. VOCÊ VAI VER QUE NÃO TEM NADA A VER COM ISSO. TEM MUITO MAIS A VER COM ÓDIO AO HOMENS, SUPREMACIA FEMININA, MARXISMO, PROMISCUIDADE, DESTRUIÇÃO DA FAMÍLIA, DESTRUIÇÃO DA FEMINILIDADE, ETC. SE QUISER EU LI AS PRINCIPAIS E POSSO DEBATER SOBRE.

Lidyane
Sou mulher não sou feminista, ando é longe de ser e sou GENTE!

Mariana Souza respondeu · 20 respostas

Maria Abi
Engraçado é a cambada de macho escroto, que ama passar vergonha nas redes

Andy

Johnathan
Gente chata!

Alvaro
Feminismo e machismo tudo lixo

Celso
E são radicais msm

Nika
Somos seres da natureza

Thiago Lapoli
MENTIRA 🤡 Feminismo não é isso, é algo egoista. Feminismo lutou por igualdade no PASSADO! Não hoje. É só militância política 🗳️

Clodoaldo
Todo ismo e lixo

Anderson
Chega de feminista lacradoras nem as brasileiras aguentam mais . Ta aí o Bbb a prova disso as mulheres lacradoras saindo uma a uma. Lutem pelos seus direitos sem serem chatas e mal amadas tudo reclama.
O PAU BRASIL é uma arvore típica da mata atlântica.
FEMINISTA: porque Bau brasil e não xereca brasil. Machista homofobico, fascista

Lucas
Feminista nem é gente.

Luis Herman
Bom , ele é babaca e Michele

Marcelo
Gente louca

Romi
Femimimimimismo

Thiago
Legal se não é feminista a mulher não é gente
Mas que 🤡🤡🤡

Nei Eduardo
Feminismo é merda

Cida


Max
🤡🤡🤡

Rita
E como sao

Lucas Viana
Feminismo é apenas o machismo de saia.

Yorrana respondeu · 1 resposta

Rafael
Feminismo virou palhaçada ...

Daniele
Acho o feminismo ridiculo

Guilherme
Feminismo é meu ovo

Priscila
🤡🤡

Ronaldo
São mulheres do suvaco cabeludo

Wallace De
FEMININO É UMA DOENÇA

Adriano respondeu · 1 resposta

Ver mais comentários...

Escreva um comentário...

Superfã
Jacir
"Ah, eu acho que as feministas são sovaco peluda"
2 meses Curtir Responder Mais

Junior
Como tem gente inocente kkk
2 meses Curtir Responder Mais

Superfã
Cesar
É triste ler o comentários e ler um monte de homens definir o que é o feminismo, o que é ser feminista ou quem pode ser feminista. Comentários tipo "feminista é aquela que trabalha, não as que só reclamam", quer dizer que pra ser feminista não basta o simples fato de vc ser agredida, assediada, abusada, estuprada, forçada, controlada e etc só por ser do sexo feminino?
2 meses Curtir Responder Mais

Superfã
Brenno
Feminismo é uma doença!
2 meses Curtir Responder Mais

Helena respondeu - 1 resposta

Luciana
Perderam a oportunidade de ficar calados.
2 meses Curtir Responder Mais

Diego Rocha respondeu - 1 resposta

Superfã
Luis Carlo
So verdade
2 meses Curtir Responder Mais

Marlene

2 meses Curtir Responder Mais

Jose Francisco Da Silva Ze Chico

Samuel De
Femiministas!
2 meses Curtir Responder Mais

Superfã
Luiz Preto
São umas PORCAS BASTARDAS
2 meses Curtir Responder Mais

Helena respondeu - 1 resposta

Tielem
Oq seria ser "radical"? ...
2 meses Curtir Responder Mais

Alice
Tsc tsc tsc
2 meses Curtir Responder Mais

Ricardinho
Idiotice em cima de idiotice, só postam merda AFFF 🤡🤡🤡🤡
2 meses Curtir Responder Mais

Superfã
Gabriel
Mulheres não precisam de Feminismo para ser Gente, elas ja São e sempre Serão.
Para de Por Mulher como algo Diferente.
Ela tem todos os Direitos que um Homem tem e até mais.
Mulher tem que se protegida Amada. E isso Basta
2 meses Curtir Responder Mais

Rafa
Treta e mais treta
Continuem
Eu gosto de ler 🤡
2 meses Curtir Responder Mais

enilda respondeu - 15 respostas

Kamille
Cheio de macho triste comentando...como sempre desmerecendo mulheres.
Homem gosta de homem...e aqui com esses comentários só confirmo isso!
2 meses Curtir Responder Mais

Genaro
Feminismo era um movimento legítimo na década de 30,40. Hoje não passa de massa de manobra na mão da esquerda!
2 meses Curtir Responder Mais

Fabi respondeu - 25 respostas

Superfã
William P...
Machismo e feminismo duas merdas !!
2 meses Curtir Responder Mais

Jefferso
Triste isso 🙄

media1.tenor.co
media1.tenor.co
2 meses Curtir Responder Mais

itória respondeu - 1 resposta

Fred França
São* 🤡
2 meses Curtir Responder Mais

Jeff
Lixo
2 meses Curtir Responder Mais

Rene
Feminismo.lixoooo
2 meses Curtir Responder Mais

Luana respondeu - 1 resposta

Paulo
Bando de mulher gorda e feia, querendo se aparecer.
2 meses Curtir Responder Mais

Jonas Sousa respondeu - 2 respostas

Superfã
Valmir
Feminismo é uma aberração. A mulher deve ser feminina, ok? 🤡
2 meses Curtir Responder Mais

Ricardo
NÃO EXISTE FADA !!! 🤡🤡
2 meses Curtir Responder Mais

Helena Stevens respondeu - 1 resposta

Guto Preto
🤡🤡🤡🤡🤡🤡🤡🤡
2 meses Curtir Responder Mais

Superfã
Clara
Graziella Biloti Padilha
2 meses Curtir Responder Mais

Graziella Bilo... respondeu - 1 resposta

Superfã
Vicefan
Feminista nem é mulher.
2 meses Curtir Responder Mais



ANEXO C – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM NOVEMBRO/2020

Quebrando o Tabu 17 de out

"Infelizmente, existe esse movimento feminista. Muitas mulheres às vezes não são nem mulheres, para falar o português claro."

Essa foi a fala NOJENTA do Robinho, condenado por estupro. Ele já culpou a Globo, já culpou as feministas... A culpa do estupro não é da roupa, nem da bebida, nem do horário, nem do lugar, nem da vítima. A culpa do estupro é só do estuprador!

Felizmente o feminismo existe e infelizmente existem estupradores.



GLOBOESPORTE.GLOBO.COM
Robinho diz que teve consentimento de jovem e reclama: "Infelizmente, existe esse movimento feminista"

Mariana felizmente o feminismo existe pra nos proteger de homens como você, Robinho. 1,9 mil

Alison Concordo, linda 1

Alison Giovanni Faria droga

Nuno se Robinho fosse branco,loiro e olhos claros não teria esse mimimi todo das feministas contra o cara kkkkk sei muito bem que vcs feministas odeiam nós homens negros e pardos 154

Allan Nuno Bittencourt o vaso deve ter inveja de vc que ta cagando pela boca, só falou merda 175

Loassem Alison ML ai tu q transa aqui vtf

Supêrã Janaina Rodrigues Nuno Bittencourt vc tá de brincadeira né? Vc acompanhou caso da Ferrer???? Vá ser passa pano em outro lugar! 81

Sabrina Nuno Bittencourt oq tem haver uma coisa com a outra o cérebro de alface? 52

Aline Nuno Bittencourt estupro é estupro. 3 sem

Apa Nuno Bittencourt eita que jumentice é essa? 3 sem

Edson Mariana Pessoa quem protege as mulheres de estupradores não é o feminismo ! Más sim pessoas de caráter, dentro do judiciário, da polícia, das defensorias, das casas de apoio, e mulheres que não tem nada a ver com esse movimento feminista, que so serve pra queimar o filme das mulheres. 3 sem

Jane Loassem Ayache. Eu vi tido mundo se do solidário com as familias das crianças do Flamengo. Agora não sei o que tem a vê um caso com outro . deixe as crianças descansar em paz . 3 sem

Edson Nuno Bittencourt



William Mariana Pessoa espero que proteja tbm das das oportunistas, das vagabundas profissionais que vivem de golpes e profissão pensão 1

Jaine Nuno Bittencourt faz muito eco na sua cabeça? 2

Maíke Mariana Pessoa o feminismo serve pra encher o saco dos outros, mulheres dignas de verdade não se misturaria com essa merdaa ae não 3

Adilio Na verdade o feminismo atual não ajuda em nada. As mulheres de verdade que não dependem de movimentos ideológicos, que São trabalhadoras, boas mães e esposas wur fazem a diferença na sociedade. Ao contrário das feministas que São tudo alienadas pela politica e só fica mostrando os seios e ofendendo a tudo e a todos. 13

Fabricio Michel Quer dizer que se um cara é preto ele pode estuprar a vontade? 3 sem

Juleide Maria Nuno Bittencourt teria sim, deixa de falar asneira. Não é sobre a cor da pele. E eu acredito em racismo mas não nesse caso. 3 sem

Supêrã Deise Nuno Bittencourt e por acaso toda feminista é branca? Dá onde tú tirou essa visão? Para de falar merda. 3 sem

2 sem Curtir Responder

Edson
 Eliane Smith, então me diga, quem protege as mulheres vítimas de estupradores? Por acaso são as Feministas que fazem a prisão dos estupradores? São as feministas que dão apoio às mulheres desesperadas nas casas de apoio? Feminista se serve pra tirar a blusinha e andar com os peitos de fora escrito, ele não, fumar maconha nas passeatas e dizer que está lutando pelas mulheres, Mulher de verdade não anda com vagabundos em baderna, eu conheci e conheço mulheres que eu não sou digno sequer de pisar onde elas passam, más com certeza essas feministas doentes, não são e nunca serão uma delas.
 2 sem Curtir Responder

Escreva uma resposta...

Vinicius
 Com todas as provas esse cara AINDA está tentando se defender, pelo amor de Deus, uma defesa/assessoria de imprensa decente já teria mandando ele ficar quieto há muito tempo, ele só está piorando a situação dele.
 3 sem Curtir Responder

Ver 67 respostas anteriores...

Cris
Edson Grafite ele ja foi CONDENADO, não é mais questão de ter ou nao ter provas. As provas ja estão todas no processo e por isso ele foi condenado a 9 anos de prisão.
 2 sem Curtir Responder

Superfã
Carla
 Sempre estou certa Edson. Se tem algo que eu estou, principalmente agora é certa. Obrigada por notar
 2 sem Curtir Responder

Kayo Cesar
Vinicius Fiuza
 O problema é o relativismo...kkk
 2 sem Curtir Responder

Maria Alice Conde
 O feminismo incomoda mesmo os machistas e estupradores. Enquanto incomodá-los saberemos que estamos no caminho certo.
 3 sem Curtir Responder 479

Ver 29 respostas anteriores...

Marcos
 O feminismo é uma doença q tem no seu movimento mulheres fracassadas e frustradas sexualmente q culpam os homens pelo seu próprio fracasso, mas o Robinho cometeu um crime e tem que pagar pelo mesmo
 3 sem Curtir Responder 1

Luiz Fernando
 O feminismo incomoda pq é sexista. misândrico e promove duplos critérios de gênero. Se o Robinho estivesse podre de bêbado de não conseguir parar em pé e chupasse a xereca de uma mulher em uma festa, as pessoas dariam gargalhada da suposição de que ele foi estuprado pq não sabia o que estava fazendo. Como feministas são sexistas e defendem duplos critérios de gênero, o mesmo critério que usamos para julgar a conduta sexual de homens não se aplica a mulheres. Somente mulheres tem o privilégio de poder argumentar que não sabem o que fazem quando bebem portanto não estão em condições de consentir. Homens não.
 3 sem Curtir Responder 3

Luiz Fernando
 Maria Alice Conde Você quer alguém que não é estuprador na cadeia pq odeia homens ou odeia negros? Se eu chupasse o pau do Robinho enquanto estivesse caindo de bêbado vc diria que fu estuprado pq não sabia o que estava fazendo? Desde quando as pessoas param de ter noção do que estão fazendo quando bebem? Há drogas que fazem isso, como o boa noite Cinderela. Álcool não é uma delas.
 3 sem Curtir Responder 2

Leni
 Frase clássica ...algumas vezes que disse não p/ outros homens como esse ser repugnante foi essa frase que eu ouvi .Pois muito bem :Sou mulher, sou feminina, sou feminista e lugar de estuprador é na cadeia, campo é para atletas.
 3 sem Curtir Responder 191

Ana
Leni Sousa boa!
 #lugardeestupradorenacadeia#campoeparatletas
 3 sem Curtir Responder 5

Sylvia
 perfeito!
 3 sem Curtir Responder

Luiz Fernando
 Vejo que feminismo é contra igualdade de gênero e é a favor de tratar mulheres como seres inferiores. Quando um homem transa podre de bêbado com uma mulher, ele não pode argumentar que não sabia o que estava fazendo. Como defende machismo e paternalismo para mulheres, vai dizer que mulher não faz a mínima ideia do que está fazendo quando bebe para dar a mulheres de destruírem a vida de um homem pq se arrependeram do que fizeram no outro dia e decidiram que "não sabia o que estava fazendo", portanto fui estuprada. Se eu mamar o pau do Robinho em uma festa enquanto estou podre de bêbado, eu fui estuprado? Difícil acontecer isso, querida, pq sou adulto, portanto não posso argumentar que não sei o que faço enquanto bêbado. Se eu estiver caindo de bêbado e um cara enfiar o pinto dele na minha boca, eu fico sóbrio no ato e mando parar na hora, não fico lá mamando para no outro dia decidir que me arrependi, que eu não queria, que não estava em condições de consentir uma mamada. Vou fazer isso pq tenho vergonha na cara. Não sou criança. Também não acho que mulher é criança pq não sou machista nem sexista, então meu critério t... Ver mais
 3 sem Curtir Responder 1

Superfã
Maria Laura
 Ouvir isso vindo de um estuprador me deu mais orgulho ainda de ser feminista. Significa que eu estou do lado certo!
 2 sem Curtir Responder 208

Itachi
Maria Laura Antunes, tu é feminista lá o que? O que tu já fez de útil além de chorar na internet? Tu é uma massa de manobra.
 2 sem Curtir Responder 10

Superfã
Rodinei
Maria Laura Antunes aquela sensação de estar no caminho certo né? 😊
 2 sem Curtir Responder 5

Superfã
Maria Laura
Itachi Uchira Quase médica, futura ginecologista, que pretende cuidar da saúde das mulheres em todos os seus aspectos BIO-PSICO-SOCIAL. E você, faz algo de produtivo além de ver anime?
 2 sem Curtir Responder 41

Ronnie
 Vc nem sabe o que aconteceu
 2 sem Curtir Responder 4

Sabrina
Maria Laura Antunes e ainda diria mais, se algum homem se incomoda com o feminismo, se afaste dele o mais rápido possível, boa coisa não é
 2 sem Curtir Responder 18

EJ
Itachi Uchira vai dormir shinobi. 🤪🤪🤪🤪
 2 sem Curtir Responder 9

Itachi
A maioria das conquistas que as mulheres têm hoje foram conquistadas por mulheres de garra, que sequer se intitulavam feministas. Ai vem as porra de umas militontas com um tal feminismo e se apoderam de conquistas alheias. Mulheres que já pegaram tudo moldado, que não tem luta nenhuma no currículo, que passam o dia atrás de um celular, no conforto de seu sofá e ar condicionado, falando merda na internet. O mais longe que essas feministas do século XXI chegaram foi mostrar os peitos e ganhar o ódio de uma grande parcela da sociedade. Vão procurar o que fazer gurias e marmanjos feministas.

2 sem Curtir Responder

Larissa
Não é nem gennin ainda kkkk EJ Junior

2 sem Curtir Responder

Hugo
Maria Laura Antunes mas porque ninguém fala do Neymar também?

2 sem Curtir Responder

EJ Junior
Larissa Camisote esse aí COM CERTEZA é a escória da Vila dele.

2 sem Curtir Responder

Jamily
Itachi Uchira cara você usa foto de anime, você é o último que tem que falar alguma coisa.

2 sem Curtir Responder

Yogan
Maria Laura Antunes bem do teu tipo querer ser melhor que as pessoas.

2 sem Curtir Responder

Superfã Jacir
Maria Laura Antunes Feministas são aquelas sovaco peludo que fazem protesto peladas nas ruas?

Superfã Andrea
Lutar contra o estupro nao e ser somente feminista, mas Humanista!!

2 sem Curtir Responder

Juliana
Eu não era fã do movimento, mas agora mexeu comigo

2 sem Curtir Responder

Superfã Ana
Se o movimento feminista influenciou de alguma forma a opinião pública é porque estamos no caminho certo. Vamos sim contra esses machos que não sabem valorizar uma mulher

2 sem Curtir Responder

Fabio Cherias respondeu - 1 resposta

Iva
Triste mesmo é quando vejo uma mulher ser contra o movimento feminista!

2 sem Curtir Responder

Edilaine
Estamos no caminho manas. Muito bom saber que estuprador não gosta de feminista. Continuemos na luta

2 sem Curtir Responder

Lize
É bom mesmo que ele, e todos os machos como ele, saibam que, nós feministas estamos no encalço deles. MACHISTAS NÃO PASSARÃO

2 sem Curtir Responder

Superfã Jacir
Lize Nascimento Feministas são aquelas sovaco peludo que fazem protesto peladas nas ruas?

2 sem Curtir Responder

Lize Nascimento

Superfã Luci Maria Almeida
Prefiro movimento feminino. Nem da margem para os homens criticarem.

2 sem Curtir Responder

Miqueias
mesma lógica para condenados por corrupção em segunda instancia

2 sem Curtir Responder

Lize Nascimento respondeu - 1 resposta

Christopher
Poderiam falar disso também



2 sem Curtir Responder

Wallifer
Vocês estão assistindo a Fazenda kkkk



2 sem Curtir Responder

Lize Nascimento respondeu - 1 resposta

Vitor
cade a militancia falando disto? cade post da pagina ?

https://www.youtube.com/watch?v=W0xi-BOEDFk&ab_channel=CidadeAlertaRecord

agora se fosse a mulher que tivesse sido morta taria cheio de indignação


Policia conclui que adolescente foi morto pelo tribunal do crime após falsa denúncia da ex
youtube.com

2 sem Curtir Responder

Vitor respondeu - 1 resposta



TENOR

2 sem Curtir Responder

Iara Almeida
Com toda certeza

2 sem Curtir Responder

Superfã
Rosirene A.
Sim, continuar para que todos esses canalhas tenham o que merecem:CADEIA!!!

2 sem Curtir Responder

Superfã
Jéssica
Pra cimaaaa deles

2 sem Curtir Responder

Superfã
Bruna
Jogadorzinho de merda

2 sem Curtir Responder

Andrey
Só passei para ver a mulherada feminista e linda... só achei feministas! 🤔🤔🤔🤔🤔

2 sem Curtir Responder

Superfã
Rita De Cassia
Infelizmente ele segue sem qualquer arrependimento! O Santos não fez mais que mínimo, em rescindir o contrato! Essa declaração só me faz lutar cada vez mais pela voz ativa de nós mulheres. 😞😞

2 sem Curtir Responder

Daniela
Rita De Cassia
vamos continuar de olho, pq o contrato só foi suspenso por enquanto, ainda não foi cancelado de vez.

2 sem Curtir Responder

Adriely Bragatto
Rita De Cassia
e eu quero saber porque a mídia e o quebrando o tabu tbm não fala do treinador do santos que tbm já foi condenado por estupro de uma menina de 13 anos! Ele é protegido da mídia pelo que parece. Não devemos nos calar diante disso tbm.

2 sem Curtir Responder

Julio
Robinho preocupado com essa notícia



2 sem Curtir Responder

Superfã
Edson
Rita De Cassia
Xuxa fez filme adulto com criança...

2 sem Curtir Responder

2 sem Curtir Responder

Superfã
Edson
Erica Caruso
para de ser feminista .. É labradora... fica com com seu arco-iris mundo banal esse aí..

2 sem Curtir Responder

Erica
Para de ser feminista????!! Nunca!! Vc que devia aprender a ficar quieto qndo não tem nada de agradável ou com legalidade pra falar.

2 sem Curtir Responder

Superfã
Edson
Erica Caruso
mulher feminista é um porre... ainda mais xarope. Fala o que eu quero..

2 sem Curtir Responder

Erica
Ta bem meu querido, mas xarope eh com X tá .. mais uma dica

2 sem Curtir Responder

Superfã
Edson
Erica
ok e sapata é com S

2 sem Curtir Responder

Erica
Finalmente vc conseguiu expressar algo correto!!! 🙏🙏🙏🙏🙏

2 sem Curtir Responder

Superfã
Cecilia
Quando perguntarem para que serve o feminismo, vou usar de exemplo essa frase do Robinho. Vou dizer: Entre outras coisas, serve para fazer a infelicidade dos estupradores.

Superfã
Jacir
Rita De Cassia
me Feministas são aquelas sovoaco peludo que fazem protesto peladas nas ruas?

2 sem Curtir Responder

Neuzimar de
Edson Luiz , sempre aparece quem responsabiliza a vítima, sempre alguém pra passar pano... e quem ensina os agressores, os estupradores, os feminicidas, que não devem agredir, estuprar ou matar mulheres ? Que não importa se estão alcoolizadas, ou vestidas sensualmente e mesmo nuas, ou saindo sozinhas à noite, ninguém tem o direito de agredir, abusar ou matar ? Ninguém educou esse abusador ? Ele não teve família ? Ou arrogância machista mais uma vez falou mais alto e ele se achou no direito de abusar de uma mulher alcoolizada e vulnerável, pensando que não aconteceria nada ???

2 sem Curtir Responder

José Miguel
Rita De Cassia
me lembrando que o Santos só rescindiu pq perdeu patrocinadores. Em resumo, uma mulher foi estuprada, o estuprador solto e só recebeu uma punição pq outros deixaram de ganhar

2 sem Curtir Responder

Beta
Rita De Cassia
me exatamente!

2 sem Curtir Responder

ANEXO D – CONVERSAS EXTRAÍDAS DO FACEBOOK EM MARÇO/2020

Quebrando o Tabu
14 de março às 10:31

Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada no município e a segunda mulher mais votada ao cargo de vereadora em todo o país, atrás apenas de Rosa Fernandes. Na Câmara Municipal, presidiu a Comissão de Defesa da Mulher e integrou uma comissão composta por quatro pessoas, cujo objetivo era monitorar a intervenção federal no Rio de Janeiro, sendo escolhida como sua relatora. Era crítica da intervenção federal, assim como criticava e denunciava constantemente abusos policiais e violações aos direitos humanos.

Como vereadora, Franco também trabalhou na coleta de dados sobre a violência contra as mulheres, pela garantia do aborto nos casos previstos por lei e pelo aumento na participação feminina na política. Em pouco mais de um ano, redigiu e firmou dezesseis projetos de lei, dois dos quais foram aprovados: um que regulou o serviço de mototáxi e a Lei das Casas de Parto, visando a construção desses espaços cujo objetivo era fornecer a realização de partos normais. Suas proposições legislativas buscavam garantir apoio aos direitos das mulheres, à população LGBT, aos negros, moradores de favela e policiais.

2 anos sem saber quem mandou matar Marielle Franco.



Joao Lucas Furtado De Carvalho qd a pessoa refuta os fatos para basear suas opiniões, e a opinião na verdade retrata falta de empatia , essa opinião melhor ser expressada do vaso sanitário. 😊

2 sem. Curtir Mais

Mizael
Seria mais uma chata falando bobagem camara de deputados! Esse povo do Rio sabe nem vota!

2 sem. Curtir Mais

Maria
JoSi Vieira pelo visto as pessoas só fazem diferença se estiverem servindo vc né fofa
Vc vai ficar decepcionada quando descobrir que seu umbigo não é o centro da terra!

2 sem. Curtir Mais

Maria
Emilly Silvã tá querendo atenção né fofa
Só pensa que na sua vida
De mulher preta favelada ela fez bastante
Enquanto vc fala mal dela,outras mulheres como ela,continuo o legado p seus direitos como afrobrge favelada seja respeitadas!
Então só agradeça,e para de ser sebosal!

2 sem. Curtir Mais

Deivisor
Ana Benavente



2 sem. Curtir Mais

Escreva uma resposta... Responder

la-feira 30 de março

ando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada

Andressa
Ela foi um grande exemplo.



2 sem. Curtir Responder Mais

Cristian respondeu · 50 respostas

Wesley
Olha aí o pessoal que prometeu greve se matarem o gabriel monteiro reclamando do pedido de justiça por alguém que morreu por fazer denúncias sobre militares também.

2 sem. Curtir Responder Mais

Dinda



2 sem. Curtir Responder Mais

aur respondeu · 40 respostas

Henrique Almeida
A viúva já superou faz tmp...

necoconservadora



la-feira 30 de março

ando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada

IMAGINA PRA MARIELLE

2 sem. Curtir Responder Mais

8 respostas

Kázia
NÃO devemos deixar a nossa Marielle morrer dentro de nós! Juntas todos nós sabemos que somos invencíveis.

#ParaUmMundoMelhor #MariellePresente

2 sem. Curtir Responder Mais

Antonio Carlos respondeu · 7 respostas

Roberto



2 sem. Curtir Responder Mais

22 respostas

Armando



2 sem. Curtir Responder Mais

3 respostas

Superfã Gustavo

Feed de Notícias Amigos Watch Marketplace Notificações Menu

15 Segunda-feira 30 de março

Quebrando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada

de ratos.
Quando pequena, ela é muito útil para reduzir esses ratos e outras pestes. Mas depois de muito alimentada e crescendo, esta jibóia percebe que se tornou mais forte que quem a alimenta. Mas como recebe seu alimento em dia, fica de boa.
A partir do momento que o alimento acaba a jibóia (Estado) é impiedosa para matar e se alimentar de quem a alimentava.
Por isso não acredito que a solução contra as injustiças do Estado seja fortalecer ainda mais o Estado.

2 sem. Curtir Responder Mais

Cleiton [redacted]
18 anos se passaram e até hoje ninguém sabe quem matou ou quem mandou matar Celso Daniel e Toninho do Programa agrirá com 2 anos querem saber quem mandou ou quem matou Mariele foi uma perda sim e um dia ficaremos sabendo os verdadeiros culpados destas mortes.

2 sem. Curtir Responder Mais

João DaSilva respondeu - 1 resposta

Roberto [redacted]
Conheço mulheres muito, mais muito mais dignas que vivem no anonimato, e até conhecidas que merecem muito mais que essa aí

2 sem. Curtir Responder Mais

Superfã
Vinicio [redacted]



2 sem. Curtir Responder Mais

bara [redacted] respondeu - 36 respostas

Leila [redacted]
Ainda??? Até a viúva já superou e está noiva, É vcs nessa...

2 sem. Curtir Responder Mais

Assis [redacted], respondeu - 4 respostas

Feed de Notícias Amigos Watch Marketplace Notificações Menu

da-feira 30 de março

brando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais vota

2 sem. Curtir Responder Mais

Andersonsilva [redacted]
Gente essa já foi, infelizmente pq não falam das crianças da escola e etc

2 sem. Curtir Responder Mais

Guilherme [redacted]
Uma fatalidade! Cada munição de 9mm custa 5 reais!

2 sem. Curtir Responder Mais

Paulo [redacted]



2 sem. Curtir Responder Mais

Laura Duarte respondeu - 20 respostas

Foster [redacted]
O que ela fez de concreto para humanidade em?

2 sem. Curtir Responder Mais

Diana [redacted]
O caso que repercutiu mundialmente e que até hoje não acharam os culpados...#marielepresente

2 sem. Curtir Responder Mais

Luysy [redacted]
"um dia seremos só uma foto na instante de alguém, e depois nem isso seremos."

2 sem. Curtir Responder Mais

Felipe [redacted]
A galera precisa de tratamento urgente, antes que comece a passar para os filhos!! #MiliciaMata

2 sem. Curtir Responder Mais

Feed de Notícias Amigos Watch Marketplace Notificações Menu

nda-feira 30 de março

brando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais vota

Anderson - São dois anos sem saber.

2 sem. Curtir Responder Mais

Superfã
Laura [redacted]
Um salve para os "machos" que se morrerem pensam q as esposas entrarão numa eternidade sabática .. bjos

2 sem. Curtir Responder Mais

Marcos [redacted]
Interessantes como alguns que se dizem do "bem" são a favor de quem à matou.

2 sem. Curtir Responder Mais

Mirtes Toscano respondeu - 1 resposta

Marcos [redacted]
Quantas antas ainda teremos que suportar .

2 sem. Curtir Responder Mais

Maria [redacted]
Eu não me conformo com isso

2 sem. Curtir Responder Mais

Superfã
Solange [redacted]
Tão correta mas tinha o motorista que tbm morreu e não tinha registro na carteira, a família dela tá ótima de grana e a família do motorista quem vai fazer alguma coisa por ela, e tbm quem o matou?

2 sem. Curtir Responder Mais

Superfã
Roseli De [redacted]
Não querido...ela ousou enfrentar a milícia....e sabe quem são os amigos dessa milícia?? Sabe o Adriano aquele que foi queima de arquivo, sabe amigo de quem ele era??

2 sem. Curtir Responder Mais

Divinha [redacted]
Um elefante incomoda muita gente dois elefantes incomodam muito mais ...vai saber né ???algun graudo está por trás disso

2 sem. Curtir Responder Mais

Jucilda [redacted]
Ta cheio de [redacted] na área!

Feed de Notícias Amigos Watch Marketplace Notificações Menu

nda-feira 30 de março

brando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais vota

2 sem. Curtir Responder Mais

Valeria Braz respondeu - 1 resposta

Fabiano [redacted]
Um cone.
Temos de saber quem mandou e temos de saber o por que ..

2 sem. Curtir Responder Mais

Fabiano Sampaio respondeu - 3 respostas

Superfã
Adriano [redacted]
Quem anda com porcos farelo come

2 sem. Curtir Responder Mais

Oldemar [redacted]
Embaixatriz do narcotráfico

2 sem. Curtir Responder Mais

Felipe [redacted]
Ela não pode nem mais se bronzear em paz Kk

2 sem. Curtir Responder Mais

Evanildo [redacted]
Orgulho dessa mulher !!!! Poderia ter feito muito mais . O povo faz comparação dela com outras , mas aprendam : todos foram importantes , o fato é que ela foi assassinada por autoridade politica !!!!! Entendeu gado

2 sem. Curtir Responder Mais

Erlon Lucas [redacted]
Quem é essa msm?

2 sem. Curtir Responder Mais

Fabiano [redacted]
Vc só tem saudades se conviveu. O resto é nada.

2 sem. Curtir Responder Mais

Luciano [redacted]
Quem é Marlene ?

2 sem. Curtir Responder Mais

Rogério [redacted]
No Brasil número de votos não é mérito pra ninguém, foi só mais uma "Tiririca" eleita.

Feed de Notícias Amigos Watch Marketplace Notificações Menu



Quarta-feira 30 de março

brando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada

demagogos, antes de morrer ninguém conhecia, basta morrer pra virar notícia.

2 sem. Curtir Responder Mais

Maris



2 sem. Curtir Responder Mais

Jenice

Esta milícia que deu jeito de calar está vereadoras poderosíssima é bem protegida, é bem mau complexo do que imaginamos, tem coisa podre aí gente.

2 sem. Curtir Responder Mais

Marcelo

Feminista contra a polícia a favor do aborto direitos humanos pra criminosos resumindo só defencia que não prestava, queima de arquivo. Mas e assim mesmo merda atrai morte de moças esquerdista e tudo acéfalo pensamentos e deuses inocuos, não vi uma feminista protestar contra o casal de lésbicas que mataram o menino Rhuam silêncio e total a hipocrisia é enorme. Saudade quando esse lixo estava vivo e ninguém sabia quem era



2 sem. Curtir Responder Mais

Eder

Dezenas de pessoas boas a más perdem sua vida todos os dias em nosso país, cu não entendo esse sensacionalismo feito em torno dessa morte !!

2 sem. Curtir Responder Mais

Feed de Notícias Amigos Vídeos Mensagens Notificações Menu

Quarta-feira 30 de março

brando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada

Assim são os membros do PSOL, partido apaixonado pela proes quadrinas desse país. Porém quanto mais vos batem, mais apanham.

2 sem. Curtir Responder Mais

Marcone

Essa Defencia a legalização dá maconha e outras drogas, defendia o fim dá polícia militar, era a favor do aborto indiscriminado, resumo, já foi tarde.

2 sem. Curtir Responder Mais

Lucia

Anderson Gomes tinha 39 anos e também era motorista da Uber. Há dois meses ele trabalhava para a vereadora Marielle Franco, substituindo o motorista oficial da parlamentar, que se acidentou. Para Anderson era um bico, um dinheiro extra que ele ganhava para ajudar na criação do filho Artur, de um ano de idade.

Anderson morreu enquanto trabalhava. Morava com a esposa e com o filho no bairro de Inhaúma, na zona norte do Rio. Atingido com 3 tiros nas costas, ele foi vítima do crime político que levou à sua execução e a de Marielle Franco. O carro em que os dois estavam foi alvejado, no total, com 13 disparos.

Hoje faz dois anos que a família de Anderson não sabe quem o matou. Quem matou Anderson Gomes?

2 sem. Curtir Responder Mais

Miguel

Alguém sabe informar se é vdd? 😞😞😞

Infelizmente em prol q ajudaram a financiar sua campanha para vereadora tava a Glória não resolve se não no caso de chefão do tráfico Marcinho VP, está sentada a encarcerada e família do (PSOL) Marielle Franco.

Vereadora Marielle e Marcinho VP.



2 sem. Curtir Responder Mais

Lucia

Anderson Gomes tinha 39 anos e também era motorista da Uber. Há dois meses ele trabalhava para a vereadora Marielle Franco, substituindo o motorista oficial da parlamentar, que se acidentou. Para Anderson era um bico, um dinheiro extra que ele ganhava para ajudar na criação do filho Artur, de um ano de idade.

Anderson morreu enquanto trabalhava. Morava com a esposa e com o filho no bairro de Inhaúma, na zona norte do Rio. Atingido com 3 tiros nas costas, ele foi vítima do crime político que levou à sua execução e a de Marielle Franco. O carro em que os dois estavam foi alvejado, no total, com 13 disparos.

2 sem. Curtir Responder Mais

Feed de Notícias Amigos Vídeos Mensagens Notificações Menu

Quarta-feira 30 de março

brando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada

mas para todos os casos... infelizmente o caso Marielle ja virou foi briga politica da esquerda contra a direita...ai vem um monte de brasileiros que nem sabiam quem era ela falar um monte de merda...

2 sem. Curtir Responder Mais

Superta

Michelis Missão falhada kk



2 sem. Curtir Responder Mais

Giovani



2 sem. Curtir Responder Mais

Superta

Paulo Teixeira

João Magalhães

Qual a diferença de crentes com crentes?

Cristão segue Jesus e crentes seguem pastores que usa a bíblia para ganhar dinheiro e apoiar os militantes políticos das armas!

2 sem. Curtir Responder Mais

Feed de Notícias Amigos Vídeos Mensagens Notificações Menu

Quarta-feira 30 de março

brando o Tabu - Com mais de 46 mil votos, foi a quinta candidata mais votada

Baby

Não tenho nem um tipo de emoção consideração por essa aí, mas tá na cara que polícia milícia matou ela por ter descoberto algo esquema, ela não ligou pelo povo mas sim por uma ideologia que não agrega em nada ao povo brasileiro.

2 sem. Curtir Responder Mais

Superta

Leno

Não foi morta porque era mulher, negra, homossexual e dizia ser favelada... se fosse homem, heterossexual, loiro, morador do Leblon teria sido morto do mesmo jeito porque estava contrariando interesses de poderosos no Rio. Essa martirização não me convence. Aguardamos a polícia carioca solucionar o caso, assim como aguardamos a solução de tantos outros.

2 sem. Curtir Responder Mais

Luciano

Sem comentários!!! 😞



2 sem. Curtir Responder Mais

Marcelo respondeu · 5 respostas

Antônio

Ela tava tomando espaço, fortíssima candidata a deputada Federal. Poderia tirar a vaga de alguém do seu partido nas proximas eleições. Já ouviu falar em fogo amigo? Bando de inocentes....

2 sem. Curtir Responder Mais

Leandro

O engraçado é a gente eleger um presidente da República que foi eleito com um discurso dizendo que a Ditadura militar matou pouco, que deveria ter matado pelo menos mais umas 30 mil pessoas, e derrepente, o tal do Roni Lessa é vizinho no condomínio onde mora o cara... gente... fala sério...

2 sem. Curtir Responder Mais

Ver mais comentários...

Feed de Notícias Amigos Vídeos Mensagens Notificações Menu

nda-feira 30 de março

Respostas

Respostas ao comentário de Luciano na publicação de Quebrando o Tabu Ver publicação

Luciano [redacted]
Sem comentários!!! 😊



2 sem. Curtir Mais

Superfã
Marcelo [redacted]
Luciano Gueiros preguiça de gente burra que não sabe usar o Google pra não passar vergonha...

2 sem. Curtir Mais

Superfã
Marcelo [redacted]
<https://plaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/13/verificamos-marielle-franco-marcinho-vp/>



[Agência Lupa] #Verificamos: Post falso...
plaui.folha.uol.com.br

2 sem. Curtir Mais

Luciano [redacted]
Marcelo Uchoa Folha de S. Paulo? Kkkk

2 sem. Curtir Mais

Superfã
Marcelo [redacted]
Está na Veja, Exame, Aos fatos, etc... Mas o que vale mesmo é a notícia do Whatsapp né? Vc que é tão ligado em fontes, me fala qual é a dessa foto pfv

2 sem. Curtir Mais

Superfã

Feed de Notícias Amigos Watch Marketplace Notificações Menu